

**Denise Falcão**

**EXPERIÊNCIAS DE MOCHILEIROS**

**Sentidos e Significados em uma Dinâmica de Lazer na Sociedade Contemporânea**

**Belo Horizonte**

**Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG**

**2013**

**Denise Falcão**

**EXPERIÊNCIAS DE MOCHILEIROS**

**Sentidos e Significados em uma Dinâmica de Lazer na Sociedade Contemporânea**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Estudos do Lazer – Mestrado em Estudos do Lazer/UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lazer.

Área de concentração: Lazer, Cultura e Educação

Orientador: Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques

**Belo Horizonte**  
**Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG**  
**2013**

S178e  
2013

Falcão, Denise

Experiências de mochileiros: sentidos e significados em uma dinâmica de lazer na sociedade contemporânea. [manuscrito] /Denise Falcão – 2013.

162 f., enc.:il.

Orientador: Walter Ernesto Ude Marques  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.  
Bibliografia: f. 156-160

1. Lazer – Teses. 2. Alteridade – Teses. 3. Subjetividade - Teses. 3. Viagens – Teses. I. Marques, Walter Ernesto Ude. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.



ATA DA 63ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DENISE FALCÃO

Às 14h00min do dia 1 de março de 2013 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho *Experiências de mochileiros: sentidos e significados em uma dinâmica de lazer na sociedade contemporânea* requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques (Orientador)	X	
Profa. Dra. Christianne Luce Gomes (UFMG)	X	
Prof. Mauricio da Silva Neubem (UnB)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: Aprovada

O resultado final foi comunicado publicamente para a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 1 de março de 2013.

Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques (Orientador)

Profa. Dra. Christianne Luce Gomes (UFMG)

Prof. Mauricio da Silva Neubem (UnB)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional  
Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer  
Área Interdisciplinar

Dissertação *Experiências de mochileiros: sentidos e significados em uma dinâmica de lazer na sociedade contemporânea* de autoria da mestranda Denise Falcão defendida e aprovada em 1 de março de 2013, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e submetida à banca examinadora composta pelos professores:

Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques (Orientador)  
Faculdade de Educação  
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Christianne Luce Gomes  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional  
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Maurício da Silva Neubert  
Instituto de Psicologia  
Universidade de Brasília

À minha querida avó, Maria da Gloria, que com sua força e alegria em viver  
deixou um legado de amor e perseverança.  
Hoje, no dia do seu aniversário, lhe presenteio com este trabalho  
que é fruto de muita dedicação.  
Sei que estás feliz por isso!

## AGRADECIMENTOS

Ao meu querido orientador, Walter Ude, por ter tecido comigo uma relação de orientação e amizade pautada na dedicação e compreensão diante a dialética construção do conhecimento e da vida, por ter acreditado e confiado no estudo proposto, ajudando-me a caminhar em direção ao amadurecimento acadêmico. Agradeço também por ter me dado a mão frente às reviravoltas da vida, não me permitindo desanimar nos momentos difíceis. Por tudo isso e muito mais...o meu *muito obrigada!*

Aos meus pais, Alice e Valmyr, por acreditarem incondicionalmente em todos os projetos que empreendi na vida. Obrigada pelo amor e cuidado que, durante todos esses anos, ajudaram-me a construir e seguir uma vida com coragem e confiança.

Às minhas irmãs, Cristina e Sandra, que tanto amo, e que sempre me deram força nos caminhos trilhados. Em meio as nossas diferenças sempre nos compreendemos e compartilhamos a vida.

Aos meus sobrinhos, cunhados e agregados que formam esta “grande pequena” família, pelo apoio e confiança.

Aos amigos que conquistei durante o mestrado que, entre livros, discussões, copos e gargalhadas, ajudaram-me tanto a ampliar os meus conhecimentos acadêmicos, quanto a construir um novo círculo de fortes e verdadeiras amizades. Valeu Iara, Marcília, Malabi, Amanda, Rafael, Claudio, Cesar, Karla, Suzana, Rogerio, Gelka, André, Vinícius e tantos outros. Valeu galera!

Aos grupos de estudos NEPPCOM (FaE/UFMG) e OTIUM (EEFFTO/ UFMG), por proporcionarem discussões fervorosas que muito me ajudaram neste processo de construção do conhecimento.

Aos mochileiros que fizeram parte desta pesquisa, que por meio de suas disponibilidades, possibilitaram-me, de forma surpreendente e divertida, conhecer a fundo este fascinante universo das viagens de mochila em seus múltiplos olhares.

A todos os professores de mestrado em Lazer e Antropologia que tive o privilégio de conviver e aprender com seus olhares e conhecimentos sobre o mundo.

À CAPES, pela bolsa de mestrado concedida.

Aos meus amigos de fé e irmãos camaradas que me apoiaram, incentivaram e compreenderam minha ausência, em diversos momentos, nesse turbulento processo de escrita desta dissertação.

Aos amigos que, durante esses dois anos, apesar das diferenças ideológicas e diversidade de conhecimento, se interessaram, me ouviram e discutiram minha pesquisa, trocando comigo experiências e inquietações. Um obrigada especial à Cecília Ladeira, à Flavia Lamounier, à Lyvia Pinheiro e ao Fagner Delazari.

À Luciana Mariz que, com sua competência e amizade, revisou essa dissertação, ajudando-me a melhorar meu entendimento da língua escrita. Obrigada pelos dias de férias dedicados a este ofício.

Ao Itamar que, em tempo recorde, fez a tradução do resumo deste trabalho.

À Juliana Garcia por me apresentar e me encantar com o universo antropológico. A semente germinou.

À Ana Solari que muito me ajudou a compreender termos e contextos em espanhol que eu desconhecia.

Enfim, a todos que me ajudaram de alguma forma, contribuindo para que essa pesquisa se tornasse viável, possibilitando assim meu crescimento pessoal e profissional.



## RESUMO

Esta pesquisa apresenta como foco de investigação os mochileiros em suas práticas de viagens de mochila. Para isso, adotou como ponto central da discussão produzida o sujeito em sua mediação com o mundo que, através de sua atividade, é capaz de auto-expressar-se transformando a si e a sociedade, de forma alternativa, reflexiva e recursiva. O diálogo se estabeleceu numa perspectiva policêntrica, sendo desenvolvido no Mestrado Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG, o que permitiu adentrar nos campos de estudos da antropologia, da sociologia, da psicologia social, do turismo e do lazer, numa tessitura transdisciplinar que reconhece o sujeito em sua prática evocando sua dimensão incompleta, dinâmica e complexa. Foram utilizados, como aporte teórico, o Pensamento Complexo e a Teoria Histórico-cultural, que possibilitaram uma articulação de elementos, já que não concebem os componentes de um fenômeno de uma forma hierarquizada, mas como uma interdependência dialógica entre eles. Nessa perspectiva, este estudo procurou desvelar, por meio das subjetividades constituintes dos sujeitos, os sentidos e os significados que o modo e a experiência de viajar de mochila constituem para os mochileiros, levando em conta sua história, sua cultura e sua mediação com o mundo contemporâneo. No processo de interpretação e análise dos dados, dois eixos norteadores foram desvelados: *o primeiro eixo* evidenciou a atividade em si, realizada por esses sujeitos, revelando quais os significados sociais e pessoais constitutivos da mochilagem e *o segundo eixo* circunscreveu-se no sujeito produtor dessa atividade, com o objetivo de conhecer quais os sentidos e significados construídos pelos mochileiros em suas práticas. Desse modo, foram consideradas algumas tensões existentes dessa prática de viagem na sociedade contemporânea verificando que os mochileiros não compactuam com a transformação das viagens em mercadorias a serem consumidas. Eles compreendem essa prática como uma experiência de vida na qual constroem significados que dão sentido à sua existência, de uma maneira singular.

**Palavras-chave:** Mochileiros. Alteridade. Subjetividade. Antropologia. Lazer Contemporâneo.

## ABSTRACT

This research focuses on studying backpackers on their customary trips. The central discussion point to do so is the individual and its interaction with the world which, through actions, is able to express itself changing itself and society in an alternative, reflexive and recursive way. The polycentric perspective dialogue was developed at the Interdisciplinary Graduate School of Leisure – UFMG, which made it possible to enter the fields of anthropology, sociology, social psychology, tourism and leisure; a transdisciplinary approach which acknowledges the individual and evokes its incomplete, dynamic and complex dimension. The theoretical framework of this study relies on the Complex Thinking and the Cultural-Historical theories, which provided an articulation of the elements since those theories do not conceive a hierarchical arrangement in a phenomenon, but rather a dialogical interdependence among them. From such perspective, this study aimed at revealing, through the subjectivity of the individuals, the senses and significances of experiencing backpacking and what it represents to backpackers. Their history, cultural background and interaction with the contemporary world are therefore taken into account. In the process of interpreting and analyzing the data, two guiding principles were applied: the first focused on the activity itself carried out by those individuals and revealed the personal and social meanings of backpacking. The second principle confined to the individual producer of such activity, aiming at discovering the senses and significances made by backpackers and their practices. Thus, some existing concerns of this traveling practice in our contemporary society were considered and it was verified that backpackers do not see traveling as mere products of consumerism. On the contrary, they perceive it as a life experience to which they give meaning in a very particular way.

**Keywords:** Backpackers. Otherness. Subjectivity. Anthropology. Contemporary Leisure.

A possibilidade é o movimento do mundo.  
Boaventura Santos

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>1. VIAGEM, TURISTAS E MOCHILEIROS: NOÇÕES PRELIMINARES DIANTE DE COMPLEXAS RELAÇÕES</b> .....	<b>18</b>
1.1 Viagens: possíveis trajetórias frente ao inesperado .....	19
1.2 Entre viajantes e turistas: uma sutil diferenciação .....	28
1.3 Mochileiros: múltiplas configurações em um caleidoscópio de significados .....	32
<b>2. CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO, EXPERIÊNCIA E SUBJETIVIDADE</b> .....	<b>44</b>
2.1 Tensões emergentes na configuração do sujeito mochileiro .....	51
<b>3. TRAJETOS, PERCUSOS E PERCALÇOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>66</b>
3.1 Aproximação do campo de pesquisa: transitar entre a prática e a reflexão – uma trilha acadêmica .....	66
3.2 Paraty, Córdoba e Rosário – entre cenários históricos e naturais .....	69
3.3 “Quase grupos”: a estratégia para circunscrever campos e sujeitos .....	79
3.4 Multimétodos e a complexa interrelação entre eles .....	85
3.5 Relatos dos percursos nos campos da pesquisa .....	89
<b>4. MOCHILAR: SIGNIFICADO SOCIAL E PESSOAL</b> .....	<b>96</b>
4.1 Aventura .....	97
4.2 Liberdade .....	100
4.3 Experiência de Alteridade .....	105
4.4 A sede do infinito .....	109
4.4.1 A imensidão do infinito: significados ao alcance dos olhos e das lentes .....	110
<b>5. MOCHILAR: UMA ARTE PARA VIVER E SE CONHECER</b> .....	<b>117</b>
5.1 Nos primórdios das experiências .....	117
5.2 Aventura e risco: o feito heróico em busca da felicidade .....	121
5.3 O sentido de estar só: a decisão ao alcance da mão .....	127
5.4 A coletividade singular dos mochileiros: (com)vivências em hostels .....	130

5.5 O passaporte de sonhos: a mochila .....	133
5.6 A emergência do sujeito no prazer de mochilar: transgressões e aprendizagens.....	135
5.6.1 Transgressões ao sistema: possibilidades de (sobre)vivências.....	141
5.7 Lazer e Subjetividade: uma perspectiva constituinte para o sujeito .....	146
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>151</b>
<b>7. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>158</b>
ANEXO 1 .....	163
ANEXO 2 .....	164

## INTRODUÇÃO

O percurso percorrido para a construção desta pesquisa advém de um conjunto de experiências profissionais, acadêmicas e pessoais relacionado à realização de viagens que culminaram na escolha da prática de mochilagem como tema de investigação deste trabalho.

Em minha experiência profissional na área de educação física e do lazer durante mais de 20 anos, foi recorrente o desenvolvimento de trabalhos nos quais a viagem se fazia presente (excursões, trabalhos de campo, atividades na natureza, esportes radicais etc.). Na vida acadêmica, nos últimos anos, investi nos estudos do campo interdisciplinar do lazer para desenvolver esta pesquisa de mestrado. Aliado a isso, na minha vida pessoal, sempre viajei para distintos destinos com o propósito de conhecer outros lugares, outros povos e outras manifestações culturais. Desse modo, a viagem, em suas distintas possibilidades, sempre se fez presente em minha história.

A percepção pessoal de que a experiência de viagem, num deslocamento de tempo/espço descontínuo, afeta o sujeito de forma mais contundente, me aproximou do instigante aspecto relacional e de aprendizagem que as viagens proporcionam.

A escolha pelos mochileiros como sujeitos desta pesquisa veio com o questionamento sobre a forma como que eles viajam. Seria uma forma “mais relaxada”, “menos padronizada”, para tensionar o modelo hegemônico de experienciar as viagens turísticas? Diante disso, nessa pesquisa, tive como objetivo desvelar alguns indícios que apontassem para os sentidos e os significados que são constituídos pelos mochileiros em suas experiências de viagem.

Para tanto, adentrei os campos de estudos da antropologia, da sociologia, da psicologia social, do turismo e do lazer, para, numa tessitura transdisciplinar, discutir o sujeito em sua prática.

Assumo o sujeito como posição central nesta investigação. Para isso, foi necessário considerar a intrínseca relação mediada entre o sujeito e sua ação no mundo de forma reflexiva (GIDDENS, 2002) e recursiva (MORIN, 1990), que transforma o sujeito e a sociedade simultaneamente.

Para compreender o sujeito em sua incompletude, em sua dinamicidade e em sua complexidade, utilizei como solo epistêmico a Teoria Histórico-cultural, e o Pensamento Complexo. Essas duas correntes de pensamento se fundamentam numa perspectiva dialética que reflete, entre outras tensões, o jogo produzido entre distintos referenciais de identidades e alteridades constituintes da subjetividade do sujeito. Assim evidencio que a proposta desta pesquisa representa uma articulação de elementos, entre os quais não há hierarquização de componentes, mas uma interdependência entre eles.

Desse modo, procurei, por meio das multimetodologias utilizadas, alinhar a teia inesgotável de elementos que se relacionavam para constituir a “cultura backpacker<sup>1</sup>” (SORENSE, 2012) e assim trazer à tona os sentidos e os significados que a forma e a experiência de viajar de mochila constituem para os mochileiros, levando em conta sua história, sua cultura e sua mediação com o mundo contemporâneo.

Para organizar o conjunto desta investigação, utilizei o seguinte desenho nesta dissertação:

**No capítulo 1** dediquei-me a situar o leitor na perspectiva que a pesquisa se posicionou diante das viagens e do ato de viajar. Por meio de uma revisão bibliográfica cuidadosa, procuro levantar elementos constituintes e formadores do imaginário social acerca das viagens e algumas categorias que se mostraram relevantes, para este estudo, suscitadas no decorrer das leituras realizadas e do contato com o campo de pesquisa. As histórias de viagens muitas vezes confundem-se com a própria história da humanidade. Aponto também uma tensão e uma diferenciação entre os termos turista e viajante, que por serem construções sociais, sugerem valores e preconceitos, admitindo pertencimentos e repulsas por quem os utiliza. No último subitem faço um levantamento do estado da arte sobre os estudos referentes aos mochileiros procurando ampliar a visão relativa a esse segmento turístico e/ou este estilo de vida.

**No capítulo 2** apresento o aporte teórico da pesquisa. Nele procuro desvelar indícios para compreender a constituição do ser mochileiro. Para isso, aprofundo o estudo na constituição da subjetividade e no processo de individuação do sujeito a partir da

---

<sup>1</sup> Backpacker é a tradução para mochileiro em inglês.

mediação sujeito-mundo. Adentro diferentes campos de estudos para buscar uma visão complexa do ser humano por meio de diferentes olhares. Aponto a tensão existente entre o sistema capitalista, que tenta homogeneizar os seres humanos, e as estratégias criadas por esses sujeitos no intuito de transgredir o sistema na busca de constituir atividades singulares de um modo peculiar. Desse modo, a vivência da experiência de alteridade propicia o encontro consigo mesmo.

**No capítulo 3** descrevo o percurso metodológico da pesquisa. Revelo o caminho que permitiu minha aproximação com o tema da investigação. Relato os motivos das escolhas das localidades pesquisadas bem como a difícil tarefa para circunscrever estes sujeitos que não se encontravam em nenhum espaço delimitado, estando sempre em movimento e de passagem. Devido à sua natureza qualitativa, esta pesquisa utilizou multimétodos (Pesquisa bibliográfica; Pesquisa de campo exploratória; Observação de campo; Entrevista semiestruturada; Amostragem pelo método bola de neve; Registro fotográfico e Análise de conteúdo), no intuito de garantir qualidade na compreensão interpretativa dessa experiência humana. Utilizei diversas “fontes de evidências” (Yin, 1989) para aquisição dos dados a serem analisados e interpretados, possibilitando assim uma gama maior de visões sobre o fenômeno.

**No capítulo 4** dedico-me a explorar os indícios desvelados pelo primeiro eixo norteador desta pesquisa. Esse eixo se propõe a discutir a atividade de mochilagem em si. Ou seja, procura compreender quais os significados sociais e pessoais constitutivos das viagens de mochila. Para isto, o universo pesquisado dos mochileiros foi ampliado envolvendo outros sujeitos que se relacionavam com essa prática. A ampliação teve o intuito de angariar elementos que compõem a cultura dos mochileiros e suas representações simbólicas, evidenciando assim traços de significação dessa prática. As quatro categorias que se mostraram relevantes na construção social da viagem de mochila e foram analisadas são *aventura, liberdade, experiência da alteridade e “sede do infinito”*.

**No capítulo 5** apresento o segundo eixo norteador da investigação. Este eixo foi balizado a partir da relação do sujeito com sua atividade. Ou seja, procurou identificar quais os sentidos e significados construídos pelos mochileiros em suas práticas. Nesse



ponto, evidencio a “emergência do sujeito” (REY, 2003; 2004), como ponto central, desencadeada pelo processo de escolhas, que ele vivencia, tensionando e transgredindo o sistema vigente. Alguns dos elementos que propiciavam a constituição desse sujeito ativo, nessa atividade, foram revelados neste estudo, como *a construção da confiança básica, o feito heróico em busca da felicidade, o realizar sozinho que mostra o caráter temporário e dialético do estar/permanecer só bem como do estar/permanecer acompanhado, a busca dos sonhos sem fim, as formas alternativas de (sobre)vivências e a fruição do lazer como constituinte do ser humano*. Nesses processos de aprendizagem geradores de autoconhecimento, o mochileiro parece libertar-se das coerções sociais na medida em que é capaz de autoexpressar-se em sua relação com o mundo no exercício de sua atividade.

**Nas conclusões finais** exponho uma síntese dos pontos relevantes apresentados por este estudo e aponto possíveis indicadores para novas investigações. Todavia, como todo trabalho que se propõe a estudar o sujeito em sua complexidade e em sua incompletude, evidencio pontos que podem ser explorados com mais profundidade. Reconheço que apesar do esforço empreendido, é impossível abarcar todos os olhares pertinentes a essa prática.

Sendo assim, entendo que este estudo criou subsídios capazes de ampliar a visão acerca das práticas de viagem, em especial da viagem de mochila. Defendi e persegui, juntamente com os mochileiros, uma proposta de mudança radical do olhar mercantilizado promovido pela indústria turística, empreendendo um olhar pela perspectiva da subjetividade e da experiência de vida. Desse modo, postulo a viagem de mochila como uma forma de fruição de lazer que se ancora na perspectiva relacional e cultural desse fenômeno.

## 1. VIAGEM, TURISTAS E MOCHILEIROS: NOÇÕES PRELIMINARES DIANTE DE COMPLEXAS RELAÇÕES

A produção deste capítulo representa um esforço em disponibilizar uma gama de múltiplos olhares acerca dos viajantes e o ato de viajar, pois esta intrínseca relação sujeito-ação engendrou trajetórias humanas que ultrapassam o lugar comum da vida cotidiana. Em muitos casos as histórias de viagens confundem-se com a própria história da humanidade (BARBOSA 2002, p.16).

Em diversos campos de estudos, pode-se observar as viagens como marco para explicar, exemplificar, ou ainda, mistificar essa atividade humana como uma necessidade de circulação de pessoas, de cultura, de ideias. Por meio do reconhecimento dessa circulação me deparei com algo caro a este estudo: a experiência da *alteridade*<sup>2</sup> e, junto com ela, a influência que o encontro com o Outro implica a constituição de um sujeito que se depara com seu inacabamento.

Compreendendo a viagem para além do deslocamento tempo/espaço, procuro tratá-la como uma experiência<sup>3</sup> de vida, pois ao remeter o viajante a uma profunda modificação espaço-temporal, rumo a um espaço e tempo descontínuos, tem-se um duplo estranhamento provocado: a experiência do ser e do estar diferente de si mesmo e do Outro (PEREZ, 2009 p.292), que se mantém presente no imaginário das sociedades e na motivação dos sujeitos.

Neste capítulo ainda, discuto a tensão existente entre a utilização dos termos bem como o pertencimento dos sujeitos expressos nestas categorias: turistas e viajantes. Além disso, objetivo, através deste levantamento conceitual bibliográfico e emocional empírico, discutir essa diferenciação, a qual se constitui socialmente, e as possíveis implicações para os sujeitos envolvidos frente a sua identificação.

No terceiro subitem intenciono contextualizar, por meio de uma revisão do estado da arte dos estudos acerca dos mochileiros, como essa categoria foi se constituindo ao

---

<sup>2</sup> Adoto o termo alteridade como o estudo do Outro, entendido como outra sociedade, outra cultura, outro grupo social; enfim, aquele que se apresenta de forma diferente de mim. Discuto mais profundamente esse conceito no capítulo 2.

<sup>3</sup> O termo experiência circunscreve uma realidade vivida por uma pessoa. É o que o próprio sujeito sente e vivencia. Discuto mais profundamente esse conceito no capítulo 2.

longo da história e se situa hoje, nas sociedades contemporâneas. Procuro sinalizar os indicadores encontrados que, de alguma forma, possibilitam sustentar essa prática como uma atividade que gera sentidos e significados singulares para aqueles que a usufruem. Faço isso levando em consideração as contradições existentes nas atuais sociedades, que, inserida num formato capitalista de produção/consumo, tende a anular a singularidade do sujeito através da promoção massificada da reprodução de valores hegemônicos.

Sendo assim, faço uma tessitura entre as viagens, os viajantes, os turistas e os mochileiros, levantando uma teia inesgotável de elementos para uma possível construção social simbólica desta prática – *a viagem de mochila*.

### **1.1 Viagens: possíveis trajetórias frente ao inesperado**

[Era uma vez...] Assim começo esta narrativa eliminando, de forma consciente, o possível tempo real, que muitas vezes se mostra compreendido como linear na produção de histórias apresentadas como relatos inquestionáveis. Utilizo de lugares habitados e/ou configurados no imaginário social - em algum lugar distante - para situar histórias e contextos que continuam perpassando há muitas gerações.

Para ilustrar a perspectiva da narrativa que me proponho construir, neste trabalho, trago algumas histórias que circulam pelo mundo (ou pelo menos por parte dele). Histórias que tentam explicar fenômenos e acontecimentos do cotidiano das pessoas com certa racionalidade, como também de forma mítica ou religiosa. Histórias que narram uma visão de mundo (muitas vezes marcadas pelo olhar ocidental) e de seu desenvolvimento. Busco os possíveis significados que delas emergem. Então, ciente de que, mais do que fatos, coloco aqui versões, passo a desenvolver uma possível narrativa acerca das viagens contadas e recontadas em distintos contextos, no decorrer da história.

Uma viagem de que se tem conhecimento é narrada pela ótica mítica religiosa do mundo ocidental cristão. Trata-se da expulsão de Adão e Eva do Paraíso por romperem com uma norma vigente. Eles (Adão e Eva - os transgressores) são obrigados a se retirar do Éden aventurando-se num mundo desconhecido e cheio de incertezas. A breve

descrição desse cenário histórico me remete, aqui, a três categorias de grande valia para esta pesquisa: *transgressão, aventura e incerteza*.

A mitologia intenta explicar fenômenos e acontecimentos do cotidiano por meio de metáforas e visa, muitas vezes, dar sentido à origem dos seres e do mundo. Desse modo, muitos são os casos em que a viagem representa a capacidade do mito realizar seu feito. Hermes, o deus viajante, deus dos comerciantes, deus dos ladrões, paradigma da astúcia, pertencente à mitologia grega, tem como grande habilidade estar em eterno movimento. Sua imagem é representada por pés alados: pés para assentar-se na terra, e asas para sair dela. A mobilidade representa a sua grande característica. Ao transitar entre o céu e a terra, leva mensagens dos Deuses aos homens possibilitando essa troca de informações e torna-se especial por dialogar entre dois mundos (portal São Francisco<sup>4</sup>, 2012; ALVES, 2008). Observo, então, a viagem como movimento e possibilidade de interpretação<sup>5</sup>/tradução de dois mundos distintos, ou seja, uma *aprendizagem*.

Outro exemplo narrado pela ótica cristã que se evidencia, por meio de uma viagem, caracterizada por um grande *feito heroico*, é a história/o mito da arca de Noé (Genesis, cap VI ao IX). Para fugir do dilúvio, Noé, um homem justo e de fé, recebe a incumbência de construir uma embarcação (a arca) para transportar dentro dela um casal de cada espécie de animal que habitava a terra, incluindo o ser humano. Nesse caso, a relação com a viagem se estabelece pela busca da sobrevivência e pela manutenção das espécies. Tem-se a viagem como uma *necessidade humana*<sup>6</sup>.

Nesse cenário, sob a ótica das migrações ocorridas na pré história, encontram-se as histórias dos povos nômades, que representam populações do tipo caçadores-coletores ou pastores, que mudavam constantemente de lugares em busca de melhores condições de vida e sobrevivência para seus povos (MENEZES, 2006). Destaco, assim, mais duas categorias: *aprendizagem e necessidade humana*.

---

<sup>4</sup> [www.portalsaofrancisco.com.br/](http://www.portalsaofrancisco.com.br/)

<sup>5</sup> Essa capacidade interpretativa de possibilitar a conexão dos seres humanos ao divino inspirou a criação da metodologia hermenêutica, que se dedica à exegese dos textos antigos especialmente dos textos bíblicos (JAPIASSU e MARCONDES, 1993).

<sup>6</sup> Utilizo o termo necessidade segundo Max-Neef; Elizalde e Hopenhyan (1986, p.34) quando pontuam que toda necessidade possui “uma dupla condição existencial: carência e potência”. Discuto mais profundamente esse conceito no capítulo II.

Durante a Idade Média, num contexto marcado claramente por uma narrativa eurocêntrica<sup>7</sup>, destaca-se um elemento que se apresentava muito presente no cotidiano das pessoas: o *medo* (FIGUEIREDO, 2010). Os aspectos social e religioso, daquela época, configuraram um panorama em que a Igreja praticava fortemente o controle da moral e dos bons costumes em defesa de uma suposta paz. Essas crenças se tornaram uma exigência para as almas que poderiam habitar o céu. Do contrário, estariam condenadas ao inferno ou ao purgatório. O medo da morte, ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, constringia a expansão dos povos; também impulsionava as viagens. Essa outra face da excitação pelo *risco* diante do medo torna-se fortemente motivadora, pois exigia a superação pela fé, já que segundo Paul Ricoeur (1977), “a fé gera esperança”.

Muitos dos viajantes daquela época eram peregrinos que iam visitar os santuários cristãos, em diversas localidades, como na Terra Santa, em Jerusalém, em Roma e em Santiago de Compostela. Os peregrinos, que circulavam a Europa, costumavam andar em grupos, na tentativa de propiciar maior segurança para seus percursos, pois eram frequentes os assaltos durante os trajetos de longo deslocamento. Nesse aspecto, o risco era enfrentado pela fé e aventurar-se ao longo do caminho representava sua capacidade de suportar os sacrifícios envolvidos nas suas jornadas bem como demonstrava a *capacidade de superação* dos percalços de suas peregrinações.

As viagens, que se destinavam para além mar, eram recheadas de histórias de perigos e enfrentamentos de figuras fabulosas como dragões do mar, peixes voadores, piratas e sereias que cantavam e encantavam. A própria concepção de formato do mundo era permeada por superstições que produziam temores, como o medo de alcançar o infinito e, com isso, o navio despencar no vazio. Essas breves narrativas evidenciam mais três categorias de interesse deste estudo: *medo, risco e superação*.

Nesse ponto, as histórias narradas suscitam categorias que pude relacionar com a pesquisa realizada. Essas categorias possibilitaram nomear distintos fenômenos observados que pretendo discutir no decorrer do capítulo de análise.

---

<sup>7</sup> Análise de todos os problemas de um ponto de vista exclusivamente europeu. Representa a visão de mundo que sugere colocar a Europa (sua cultura, seu povo, suas línguas etc.) como o elemento fundamental na constituição da sociedade moderna, sendo a protagonista da história do homem.

Além disso, identifiquei outro elemento que proporcionou grandes deslocamentos por meio de distintas viagens - as Cruzadas, na Idade Média. As Cruzadas foram movimentos militares, de caráter parcialmente cristão, que partiram da Europa Ocidental, cujo objetivo era colocar a Terra Santa (nome pelo qual os cristãos denominavam a Palestina) e a cidade de Jerusalém sob a soberania dos cristãos. Nessa época, a Palestina estava sob controle dos turcos muçulmanos. Esses movimentos estenderam-se entre os séculos XI e XIII, sendo que, naquele período, ocorreram nove cruzadas oficiais e algumas não-oficiais (FIGUEIREDO, 2010).

Enquanto a Igreja ampliava seu poder através da conquista de terras, valendo-se da migração de pessoas, do domínio de povos pela força aniquiladora, em nome do Senhor, e da salvação, paralelamente, o comércio crescia e expandia suas fronteiras, ampliando as rotas de viagens tão fortemente quanto a Igreja. A importância e a grandeza alcançada por esse tipo de circulação (comercial) pode ser constatada no relato da viagem de Marco Pólo, um comerciante veneziano, pelo Oriente. Esse relato, datado do século XIII, foi publicado, no século XIV, na obra intitulada “Livro das Maravilhas”(1985). Como o próprio nome pontua, nele observam-se, sob a ótica do escritor, as impressões e surpresas causadas pelo encontro com diferentes culturas. A narrativa, segundo o autor, tem a preocupação com a verdade, sendo retratada como algo fiel à realidade. Todavia a perplexidade causada pela alteridade descrita a cada encontro com um novo povo, com uma nova forma de comercializar, coloca em evidência que todo relato é verdadeiro para aquele que o faz, não permitindo uma verdade única, universal, pois está impregnada pelo sentido pessoal<sup>8</sup> de quem descreve. Sendo assim, levanto mais duas categorias de relevância para este trabalho: *alteridade e sentido pessoal*.

Pelo amplo desenvolvimento do comércio entre a Europa e com o Oriente, as navegações no século XVI desenvolvem seu grande momento de expansão, ou seja, com

---

<sup>8</sup> Adoto o conceito de sentido pessoal segundo Fernando Rey (2007), que postula como categoria que aparece centrada na ação e mediação semiótica influenciada pelo viés linguístico e cognitivo, porém expressa, em forma de produção simbólica emocional, a multiplicidade de registros objetivos que afetam o ser humano em sua integridade vital.

Constantinopla dominada pelos turcos, as rotas terrestres de comércio com o Oriente estavam fechadas. Desse modo, a necessidade de encontrar novos caminhos foi determinante para que os reinos europeus se lançassem ao mar. Sendo assim, a era das grandes navegações prospera. Trata-se de uma época marcada por homens de coragem, desbravadores, aventureiros, patrocinados pelos grandes reinados, os quais iam à procura de novas terras para ampliar as riquezas Europeias. No entanto, ao mesmo tempo em que buscavam a novidade, não eram capazes de respeitá-la. Muitos desses heróis europeus foram “a encarnação da destruição e extermínio indígena” (FIGUEIREDO & RUSCHMANN 2004, p.161). Certos de que eram povos civilizados possuidores do conhecimento, massacraram outros povos, dizimaram civilizações e impuseram uma nova ordem - a cultura europeia, já que acreditavam que os habitantes locais não possuíam cultura e necessitavam ser civilizados. Por outro lado, talvez, eles não contassem com a força retroativa da recursividade, na qual forças antagônicas e complementares são produzidas diante da opressão. Essas tensões iminentes geram lutas de forças e produzem a emergência de manifestações interculturais.

Com a chegada ao “Novo Mundo”<sup>9</sup>, a América, o imaginário acerca do heroísmo dos navegadores que enfrentam mares temerosos, nos quais criaturas de toda sorte habitavam, para alcançar as fantásticas terras de natureza abundante e clima temperado, torna-se ampliado. Os relatos de viagens se multiplicam, pois, através das cartas enviadas ao país de origem, descreviam a geografia, a fauna e a flora das terras novas, bem como os costumes de seus habitantes - os índios. A promessa de fartura e de ser um local propício para a exploração econômica desencadeia, rapidamente, o interesse nos mais variados tipos de pessoas de partir para o “Novo Mundo”. Mais uma vez, temos um grande contingente de pessoas em deslocamento que atravessa mares para chegar às terras desconhecidas com promessa de fartura e prosperidade. Cada qual carregando em suas bagagens uma carga cultural que se encontra e se choca com as novas e diferentes culturas locais, gerando um universo de aventureiros, comerciantes, cientistas, geógrafos, pintores, militares, médicos, missionários e grandes naturalistas. Segundo Figueiredo

---

<sup>9</sup> Nesse caso, o novo representa uma referência a partir de uma perspectiva da visão eurocêntrica.

(2010, p.69), os naturalistas são “viajantes que, em tese, procurariam na experiência da viagem a compreensão do mundo e de sua própria existência, e não só o desafio das conquistas”.

Aqui destaco mais uma categoria para este estudo: *o autoconhecimento*. Este sendo mediado pelo encontro com o Outro, com o diferente.

Prosseguindo com as histórias, no intuito de construir um possível espectro de viagens e viajantes, tem-se na idade moderna uma modalidade de viagem denominada de *Gran Tour*. Nascido na Inglaterra, no século XVI e atingindo seu auge no século XVIII, o *Gran Tour* - roteiro executado dentro do continente europeu com rotas e destinos específicos (Paris e Roma sempre presentes) - representava uma viagem de estudos realizada pelo jovem inglês, pertencente à nobreza, que, mais tarde, expandiu-se também para a alta burguesia, com objetivo de atingir uma ampliação cultural (REJOWSKI, 2002; BARBOSA, 2002; FIGUEIREDO, 2010). Essa ampliação compreendia aprender línguas, encontrar as pessoas eminentes e influentes da época, aprender as artes e as etiquetas sociais em relação a festas e outras habilidades de um nobre, frequentar as melhores universidades e adquirir as habilidades sociais necessárias para governar. Percebe-se, dessa forma, uma valorização das viagens como meio de aprendizagem eficaz.

Com a ampliação da quantidade de pessoas que realizavam o *Gran Tour*, com a propagação dos relatos dessas viagens, com a valorização dessa experiência no âmbito pessoal e social, percebe-se que, com o passar do tempo, momentos de diversão foram agregados às viagens (REJOWSKI, 2002 p. 40; BARBOSA, 2002 p.32). Assim, as viagens por *prazer* vão aumentando e ganham força e volume na constituição das *motivações* e dos hábitos dos viajantes.

Nesse momento destaco uma divergência na interpretação entre dois estudiosos; *Gran Tour* na visão de Aoqui (2005) e *Gran Tour* na visão de Figueiredo (2010)

O *Gran Tour*, na visão de Aoqui (2005), representa um possível precursor do estilo de viagem feita por mochileiros. Para o autor, esse tipo de viagem ocorria em um período de longa duração, perdurando um ano ou mais. Além disso, carregava em si uma aventura por locais e culturas desconhecidas, configurando uma busca do autoconhecimento e a



formação pessoal. Tudo isso tendo como cenário uma infraestrutura, para a realização, muito precária. Nesse aspecto esse autor entende que constituem elementos representativos dos mochileiros.

Já Figueiredo (2010, p. 242) entende o *Gran Tour* como “a semente do turismo moderno”, ou seja, a busca do prazer como essência das viagens. Assim, esse estudioso coloca seu olhar para o *Gran Tour* como um elo para as viagens turísticas de lazer, tornando a relação com o prazer muito difundida e valorizada nesses tempos modernos.

Faz parte dos costumes dessa época a escrita em diários – instrumento pelo qual as pessoas registravam suas impressões, seus sentimentos e suas vivências do dia a dia. Esse expediente se desenvolveu diante da necessidade de comunicar aos pares o que se havia encontrado de diferente, de exuberante, de excêntrico durante as viagens.

Frente ao aumento da circulação de pessoas em diferentes espaços, bem como a ampliação dos motivos de viagens, deu-se origem a uma nova modalidade de escrita com tendências supostamente impessoais e de caráter social: os diários de viagem. Com a evolução da imprensa, textos sobre viagens foram publicados com narrações que misturavam um pouco de realidade e um pouco de fantasia. Essas publicações despertaram a curiosidade das pessoas, como também expandiram o interesse e o desejo em viajar, pois nessas descrições as belezas paisagísticas, o patrimônio histórico, a arquitetura local, a gastronomia, as estalagens, as vias e os meios de transportes eram exaltados, iniciando-se, assim, a escrita de guias de viagem (BARBOSA, 2002; FIGUEIREDO, 2010).

Esses guias produzidos por ilustres e experientes viajantes permitia que outras pessoas pudessem seguir seus passos e, diante disso, realizar uma viagem aproveitando o que havia de melhor a ser oferecido pelas localidades, como possibilidade de minimizar as ocorrências de surpresas desagradáveis advindas da ausência de conhecimento. Nos dias atuais, esses guias de viagens são cada vez mais detalhados, elegendo localidades cada vez mais específicas e são direcionados a uma inumerável variedade de públicos. A diversidade e a especificidade ampliaram esse mercado de publicação que hoje exige

atualização em curto espaço de tempo, já que as informações tornam-se caducas rapidamente.

Com o advento da revolução industrial, no decorrer do século XIX, observa-se um grande salto tecnológico impelido pelas máquinas e pelos transportes (a máquina a vapor – navio, locomotiva, trens). Desse modo, houve uma dinamização dos deslocamentos humanos, que permitiu que pessoas pudessem ir a lugares mais distantes e mais diversos, com custos menores. Sendo assim, com a instalação da era moderna, o mundo começa a mover-se como nunca visto antes. A circulação de pessoas, culturas e objetos aproxima múltiplas e variadas formas de se estar no mundo, colocando, lado a lado, forças divergentes que entram em tensão. As concepções vigentes, acerca da realidade, passam a sofrer estranhamentos diante do inusitado e da diversidade. O ser humano passa a ser o centro, o responsável por sua história (o ser da razão). Os desígnios de Deus, dos mitos e do sobrenatural perdem gradativamente o poder de decisão e coação sobre a vida dos seus fiéis. A adoção do capitalismo como modelo econômico e a crença cega no uso da razão estabelecem um novo modelo social, que passa a prescrever o ser humano moderno por meio de uma lógica de produção, que explora sua força de trabalho e, com isso, cria continuamente novas necessidades, pois é fundamental aumentar o consumo para que se possa escoar o aumento na produção e, conseqüentemente, aumentar o lucro a qualquer custo.

Nessas condições, o ser humano começa a ser engolido pelo próprio sonho de felicidade promovido pela relação produção/consumo capitalista. O encontro com a felicidade migra do interior das pessoas para o exterior. O sistema passa a determinar o que é ser feliz e como se alcança essa felicidade. Tudo isso orquestrado por um ideal de vida de consumo e ostentação veiculados pela mídia, por meio de sonhos muitas vezes irrealizáveis. A felicidade passa a ser comercializada como um produto, um ideal a ser conquistado. O ser humano perde, cada vez mais, seu tempo de vivência e experiência no mundo trocando por tempo de trabalho que, convertido em divisas, deveria propiciar a aquisição e a realização da felicidade.

A moeda de troca para a maioria da população passa a ser a venda da própria força de trabalho. Mas essa relação de troca não acompanha a mesma valorização da relação com os bens de consumo. A velocidade das transformações começa a ser observada e sentida de maneira contrastante. O mundo encolhe. As distâncias diminuem. As divisas se concentram nas mãos de poucos. Nunca tantas pessoas circularam por tantos distintos lugares. O turismo aparece como uma forte atividade da era moderna (URRY, 2001). E as experiências de viagens, bem como o imaginário social produzido por elas, se intensificam, ao mesmo tempo em que se diluem nesse contexto contemporâneo (BAUMAN, 1999; 2003). Frente a isso, indago: *Será que sabemos por que viajamos?*

Vive-se um momento em que a fluidez dos contornos afeta diretamente os sujeitos envolvidos. Quais os valores sustentados e rechaçados que envolvem as viagens hoje? Do que e de quem falamos quando colocamos lado a lado turistas e viajantes? É provável que para responder a essas perguntas seja preciso dizer de qual ângulo se está olhando. Bauman (2009, p.16) pontua que “Uma vez que os bens capazes de tornar a vida mais feliz começam a se afastar dos domínios não monetários para o mercado de mercadorias, não há como os deter”. Por outro lado, o autor evidencia que os bens necessários à “felicidade subjetiva”, os não negociáveis, não podem ser quantificados. “Nenhum aumento na quantidade de um bem pode compensar plena e totalmente a falta de outro de qualidade e proveniência diferentes” (p.15), que, pela sua natureza, só podem florescer em ambientes de relações humanas intensas e íntimas. “A expressão das relações humanas não é calculável por um valor de mercado. Há na ordem inversa desta pressão por precificação, manifestações que apostam em outros laços comunitários, estabelecendo outras formas de intercâmbio e de reciprocidade, esta, sempre localizada entre o individual e o coletivo” (FIGUEIREDO 2008, p.40).

Assim, no próximo subitem, estabeleço relações de aproximações e diferenciações, que se desenvolvem provenientes de distintas compreensões acerca das viagens e dos viajantes, na atual sociedade contemporânea.

## 1.2 Entre viajantes e turistas: uma sutil diferenciação

“Os conceitos não se definem jamais por suas fronteiras, mas a partir de seu núcleo. [Afinal] as fronteiras são sempre fluidas, são sempre interferentes”. A partir dessa citação de Morin (2007, p.72), procuro encontrar elementos que possam embasar diferenças e aproximações entre essas duas categorias que se denominam *vijantes* e *turistas*. Todavia representa uma tarefa que exige um esforço teórico muito grande, pois, muitas vezes, esses termos são utilizados sem distinção: como se fossem sinônimos e, outras vezes, como se contrapusessem.

Propus-me este empenho porque durante esta pesquisa, empiricamente, constatei que esses termos traziam significados diferentes para aqueles que pude entrevistar. Minha curiosidade, aliada a meus ouvidos atentos frente às diferentes interpretações geradas a partir dos distintos vocábulos observados durante as entrevistas, não permitiram que eu ignorasse essa construção simbólica diferenciada. Sendo assim, passo a pesquisar e percorrer os possíveis caminhos identificados na construção dos significados desses termos na sociedade contemporânea, no intuito de compreender, nessa diferenciação/aproximação, os sentidos produzidos pelos mochileiros.

Para isso, trago à tona alguns indícios, mesmo que divergentes, para apontar as raízes etimológicas do termo *turismo*. Autores como Barreto (2005, p.43), Gomes, Pinheiro e Lacerda (2010, p.27), pontuam a origem do termo turismo a partir da palavra *tour*, de procedência francesa, ligada à riqueza e à classe privilegiada, que quer dizer “viagem” ou “excursão circular”. Tem seu equivalente no inglês *turn*, que quer dizer volta, e no latim *tornare*, que quer dizer “dar uma volta, voltar ao ponto inicial”. Desse modo, observo que, desde sua origem, o vocábulo traz em si o *retorno* como fato.

Na pesquisa bibliográfica realizada constatei, como reconhecimento do campo, que uma das primeiras definições teóricas de turismo de que se tem conhecimento (BARRETO, 1995; BARBOSA, 2002; REJOWSKI, 2002; MENEZES, 2006) vem de Hermann Von Schull zu Schattenhofen (1911), um economista austríaco que explicitava que “turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado

município, país ou estado” (BARRETO, 1995, p.9). Essa perspectiva demonstra a força com que a economia, vinculada à produtividade e ao capitalismo industrial, se consolidava, bem como a presença de uma prática que estava em franco desenvolvimento.

O termo *turista* foi utilizado por Stendhal (1838) quando publicou um livro chamado “Memórias de um Turista”. Nesse livro, o autor denomina o protagonista de sua obra de turista e o caracteriza como um tipo de viajante que começava a ser comum na Europa – um viajante que vai de um lugar para o outro porque quer conhecer as coisas belas que se encontram espalhadas por todos os cantos do mundo. Em sua obra, o turista é aquele que se ausenta de seu lugar de residência para satisfazer uma necessidade específica: a curiosidade. Mais uma vez, fica evidente que o turista é aquele que vai e volta. Nesse texto, do autor citado, é possível verificar a distinção entre o turista, um viajante ilustre, com poder econômico e de “bom gosto”, e o viajante comum, pertencente às classes economicamente empobrecidas.

O termo turista pode ser encontrado noutros textos verificados, da mesma época, e passa a ser utilizado para designar os viajantes modernos (BARBOSA, 2002). Por modernidade, como já foi ressaltado no capítulo anterior, toma-se o grande período em que na Europa acontece a chamada revolução industrial, meados do século XIX.

Como um fato marcante, no ano de 1841, Thomas Cook fretou um trem e organizou uma viagem entre as cidades de Leicester e Loughborough (cidades Inglesas) para levar uma grande quantidade de pessoas para um congresso antialcoólico (URRY, 2001; FIGUEIREDO, 2010). Esse episódio tornou-se um fato descrito como a “primeira” viagem de turismo de massa. Todavia, esse acontecimento gerou controvérsias, já que se, por um lado, Cook é considerado um empreendedor e pioneiro no desenvolvimento histórico do turismo, por outro lado, ele também foi ridicularizado, naquela época, por proporcionar a uma classe desprestigiada a possibilidade de conhecer lugares que só eram visitados pela elite (SANTOS FILHO, 2005). No entanto, observo um paradoxo nesse advento, ou seja, por um lado a ampliação do segmento turístico passou a representar uma possibilidade acessível às viagens para um número maior de pessoas e, em

contrapartida, produziu a elitização desse mesmo processo ao diferenciar o tipo de viagem realizada.

Nessa passagem histórica, percebo uma ruptura entre os termos turistas e viajantes. Essa quebra se amplia à medida que “o turista” vai ganhando contornos mais definidos e seu simbolismo social vai adquirindo força e prestígio diante de uma sociedade capitalista. O avanço e o desenvolvimento da indústria turística ampliaram o acesso a essa forma de se viajar da classe burguesa e, mais tarde, dos membros da classe média também. Como pontua Figueiredo (2010, p.242), “Intensificam-se as excursões, criam-se os pacotes turísticos. O turista começa a se transformar em estereótipo e o conceito e a prática se afastam cada vez mais do viajante”.

Essa tensão gerada pelo poder econômico está fortemente enraizada nos conceitos que tentam delinear esse campo de estudos. Desse modo, é possível “pensar o turismo como uma construção histórica que vem sendo moldada segundo o desenvolvimento das relações de produção” (SANTOS FILHO, 2007 p.70). Como complementa Barreto (1995, p. 50), “O turismo sempre esteve ligado ao modo de produção e ao desenvolvimento tecnológico. O modo de produção determina quem viaja, e o desenvolvimento tecnológico, como fazê-lo”.

Nesse aspecto Ferrara (1999), pesquisadora na área de comunicação e espaço urbano, faz uma abordagem distinta para a viagem e para o turismo. A autora define viagem como “o olhar que se desloca” (p.17), que pode ser interpretado como um olhar que busca algo que vai além do visível. Já o turismo é definido como “o olhar que se concentra” (p. 20), ou seja, é o olhar (treinado) que já sabe o que deseja ver/conhecer (SOUSA, 2004). Para Ferrara, o que diferencia essas duas instâncias são as motivações que as impulsionam. Nesse sentido, a viagem é compreendida como uma busca do desconhecido que envolve principalmente o prazer da descoberta do espaço em todas as suas instâncias, sejam elas, sociais, culturais e/ou históricas. Já o turismo representava uma viagem organizada e institucionalizada, apresentando como motivação a utilização do tempo/espaço como uma alternativa de lazer.

Desse modo, os lugares visitados, sob a égide da sociedade de consumo, tornam-se mercantilizados, produtos a serem consumidos e, quanto mais exclusivos, mais valorados. Sendo assim, constitui uma atividade que “não é comum a todos, mas destina-se, apenas, aos privilegiados que podem virar turistas” (FERRARA, 1999 p.20). Nesse contexto, ser turista “é ter poder aquisitivo para desfrutar do conforto e da segurança de uma viagem meticulosamente planejada, com a programação pré-estabelecida, de tal modo que os riscos de algo dar errado ficam, pelo menos teoricamente, impossibilitados” (SOUSA 2004, p.2).

Pensando no sujeito viajante, uma característica apontada por Souza (2004) é que ele se mostra aberto a interagir, o que permite o conhecimento do Outro. Entrar em contato com o Outro é perceber as diferenças e semelhanças que se estabelecem e se confrontam, representa viver a experiência de alteridade. O viajante, de uma forma geral, é movido primeiramente por um sentimento de liberdade, de vontade, por um desejo de ir em busca do dessemelhante, nos quais a “experiência de viagem permite fremir o eu excitado pelos novos panoramas e novos contatos” (FERRARA, 1999 p.19). Diante disso, a autora, em contraposição, coloca o turista como o sujeito que procura passivamente apenas o exótico, viaja por curiosidade e ociosidade.

Frente ao exposto, pondero que não é possível pensar dicotomicamente a relação turista/viajante, como se fosse possível uma categorização fechada em seus princípios conceituais. Torna-se necessário admitir que, para muitos estudiosos, a própria nomenclatura turista traz subdivisões capazes de aproximações e afastamentos do conceito de viajante. Nesse aspecto, a presença de nuances das atitudes e das práticas na forma de viajar produz distinções que necessitam ser reconhecidas na sua especificidade. Dentro desta classificação encontram-se os “turistas independentes” como um exemplo de aproximação dos viajantes, já que eles como descrito por Krippendorf (1989, p.77), “querem ter mais contato com os nativos, renunciar à maioria das infra-estruturas turísticas normais, alojar-se de acordo com os hábitos locais e utilizar os meios de transporte público do país”. De acordo com o autor, esse tipo de turista é, acima de tudo, “independente” e não aceita ser manipulado quanto aos percursos que pretende explorar.

Não paga pelo serviço de guia e “ainda acredita que viver frugalmente enquanto viaja é simplesmente parte da experiência turística longe do materialismo e consumismo de sua sociedade de origem” (BASTOS, 2006 p.36).

Os turistas de “pacote” são apontados como sujeitos despreocupados e “ignorantes” quanto à história e à cultura local. Nesse sentido, pagam para realização de seus sonhos. Consomem os artefatos dos lugares e os guardam como troféus a serem exibidos quando voltarem a seus lugares de origem (BASTOS, 2006; URRY, 2001; SOUSA, 2004). Nessa mesma lógica Bauman (1997, p. 274) pontua o distanciamento que os turistas possuem da realidade local. “Os turistas pagam antecipadamente por sua liberdade: o direito de não levar em conta interesses e sentimentos nativos [...] fisicamente próximos, espiritualmente distantes.”

Mas será que é possível ser turista sem estabelecer nenhum contato com a cultura local? O turista teria a capacidade de ficar imune à convivência dos nativos? Parece-me que este é um fato inevitável. Talvez a qualidade desta experiência represente a diferenciação entre os turistas e os viajantes.

Neste ponto, destaco os mochileiros como sujeitos abertos à experiência de contato. Sujeitos que produzem trocas, realizando elos de reciprocidade (MAUSS, 2003), nos quais o viajante e o nativo são modificados pelo encontro e pela experiência de alteridade.

Desse modo, no próximo subitem, procuro esclarecer, ao leitor, indícios de como os mochileiros se constituem tanto como uma subcategoria de turista quanto como uma forma de ser e estar no mundo.

### **1.3 Mochileiros: múltiplas configurações em um caleidoscópio<sup>10</sup> de significados**

Neste ponto da pesquisa faz-se necessário delinear como o campo de estudos acerca dos mochileiros se apresenta. Para essa tarefa, faço uma imersão nas pesquisas e

---

<sup>10</sup> Aparelho de física, para obter imagens em espelhos inclinados, e que a cada momento apresenta combinações variadas e interessantes (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa- on line).



investigações encontradas referentes ao tema que abordam as viagens de mochila e os mochileiros, visando situar o estado da arte.

Construo um mosaico junto aos contornos apontados por estudiosos pesquisados para a categoria viajantes e/ou turistas. Chamo de mosaico porque não pretendo fixar características rígidas, mas permitir uma relação dialógica entre a diversidade de visões encontradas. Compreendo que, dependendo da área a que o estudioso pertence, seu olhar é direcionado por uma tendência teórica e, diante disso, alguns aspectos específicos são enfatizados.

É importante ressaltar que as publicações nacionais encontradas são escassas em relação a esse tema. Encontra-se uma produção maior na/sobre a Austrália (país que possui o status de ter maior número de mochileiros) e na Europa (onde esta prática também é muito difundida). Pode-se inferir que essa diferença na produção de pesquisas seja um reflexo da diferença quantitativa da própria prática desse tipo de viagem entre essas localidades e o Brasil.

A maioria das pesquisas brasileiras, verificadas na revisão bibliográfica, apresentam-se vinculadas à área de marketing, de administração, da economia e do turismo. Nesse aspecto, demonstram como foco principal as relações econômicas geradas por essa prática, e visam, sobretudo, definir o perfil desses sujeitos num viés mercadológico, com o intuito de possibilitar a ampliação socioeconômica desse grupo no mercado turístico. Sendo assim, por essa ótica, os mochileiros são classificados como uma subcategoria de turista, mais especificamente como turistas independentes.

Diante disso, o estudo aqui proposto defende uma mudança radical perante o foco do olhar mercantilizado dessa prática, para centrar-se na dimensão relacional estabelecida pelos mochileiros. Passo a destacar os aspectos referentes às características psicossociais apontadas pelos pesquisadores, em geral, e alguns dados ligados às relações econômicas que entendo como relevantes para identificar os sujeitos que circunscrevem o campo desta pesquisa.

Para tanto, mantereí as terminologias *turista independente*, *viajante*, *mochileiro*, *vagabundo* etc, encontradas nas bibliografias examinadas, pois, como já esclarecido anteriormente, existem diversos vocábulos que parecem descrever o mesmo viajante.

Em sua pesquisa Cohen, um pesquisador marroquino, em 1970, iniciou seus estudos sobre viagens independentes. O estudo trata de experiências turísticas e a distinção entre turistas institucionalizados e não-institucionalizados.

Por turistas institucionalizados ele se referia aos turistas de massa, e os turistas não institucionalizados foram referidos nesse estudo como “vagabundos” - jovens que vagavam (1972). O vagabundo/andarilho foi descrito como uma pessoa que "propositadamente viaja sem qualquer itinerário ou horário, sem destino ou propósito bem definido" (COHEN, 2003, p.3). Em sua pesquisa, que buscava explicar as motivações para esse tipo de viagem, o autor relata que a razão encontrada para essa prática foram as grandes mudanças sociais e políticas dos anos 1960: a revolução estudantil<sup>11</sup> (que ele entende que falhou) e a Guerra do Vietnã, que levou à alienação generalizada de jovens ocidentais, especialmente na Europa ocidental e na América (COHEN, 1972).

Outro aspecto ressaltado por Welk (2004, p.85), corroborando Cohen, é que as motivações que esses “vagabundos” tinham para viajar era sua rebeldia contra uma "geração de pais conformistas". Assim, esse autor acredita que essa situação levou os jovens a várias tentativas de criação de estilos de vida alternativos através de viagens a outros países, na esperança de buscar a redenção pessoal, mudando e revolucionando a própria sociedade em que viviam.

No âmbito acadêmico, Welk (2004 p. 85) sinaliza que vagabundo era uma definição para a juventude nômade, no início da década de 1970, e que muitos já nomeavam de “viajante hippie”. Esses viajantes rumaram a muitos lugares distantes das rotas turísticas convencionais, impulsionados pela crítica à alienação produzida pela própria sociedade e pela incapacidade de encontrar autenticidade para a volta. Dessa forma, Cohen (2003) vê o vagabundo/hippie como um modelo ideológico que os mochileiros atuais pretendem recriar, porém pontua que, pela atual configuração social, não é possível vincular o

---

<sup>11</sup> Para maiores esclarecimentos ler “A Revolução Estudantil”, escrito em 1968 e publicado em 1972, por Luiz Carlos Bresser-Pereira

mochileiro à alienação, já que segundo o autor (2003, p.11), “as mudanças de circunstâncias sócio-culturais do Ocidente contemporâneo, associadas ao surgimento do pós-modernismo, com sua maior abertura ao multi-culturalismo e de múltiplas identidades [...], tornam implausível de vincular mochila com alienação”.

Todavia verifica-se que outros estudos sobre esses viajantes emergem e, com isso, as caracterizações tornam-se diversificadas, flexíveis e cambiantes. No final da década de 1980, Reilly (1988) descreve-os como viajantes de longo prazo e baixo orçamento. O termo backpacker (mochileiro) é utilizado por Pearce (1991) para descrever os “vagabundos” modernos, na literatura acadêmica. Nesse aspecto, em 1995, encontra-se uma descrição mais detalhada destes sujeitos como sendo turistas que organizam o itinerário das suas viagens de forma mais independente, flexível e econômica, por períodos longos; turistas, que enfatizam o encontro com outras pessoas (do local ou estrangeira) e buscam conhecer vários destinos formulados por eles (PEARCE & LOCKER-MURPHY). Essa conceituação de mochileiros foi encontrada de forma recorrente nas pesquisas e, diante disso, parece representar a caracterização que tem uma maior aceitação entre os pesquisadores.

A partir desse período observa-se um aumento nas pesquisas realizadas com esse tipo de viajante, principalmente vinculadas às ciências sociais. Ainda não é possível circunscrever as pesquisas que abordam esse tipo de viagem sobre o mesmo vocábulo. Encontram-se diversificados estudos que demonstram pesquisar um “mesmo grupo”, porém são utilizadas terminologias distintas para identificá-los: turista independente, turista econômico, viajante, vagabundo, hippie, andarilho, mochileiro, dentre outras.

Em sua pesquisa etnográfica sobre mochileiros que viajavam pela África do Norte e Oriental, Índia, Oriente Médio e sudeste da Ásia, Sorensen (2003, p.850) aborda a cultura de viagens de turismo internacional com representantes de mochileiros. O autor evidencia que esses viajantes possuem uma “cultura de mochila”. Em seu estudo, pontua o crescimento dessa prática através do indubitável crescimento das estalagens de Khao San Road (Bangkok) que, no início da década de 1980, eram apenas duas construções e hoje esse número chega a centenas na mesma região. Esse aumento quantitativo de

acomodações utilizadas por mochileiros (albergues da juventude, hostels, pousadas econômicas etc.) não se traduz em uma homogeneidade dos sujeitos mochileiros. Muito pelo contrário, o autor relata a existência de um contingente complexo e multifacetado de sujeitos, impossibilitando, assim, uma categorização distinta e homogênea. Esta heterogeneidade é manifestada, segundo Sorensen (2003 p.2), pela diversidade de “nacionalidade, idade, finalidade, motivação, organização de viagem, ou em que parte do ciclo da vida o sujeito se encontra”.

No intuito de realizar uma análise do turismo de mochila como uma cultura - aqui faço um parêntese para essa explicação - o autor entende que a complexidade de significados e diferenças dos sistemas humanos e a organização da diversidade (em vez da repetição uniforme) produzem distintos sentidos para essa atividade, que, hoje, se encontra no centro das discussões acerca do conceito de cultura. Portanto, ele considera pertinente utilizar o termo *cultura backpacker* (mochileiro), pois essa terminologia não é vista apenas como a cultura dos sujeitos categorizados como mochileiros, mas também, é reconhecida como essencial na contínua re-criação da categoria de mochileiro. Sendo assim, Sorensen coloca o olhar sobre o fenômeno “estar na estrada”, que, para ele, representa o “fato” que sempre se repete entre os mochileiros.

Quando indagados sobre em que tipo de viajantes se enquadravam, os entrevistados se reconheceram como mochileiros. Esse reconhecimento, adverte o autor, implica a noção que carrega um significado forte entre eles: “Uma dissociação explícita de um estereótipo turístico”(SORENSEN 2003, p. 858); ou seja, não querem ser confundidos com o turista comum. Com diferentes graus de intensidade, esses sujeitos se conectam com um quadro de referência do “ser mochileiro”, por uma questão de filosofia, de identidade, de sentimento de pertença, ou sentimentos de valores comuns. E sua interação, dividida e/ou em partes, produz significado, que influencia normas, valores, condutas e outros elementos do ser social.

Quanto a essa identificação, o autor salienta que, apesar de serem muitas vezes caracterizados como turistas auto-organizados, que viajam para múltiplos destinos, com um roteiro flexível, prolongado, além do que é normalmente possível para um padrão

comum de férias, essa descrição não pode ser usada para distinguir objetivamente mochileiros de outros turistas, pois poucos mochileiros combinam todos esses parâmetros em todas as viagens realizadas.

Uma questão que esse autor pontua é que, sendo tanto uma percepção individual como uma identidade constituída socialmente, "mochileiro" é mais uma construção social do que uma definição estanque. Essa observação representa um ponto de extrema importância para a atual pesquisa.

Ainda em seus estudos, Sorensen faz uma analogia entre seus pesquisados evidenciando que os mochileiros contemporâneos não se encaixam na descrição de vagabundos, desviantes e fugitivos retratados em algumas publicações dos anos 70 (COHEN, 1972, 1973). Em geral, eles são jovens, mas também são futuros pilares da sociedade, em licença temporária de suas obrigações, mas com clara e inabalável intenção de retornar à vida "normal". Temporariamente, no entanto, a vida normal é suspensa. O mochileiro muitas vezes passa por um período de transição, um ciclo de vida – um rito de passagem<sup>12</sup>.

Tal associação pode conduzir à conclusão de que tal transição causou o deslocamento (RILEY, 1988), mas com as entrevistas de profundidade Sorensen observa que, pelo contrário, em muitos casos o desejo de viajar foi a motivação para romper com a rotina da vida.

Nesse aspecto, outro olhar bem atual ainda que remeta a construções simbólicas vinculadas ao mítico-religioso, admitindo a impressão de valores arcaicos, foi elaborado por Cidade (2012). Esse autor pesquisa mochileiros, em termos da relação dessa prática com a necessidade de autenticidade com a valorização do sofrimento. Para ele, encontra-

---

<sup>12</sup> Utilizo este termo no aporte de Arnold van Gennep (1960) e Victor Turner (1974). "Em momentos de interrupção de papéis, ou de antiestrutura, sociedades produzem efeitos de estranhamento em relação a si mesmas. Elas brincam com o perigo. Fricciona-se a experiência do real explorando suas dimensões de ficção. [...] No espelho mágico dos rituais, sociedades se recriam, transformando elementos do caos em universos sociais e simbólicos. O rito de passagem marca uma mudança estrutural na vida dos sujeitos" (DAWSEY, JOHN 2007, p.534).

se nesse ponto uma base fundamental para esses praticantes. O autor descreve que (2012, p.6)

é extremamente recorrente entre mochileiros, conforme observei em viagens pretéritas, a busca por “autenticidade”, de sair do “beaten track” turístico. O autêntico exige uma elaboração de conhecimento pessoal, de busca por experiências inéditas (...). É uma aversão do que é fácil, do dado, como os serviços oferecidos pelas agências de viagens e indústria do turismo. Para ser um “verdadeiro” viajante e “ter” experiências autênticas, é preciso se esforçar.

Segundo Cidade, entre os mochileiros, o sofrimento físico seria o mais relevante e indicativo das peculiaridades desse tipo de viagem, pois essa forma de viajar prevê contenções econômicas em alimentação, alojamento e transporte. O mesmo autor (2012, p.1) salienta que “o sofrimento não é apenas uma condição necessária filosoficamente oriunda da fome, da sede, da doença, da velhice etc. É culturalmente valorizado, utilizado como parâmetro para a distribuição e o ordenamento de posições e bens culturais”. Nessa lógica, o sofrimento pode tornar-se prazer, principalmente quando é visto como belo, como superação, como heroísmo. A apropriação do sacrifício como valor passa a adquirir certa legitimidade frente aos demais atores sociais. Nesse ponto representa uma necessidade subjetiva, enraizada no sujeito, mas oriunda da coação social como quase todas as necessidades.

Ao interpretar o pensamento dos mochileiros em relação aos turistas “clássicos”, Cidade aponta que eles (turistas) são alvo da indústria turística que oferece hospedagens, restaurantes luxuosos e roteiros prontos. Segundo os mochileiros pesquisados, se não há possibilidade de “conhecimento do local”, se o roteiro da viagem não permite imprevisto, pois é previamente determinado, essa ordenação do turista anula o “sofrimento” ao qual ele se submete, oriundo da imprevisibilidade. Assim, o valor do sacrifício não é só sucumbido, representa também uma inversão de valor. Desse modo, como contraponto, o olhar tradicional do turista entende que tal desordem evitada (a imprevisibilidade) é vista como masoquismo: “Por que viajar se é para passar por situações difíceis?” (2012, p.9).

O conforto do turista se traduz num contexto de alienação gerada pela sociedade capitalista. Conforme relata Cidade (2012, p.13), entre turistas e mochileiros, os últimos costumam insinuar que o “excesso” de conforto e ordenamento, concomitante ao curto

tempo de viagem, faz com que o turista tenha bem-estar do corpo ao preço da alienação da “alma”. Enquanto isso, as privações de conforto, gerando sofrimento do corpo, providenciam a imersão “da alma”, possibilitando vivenciar a cultura local “verdadeiramente”. Nesse aspecto, o turista, se coloca num patamar social acima do nativo, o que anula a possibilidade de conhecimento. “O conforto é antítese da experiência nativa” (p.13). O turismo de “pacote” acaba gerando ambientes artificiais, em relação ao mundo compartilhado pelos nativos.

Pelos motivos expostos, a experiência da viagem turística “clássica” é rechaçada aos olhos do mochileiro, “alguns culminando ao extremo de não querer ser confundido com um turista” (SORENSEN, 2012, p.4).

Noutra perspectiva, pautada no marketing turístico, Aouki (2005, p.5/6), em sua pesquisa, demonstra uma visão mercadológica e procura identificar os aspectos relevantes desse grupo. Sendo assim, ele os descreve como turistas que gastam mais dinheiro do que outros em razão da longa duração de sua visita, que possuem uma natureza aventureira que se traduz em dinheiro gasto em áreas geográficas mais amplas, incluindo regiões economicamente marginalizadas, ; proporcionam benefícios econômicos nos quais a comunidade, com pouco capital ou treinamento, possa fornecer serviços e produtos procurados; turistas que possibilitam o desenvolvimento de habilidades, recursos, matérias-primas e *know-how* locais, que não demandam luxo, e que, portanto, gastam mais dinheiro em bens produzidos localmente (como comida) e serviços (transporte, acomodação em casa de família) e menos em artigos importados que causam a repatriação de dinheiro, que usam poucos recursos (hidromassagem, sauna, ar-condicionado, banho quente), sendo, por isso, mais gentis ao ambiente.

Por outro lado, Aouki (2005, p.80) aponta que os mochileiros também fazem parte de um nicho de mercado já captado pela indústria turística:

[...] populares entre os jovens de diversos países desenvolvidos, especialmente nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Holanda, na Alemanha, na Austrália e no Japão, o comportamento dos viajantes dessas diferentes nacionalidades são bastante similares. Isto ocorre em função deste grupo possuir uma mídia paralela de viagem que são os guias de viagem, tipo Lonely Planet e Rough

Guide. Assim, os turistas backpackers lêem os mesmos guias, frequentam os mesmos meios de hospedagem e visitam as mesmas atrações.

Essa colocação de Aoqui (2005) possui uma visão divergente em relação à necessidade de autenticidade pontuada por Cidade (2012), já que ressalta uma “massificação” dentro do próprio movimento mochileiro. Neste momento, evidencio mais um paradoxo presente nessa prática.

Outra estudiosa, também ligada ao turismo de marketing, que pesquisa mochileiros é Laurie Murphy (2001). Essa autora caracteriza os mochileiros como viajantes que não utilizam pacotes turísticos comerciais, que viajam com um orçamento restrito, que apresentam problemas referentes à falta de tempo quando relacionado à extensão do itinerário que pretendem percorrer e viajar para ver o máximo possível, indo além dos atrativos turísticos comuns para experimentar e aprender mais sobre o país visitado. Ela também menciona que os turistas mochileiros necessitam de certas habilidades sociais, tais como: habilidade para iniciar conversa com pessoas estranhas, na maioria das vezes estrangeiras; comportamento mais aberto do que o usual; tolerância maior diante da diversidade das atitudes dos outros, uma vez que convivem e compartilham espaços comuns como albergues da juventude e hostels.

Uma grande pesquisa encomendada pelo governo australiano, sobre o seguimento de mochileiros, foi realizada em 2009, visando abranger as tendências do turismo de mochila na Austrália. Essa pesquisa foi desenvolvida por estudiosos como Philip L. Pearce, Laurie Murphy e Eric Brymer.

Alguns pontos interessantes, quanto a esse segmento, evidenciaram que, se por um lado, os mochileiros são vistos e tratados como um fenômeno institucionalizado, sendo um segmento de mercado a ser medido e gerenciado, que obedece a uma espécie de padrão, por outro lado, eles também observam um significado de busca pessoal tanto pelas localidades que são visitadas como pelas comunidades de que eles provêm. Algumas categorias investigadas levaram em consideração as características sócio-econômicas dos mochileiros e seus estilos, incluindo itinerário de viagem e rota, transporte, planejamento



e processos de escolha dos destinos existentes e emergentes e os tipos de atividades executadas.

Um aspecto muito ressaltado pela pesquisa foi que mochilar representa uma necessidade básica. Os mochileiros e os fomentadores entendem essa prática como uma prática duradoura, que vem de longa data e que continua a representar um razoável ponto de resistência à sociedade contemporânea, já que, um grande percentual de mochileiros moderadamente “ricos” continua tendo a necessidade de conhecer o mundo de mochila. As motivações básicas foram a busca pela vivência de bons momentos, a diversão e a possibilidade inerente de se relacionar com outras pessoas. Além disso, numa visão mais sociológica, as motivações básicas representam também a busca por: identidade, por autoconhecimento e pelas próprias raízes. As duas perspectivas se fundem por apresentar um ponto comum, ou seja, a necessidade de fuga do cotidiano, a qual Mafessoli (2001) denomina de pulsão da errância, que contribui para a construção identitária do sujeito, que nem sempre pode ser satisfeita por outras atividades.

Um ponto ressaltado, que favorece o contínuo aumento do turismo de mochila, no território australiano, é a oportunidade de trabalho como ponto de salvação dos mochileiros. Outro dado constatado é que por ser um negócio rentável vai se manter vivo, assim definem os proprietários de alojamentos para mochileiros. Penso que essa característica também pode ser verificada em outros países num mundo capitalista globalizado.

Numa visão bem romanceada, os entrevistados desta pesquisa pontuam que a tecnologia mudou as características das “aventuras isoladas” de viagens de mochila, já que, hoje, é fundamental a utilização da web para oportunidades de promoção bem como o contato com amigos e familiares – contato esse muito mais difícil durante as viagens mais antigas, nas quais as histórias só eram contadas na volta. Atualmente, interações “cara a cara” estão ficando limitadas aos hostels embora as recomendações/ indicações “boca a boca” sobre lugares e instalações estejam mais rápidas do que nunca.

Os autores relatam que existe pouca preocupação com relação à segurança e à proteção. O terrorismo não os assusta, porém escolhem lugares que não costumam ser

alvos desse tipo de ataque. Mas quem sabe onde um ataque terrorista irá acontecer? Durante a pesquisa de Pearce, Murphy e Brymer, dois ataques terroristas ocorreram em Mumbai. Em Bali (12 de outubro de 2002), outro ataque também ocorreu durante a pesquisa de Sorensen, que teve três alunos mortos. Para a escolha de roteiros também é observado lugares com perigos inerentes como desastres naturais. Parece que ao estilo mochileiro “qualquer lugar no mundo pode ser perigoso e nós temos que aproveitar a vida” (p.22). Todavia, como também pontua Giddens (2001), é possível calcular e escolher muitos dos riscos que corremos.

Nesta revisão bibliográfica, constatei dois pontos recorrentes apontados por quase todos os autores: O primeiro ponto diz respeito à faixa etária. A maioria dos mochileiros são jovens. As pesquisas revelam que são estudantes recém-formados no nível secundário e estudantes universitários. A faixa etária varia dos 19 aos 32 anos, tendo uma grande concentração na faixa entre 22 e 27 anos. O outro ponto é que os destinos mais procurados são os de países do terceiro mundo com grande presença na África, Ásia e países da América Latina. Esses lugares são escolhidos pela ampla possibilidade de aventuras e interações que oferecem. Esses dados não invalidam nem se contrapõem à informação de que a Austrália é o país com o maior fluxo de mochileiros e que também tem o maior número de mochileiros nativos (PEARCE, MURPHY e BRYMER, 2009).

A diversidade de olhares dos diferentes pesquisadores demonstra a complexa teia de interrelações possíveis de se construir quando o objetivo é circunscrever um campo dinâmico e aponta, também, que a singularidade do pesquisador, constituída por sua subjetividade e sua história, é parte indissociável na análise dos estudos. Assim, afirmo que, por ser este um estudo transdisciplinar, a configuração do ser mochileiro é variada e cambiante frente à maleabilidade e ao potencial de transformação que um caleidoscópio oferece, ou seja, ela nunca será fechada, completa e exata.

Sendo assim, no próximo capítulo, discuto categorias que contribuíram para a compreensão deste estudo, no que tange às relações entre o sujeito, sua atividade e a constituição da sua subjetividade, no âmbito da experiência de ser mochileiro. Para isso,

recorro aos aportes teóricos da teoria Histórico-cultural e da epistemologia da complexidade.

## 2. CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO, EXPERIÊNCIA E SUBJETIVIDADE

Neste capítulo procuro compreender como as motivações pelas viagens de mochila e o ser mochileiro vão se constituindo na sociedade contemporânea.

Quem é esse sujeito praticante e quais os indícios para sua constituição? O que pode influenciar essa escolha? Como esse processo se constitui no contexto de uma sociedade capitalista? É possível pensarmos numa motivação “pura”? Quais os elementos constitutivos da subjetividade de ser um mochileiro? Quais os sentidos e significados dessa atividade para quem a pratica? Quais tensões geradas entre o mundo do trabalho, situado numa lógica capitalista, e a atividade dos mochileiros como uma prática de lazer?

No intuito de me aproximar das possíveis respostas, parto para uma caracterização dos sujeitos a serem pesquisados, que pode possibilitar uma visão mais ampla do ser mochileiro. Utilizo a descrição de Perce & Locker-Murphy (1995) que os descreve como pessoas que organizam o itinerário das suas viagens de forma mais independente, flexível e econômica, por períodos longos, que enfatizam o encontro com outras pessoas (do local ou estrangeira) e que buscam conhecer vários destinos. Desse modo, os mochileiros não participam do turismo de massa, aqui entendido como um turismo em grande escala que se propõe a proporcionar conforto, segurança e lazer<sup>13</sup>. Sendo assim destoam da oferta de ambientes acolhedores e isolados das pessoas locais. Essa oferta, promovida por agentes turísticos que criam pseudoacontecimentos, que não leva em consideração o mundo real em torno dos usuários de pacotes turísticos (URRY, 2001).

Frente a essa massificação, percebe-se que os mochileiros possuem uma dinâmica peculiar em suas práticas mais singulares. Diante disso, passo a investigar e procuro refletir como esse percurso de individuação do sujeito se processa concomitantemente com sua relação diante de uma sociedade que tenta anular a singularidade dos sujeitos através de propostas prescritivas e homogeneizantes do mercado turístico.

Para tanto, me apóio no diálogo entre a teoria Histórico-cultural e do pensamento complexo para apontar indícios de como a intrínseca relação indivíduo-sociedade sugere

---

<sup>13</sup> Lazer no senso comum é entendido como: descanso, folga, férias, repouso, despreocupação, distração, passatempo, hobby, diversão, entretenimento, tempo livre (GOMES, 2009, p. 68).

ser formadora e autorreguladora da subjetividade do sujeito e da constituição de seus sentidos e significados.

A escolha da teoria Histórico-cultural para o aporte teórico decorre da minha afinidade com essa teoria que entende o sujeito como um ser único em sua complexidade e dinamicidade. Sua base teórica relaciona-se com o desenvolvimento do psiquismo, processos intelectuais, emoções, consciência, atividade, linguagem, motivação, desenvolvimento humano, aprendizagem. No intuito de superar “velhas” dicotomias entre individual/social e interno/externo, Vygotsky (1993, p.25) propõe que “Há que estudar a unidade dos processos afetivos e intelectuais, pois, qualquer ideia carrega transformada, a atitude afetiva do indivíduo até a realidade representada nessa ideia”.

Sendo assim, conduzir a pesquisa embasada nessa teoria implica olhar para o sujeito numa perspectiva de uma unidade complexa, na qual esse sujeito se apresenta ativo, e recreativo, demonstrando contradições, de um modo dialético e historicamente construído.

Todavia, o diálogo estabelecido com os distintos autores da perspectiva Histórico-cultural reconhece que não há uma linearidade entre suas visões e sim uma complementaridade na construção dinâmica teórica.

O conceito de atividade desenvolvido por Leontiev, nessa teoria, também é caro para esta pesquisa, já que entende a atividade como processo de mediação que acaba por gerir mudanças importantes nos processos psíquicos. A atividade mediatiza a relação entre o ser humano e a realidade objetiva. O ser humano não reage mecanicamente aos estímulos do meio, ao contrário, pela sua atividade, põe-se em contato com os objetos e fenômenos do mundo circundante, atua sobre eles e transforma-os, transformando também a si mesmo. Nas palavras de Leontiev (1988, p.68) “Por atividade, designamos os processos psicologicamente caracterizados por aquilo a que o processo, como um todo, se dirige (seu objeto), coincidindo sempre com o objetivo que estimula o sujeito a executar esta atividade, isto é, o motivo”.

Quanto ao conceito de motivo, Leontiev (1960, p. 346), caracteriza “aquilo que se refletindo no cérebro do homem excita-o a atuar e dirige essa atuação à satisfação de

uma necessidade determinada”. Destaco que para o autor, as necessidades, ou seja, os motivos e os interesses humanos não são dados a priori desde o nascimento, mas são histórico-sociais, ou seja, são desenvolvidos na relação indivíduo/ sociedade, a partir das condições de vida e do contexto da cultura. Desse modo, as motivações dos mochileiros não devem ser entendidas como algo natural e imutável, Pelo contrário, elas podem ser modificadas e novas necessidades podem aparecer ao longo de sua vida e de sua atividade – a viagem de mochila.

Ser mochileiro requer compartilhar de alguns valores que identificam esse grupo. Esses valores serão analisados nesta pesquisa como categorias que já foram reconhecidas no imaginário social das histórias de viagens (aventura, risco, superação, transgressão, aprendizagem etc.) e que se apresentam, sobremaneira, no discurso dos mochileiros entrevistados.

Essas categorias recebem validação, num consenso das percepções dos responsáveis pelos hostels sobre mochileiros, que também participaram desta pesquisa, como indicadores complementares, numa perspectiva dialética, sistêmica<sup>14</sup> e complexa (REY, 2004).

Fazendo algumas aproximações com a antropologia contemporânea, temos o ser humano compreendido como mutável e cambiante. Não é mais possível aceitar a visão de ser humano na perspectiva iluminista que pressupõe um mundo estático, um mundo ordenado, no qual as leis que regem a natureza são invariantes e, portanto, previsíveis. Acreditar que a natureza do sujeito é constante significa concebê-lo independente de tempo, lugar e circunstância. Tratar os costumes dos lugares, aos quais pertencem, como meros adereços da sua constituição, certamente pode acarretar uma ilusão, um erro. A perspectiva do ser humano, hoje, que vive numa sociedade contemporânea capitalista é bem mais complexa, como nos aponta Geertz (1978, p.49), podemos falar que “a humanidade é tão variada em sua existência como em sua expressão”.

---

<sup>14</sup> A perspectiva do princípio sistêmico, (MORIN, 1996), liga o conhecimento das partes ao conhecimento do todo, concebendo a relação de interdependência entre eles. O todo está na parte, assim como a parte está no todo.

Para além de uma visão dicotômica do mundo, compreende-se o sujeito na sua relação com a sociedade. O “ser humano” não se estabelece apenas pelo nascimento biológico, mas através das relações sociais. Nasce humano em se tratando da espécie, mas se humaniza ao apropriar-se das características ontológicas externas ao seu corpo biológico, porém inseridas na cultura e dotadas de um processo histórico que, de acordo com Geertz (1978, p.64),

[...] Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas. Os padrões culturais envolvidos não são gerais, mas específicos.

Dando continuidade a essa dialógica<sup>15</sup> indivíduo-sociedade, trago o pensamento elaborado por Marcel Mauss (2003), que nos coloca frente às ideias de que as relações sociais não se formam apenas a partir da liberdade individual, mas também mediante uma força coercitiva coletiva que se impõe às vontades individuais. Mauss preconiza que as relações sociais se edificam a partir de uma experiência que tanto escapa ao imperialismo da obrigação coletiva (as normas e valores interiorizados e as repressões psicológicas) como ao relativismo da liberdade individual (a capacidade de cada indivíduo escolher arbitrariamente o que lhe é mais útil e interessante, seguindo sua própria preferência, independentemente dos demais). Nesse processo, reconheço que obrigação e liberdade na constituição do ser humano são elementos constitutivos de um paradoxo. Não se trata de colocar um dilema – ou isso ou aquilo: obrigação ou liberdade, interesse ou desinteresse –, mas de compreender que tais opostos não são contraditórios, sendo apenas expressões polares da realidade social complexa.

---

<sup>15</sup> No entendimento do pensamento complexo, “O princípio dialógico permite-nos manter a dualidade no seio da unidade. Associa dois termos ao mesmo tempo complementares e antagônicos” (Morin 1990, p.107). Significa juntar, entrelaçar coisas que aparentemente estão separadas – ordem/desordem; razão/emoção; sensível/inteligível; o real/o imaginário; razão/mitos; ciências/artes.

Localizando essa tensão gerada pela relação indivíduo-sociedade para a constituição da subjetividade do indivíduo<sup>16</sup> no dinamismo da contemporaneidade, temos instaurado uma nova ordem social diretamente ligada ao grau de erosão dos hábitos e costumes tradicionais e ao seu impacto global (GIDDENS, 2002). Isso nos leva a uma transmutação da vida individual, pois é crescente a interligação entre as influências globalizadoras com as tendências pessoais apontando que, conforme Giddens, a constituição do indivíduo possui um caráter reflexivo. A reflexividade necessariamente vincula-se ao agente, ao ator, ao sujeito. Giddens define como “o uso regularizado de conhecimento sobre as circunstâncias da vida social como elemento constitutivo de sua organização e transformação” (2002, p.26). Nesse sentido, o mesmo autor complementa que

[...] a emergência de novos mecanismos de auto-identidade são constituídos pelas instituições da modernidade, mas que também as constituem. O eu não é uma entidade passiva, determinada por influências externas; ao forjarem as suas auto-identidades, e independentemente de quão locais sejam os contextos específicos da ação, os indivíduos contribuem para (e promovem diretamente) as influências sociais que são globais em suas consequências e implicações (p.9).

Nesse contexto, o indivíduo deve ser construído reflexivamente, o que se torna uma árdua tarefa já que necessita ser cumprida mediante uma inumerável diversidade de opções e possibilidades. A reflexividade representa, assim, uma possibilidade de reinvenção da modernidade e de suas formas industriais. Nesse aspecto, o entendimento para a modernização reflexiva suscita a ideia de que muitas modernidades são possíveis, em oposição à ideia ocidental de que só existe uma forma de modernidade: a da sociedade industrial.

---

<sup>16</sup>A noção de indivíduo utilizado por autores da antropologia/ sociologia contemporânea, (SAHLINS, 2004; GIDDENS, 2002), diz de um ser humano dotado de autonomia de pensamento, capaz de expressar sua subjetividade por meio da apreensão dos universais –formas de pensamento e de linguagem – e suscetível de ser responsabilizado por seus atos. Os autores exploram o singular e o particular sem, no entanto, desprezar sua relação com o social. Dessa maneira, faço uma aproximação dessa abordagem de indivíduo, com a noção de sujeito utilizado por autores da psicologia social (REY, VYGOTSKY, LEONTIEV), que entende o ser humano com um ser ativo, único e irrepetível, sendo constituído em sua relação com a sociedade. A fim de evitar confusões semânticas utilizarei o termo indivíduo quando for me referir a uma citação ligada à antropologia/sociologia e mantereí o termo sujeito nos outros casos.



Acredito ser possível fazer uma relação entre a constituição do indivíduo pela reflexividade de Giddens com o princípio da recursividade proposto por Morin, evidenciando o caráter recursivo na constituição da subjetividade do ser humano. Segundo Morin (1990, p.108), a recursividade “é um processo em que os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causas e produtores daquilo que os produziu”. É fazer circular a causa sobre o efeito e o efeito sobre a causa. Um exemplo para este entendimento está exatamente na relação indivíduo e sociedade. A sociedade é resultado das interações humanas, porém, havendo uma sociedade (produzida), ela age sobre os elementos que a produziram (pessoas, instituições...) e também os altera, alterando assim a ela mesma.

Esse princípio rompe com a ideia linear de causa e efeito propondo um ciclo auto-organizador onde o efeito retorna sobre a causa. Nesse processo, a capacidade de subjetivação do sujeito está pautada nesse princípio, pois a “subjetividade não é algo que aparece somente no nível do individual, mas que a própria cultura da qual se constitui o sujeito individual, e da qual é também constituinte, representa um sistema subjetivo, gerador de subjetividade” (REY, 2003, p.78). Outro elemento constitutivo da subjetividade é a sua incompletude e o seu inacabamento (MORIN, 1996).

Desvelando outros elementos para a constituição do indivíduo, temos a invariante figura do ser humano necessitado, movido pela escassez que foi se constituindo ao longo da história. Um ser imperfeito com desejos que sempre ultrapassam seus poderes. Sahlins (2004, p.563), um antropólogo contemporâneo, em seus estudos sobre sociedades complexas, esboça a perspectiva de dimensões simbólicas gestadas para a constituição do eu e nos aponta “que a vida se resume à busca da satisfação”. Essa característica humana ainda se mostra muito presente nos dias de hoje, pela sua ontologia e seu fundamento apresenta o entendimento da “necessidade do alívio de nosso sofrimento” (2004, p.563). Uma sociedade que manifesta como ideal a busca da felicidade sugere que nascemos e somos infelizes.

A origem dessa infelicidade, segundo Paul Ricoeur (1967), pode ser lida com a queda do paraíso. Deixamos de ter a providência divina e passamos a ser responsáveis

pelo nosso próprio provento. Esse mito da gênese do ser humano, com sua consequente expulsão do paraíso, por transgredir uma “advertência divina”, já nos coloca diante um ser em contato com seu próprio desejo. Ao não suportar a restrição do conhecimento apenas do bem e desejar conhecer também o mal, se igualando assim ao conhecimento divino (do bem e do mal), esse ser humano, que ousou transgredir o prescrito, passa a ter em si o pecado original, perde o paraíso onde vivia sem tensões e passa a ter necessidades. “Punível tornou-se a vida humana e hostil o mundo” (SAHLINS, 2004, p.565).

Então, temos um ser humano que passa a ter a necessidade como princípio e a escassez pontua o eterno sofrimento da não satisfação da necessidade, ou seja, a falta. Não obstante, tudo que é conseguido com sacrifício passa a ter uma valoração maior diante das facilidades. “Ganharás o teu pão com suor de teu rosto” (GÊNESIS 3: 17-19). Ficamos diante, então, do que Sahlins chamou de “enfrentar o capitalismo como economia cultural” (2004, p.563). Para o entendimento de economia Sahlins utiliza a premissa de Robbins (1952, p.15) que indica que

[...] não temos a vida eterna nem meios ilimitados de gratificação. Para onde quer que nos voltemos, ao escolher uma coisa, temos de abrir mão de outras, às quais, em circunstâncias diferentes, não desejaríamos renunciar. A escassez de meios para satisfazer fins de importância variável é uma condição quase ubíqua do comportamento humano. É essa, portanto, a unidade do objeto da Ciência Econômica: as formas assumidas pelo comportamento humano ao dispor de recursos escassos.

A busca do prazer é considerada então como princípio decisivo da plenitude economicista, restando ao capitalismo “trazer a escassez para o primeiro plano e, com isso, privilegiar a dor, e não o prazer, como o motivo primordial dos juízos intelectuais, dos valores dos objetos e das relações sociais” (SAHLINS, 2004, p.573). Eis a ilusão de um mundo maquinicamente<sup>17</sup> prescrito (GUATTARI, 1986).

*Mas o que tudo isso tem a ver com a formação do ser mochileiro?*

Como fora apontado anteriormente, as experiências de viagens sempre estiveram presentes no imaginário e na trajetória de todas as sociedades. O ser humano sempre se

---

<sup>17</sup> Maquinicamente se refere à forma maniqueíta de entender o mundo.

deslocou em tempo/espaço motivado pela curiosidade, pela necessidade de sobrevivência, por sonhos de conquistas, pela profissão (tropeiros, vendedores, bandeirantes, artistas...), pelo desejo de superação psicológica, em busca do belo, do prazer, da aventura, do encontro com o Outro. Atualmente nas sociedades, acrescenta-se mais um elemento constituinte dos desejos/motivações – a indústria turística (COHEN, 1984; URRY, 2001; SORENSEN, 2003).

Frente a essas considerações, apresento no próximo tópico, as tensões enfrentadas pelos mochileiros frente aos paradoxos da sociedade contemporânea.

### **2.1 Tensões emergentes na configuração do sujeito mochileiro**

O turismo hoje representa uma grande e forte característica da experiência moderna (URRY, 2001). Pautado pela lógica capitalista de consumo, o turismo é implementado por métodos, técnicas e procedimentos do marketing de destino que se fundamentam em estudos sobre a imagem do lugar e o comportamento ambiental da demanda, recebendo inclusive contribuições da psicossociologia que investiga a percepção e o imaginário expressados no comportamento individual e coletivo dos consumidores-turistas. Além disso, também representa algo que confere status elevado na sociedade, pois é valorizado e vendido como “remédio antistress”, num sistema que exige do trabalhador produção em alta escala.

A construção de todo esse imaginário em torno das viagens promovida pela indústria turística se pauta na promessa da quebra de rotina por meio da vivência de prazeres diferentes daqueles com os quais nos deparamos na vida cotidiana. Sendo assim, configura-se como uma mudança artificial na vida diária diante de atividades corriqueiras e rotineiras. Esses pacotes turísticos visam atingir a necessidade de romper com o habitual, com o conhecido, com o prescrito.

Para um entendimento afinado com a perspectiva complexa desta pesquisa, é preciso compreender que quando falo de necessidade não estou me referindo apenas à escassez proveniente de uma ausência, mas também ao movimento provocado pela própria ausência. É um conceito que utilizo em sua forma dinâmica, ou seja,

[...] necessitamos não apenas do que nos falta, mas do que faltaria se não estivesse presente. A necessidade nem sempre é uma ausência: é uma condição que pode ou não ser satisfeita; ela abrange tudo o que me é necessário, em outras palavras, tudo aquilo sem o que não posso viver ou não posso viver bem (ABBAGNANO, dicionário filosófico, p.411).

Se a necessidade representa uma condição que pode ou não ser satisfeita, tem-se então, embutido, o movimento para satisfazê-la. Esse movimento, para Max-Neef, Elizalde e Hopenhayn (1986), é identificado como potência. Esses autores, como já dito antes, sustentam a ideia de que toda necessidade possui “uma dupla condição existencial: carência e potência” (1986, p.34). Em seu amplo sentido, a necessidade traz à tona a tensão constante gerada entre esses dois elementos que se complementam e se contradizem ao mesmo tempo. Então, a necessidade gera, ela mesma, um movimento para satisfazê-la e não fica imóvel diante da falta de algo, gerando sua própria dinâmica.

Maffesoli (2001) discorre, entretanto, que essa necessidade é tensionada pela “pulsão da errância”. A errância “traduz bem a pluralidade da pessoa, e a duplicidade da existência. Também exprime a revolta, violenta ou discreta, contra a ordem estabelecida” (MAFFESOLI 2001, p.16). Essa ordem que procura fixar o indivíduo immobilizando-o em uma função, seja profissional, ideológica ou afetiva, condiciona o ser humano a uma peça da engrenagem da mecânica social própria do capitalismo. Fixar significa uma estratégia de dominação que visa impedir a circulação social (a circulação de pessoas, de ideias, de bens, de cultura etc.), o que pode gerar na plenitude do seu poder a morte do ser (MAFFESOLI, 2001; GUATARI, 1986).

Em relação a essa pluralidade do ser humano a que Maffesoli se refere, Morin (1990) denomina de ser humano complexo, pois, ao incluir ao gênero humano a dimensão sapiens, dialogicamente, a dimensão demens se incorpora, nesse ser composto de razão e emoção, o qual nos constitui, mas que muitas vezes negamos, já que também somos loucos, desmedidos e descontrolados, configurando uma perspectiva na qual “o ser humano é duplo, possuindo um pouco de sapientalidade e um pouco de demencialidade” (CARVALHO, 2006).

Essa pulsão da errância também nos remete à impermanência de qualquer coisa, o que gera sentimento de insegurança, e postula que estar inquieto ou em desequilíbrio representa uma característica marcante própria da contemporaneidade. Assim, esse desejo de outro lugar, de outra forma, de ser outro, nos remete a uma outra necessidade: *a transgressão*.

Transgredir o social prescrito e percorrer “o vasto mundo para experimentar-lhe as múltiplas potencialidades” (MAFFESOLI, 2001, p.30) caracteriza a incompletude humana em busca do prazer, que se tensiona, na base econômica do capitalismo vigente, e produz uma satisfação artificial por meio de uma necessidade criada. Nesse sentido, entende-se que necessidade criada representa todo processo de mercantilização dos valores e bens que levam a uma suposta felicidade.

A transgressão pela errância na contemporaneidade advém de um desejo de rebelião contra a funcionalidade, contra a divisão do trabalho, contra a fixação. Diante disso, pretendo retomar a ideia de transgressão de forma mais aprofundada e contundente nas páginas seguintes.

A experiência vivida nas viagens proporciona novos contatos através de distintos horizontes, culturas, lugares, pessoas e paisagens, que possibilita romper com as rotinas diárias, e com isso, afetar o sujeito pela reflexividade das relações estabelecidas, já que produz distintos sentidos de si e dos outros, pois passa a pertencer a um imaginário coletivo que gera nos viajantes expectativas sempre surpreendentes diante da imprevisibilidade e da improvisação frente a situações inusitadas. Nesse aspecto, como afirma Urry (2001, p.18), “tal expectativa é construída e mantida por uma variedade de práticas não-turísticas, tais como o cinema, a televisão, a literatura, as revistas, os discos e os vídeos, que constroem e reforçam o olhar”. Hoje em dia, podemos acrescentar a internet e os sites de relacionamento.

Essa expectativa, gestada por Urry (2001), apresenta um paradoxo, ou seja, ao mesmo tempo que pode representar uma ruptura com o sistema também pode gerar uma alienação pelo próprio sistema. Diante desse impasse, a diferenciação entre transgredir e alienar representa a forma como o sujeito se apropria desses elementos

culturais e como isso vai interferir em sua vida, integrando essa atividade na configuração de sua subjetividade.

Essa construção imaginária das infinitas maravilhas que a viagem possui, paradoxalmente, pode confluir para armadilhas produzidas pelo consumismo cultural, pois a experiência da viagem se torna “vendida” como um espaço turístico que remete ao paraíso constituído pela fruição do mais puro “lazer”.

Nesse contexto, a indústria turística, atenta aos valores que emergem da prática do turismo, cria no imaginário coletivo lugares fantásticos capazes de simbolizar a satisfação das necessidades produzidas pelo próprio sistema. Nesse aspecto, produz uma completude ilusória e efêmera (BAUMAN, 1999). No contexto atual, verificam-se distintas possibilidades de viagens através do turismo de massa, turismo social, turismo de aventura, turismo de experiência, turismo de exploração, turismo cultural, turismo romântico, turismo sexual, dentro outras. Na relação produção/consumo, a indústria turística desenvolve um produto para cada suposto desejo e/ou valor que aflora. Sendo assim, mais do que viagens, vendem-se pseudossonhos com promessas de realização de uma vida melhor.

Aliado a isso, uma manifestação produzida na relação entre indivíduos/sociedade que constitui um valor elevado na experiência da viagem, representa o gosto pela aventura. A aventura para Le Breton (1996) constitui um dom de sonhar, é um agente liberador de emoções que renuncia uma existência sem tempos mortos, uma vida plena de momentos excepcionais. Segundo o autor, o desejo de viver uma aventura marca o inacabado na condição humana, de desejar o que ainda não existe, de realizar, em pensamento, o sonho de ser um outro diferente de si. As dificuldades de um ambiente desconhecido fazem com que esses sujeitos desfrutem e deem vida a seus “heróis” interiores, na perspectiva de encaminhar novos sentidos à aventura que constroem em cada viagem. A aventura, ainda segundo Le Breton, constitui uma paixão capaz de transformar os obstáculos encontrados em plataformas para ascensão dos aventureiros nos seus espaços e projetos. Nesse aspecto, Le Breton vê a aventura como paixão pelo risco.

O conhecimento dos riscos incita o gosto pela transgressão, numa afirmação de capacidade de superação. A determinação objetiva dos riscos e dos perigos se mistura à subjetividade dos sujeitos, permeada de representações pessoais e pelos conteúdos do imaginário social.

“Viver no universo da alta modernidade é viver num ambiente de oportunidade e risco” (GIDDENS, 2002, p.104). Diante dessa afirmação, o autor citado postula que a noção de risco está se tornando central nesta sociedade. O indivíduo deixa o passado, o modo tradicional de fazer as coisas, bem como o conhecido e se abre a um futuro no qual ele próprio intervém, tanto no mundo natural quanto no social, gerindo um futuro problemático e emblemático. No entanto, a maleabilidade do mundo social que permite ao ser humano dar forma aos ambientes físicos acaba por exigir “uma espécie de estimativa geral do risco” (p.106), que pode afetar quase todos os seus hábitos e atividades.

A subjetividade<sup>18</sup> do indivíduo, no decorrer da sua vida cotidiana, coloca-o frente a escolhas nas quais opta em expor-se, ou não, deliberadamente ao risco, e “junto com a natureza dinâmica do conhecimento, significa que a consciência do risco se infiltra nas ações de quase qualquer um” (GIDDENS, 2002, p.106).

De todo modo, faz-se necessário ter clareza de que os riscos que se corre voluntariamente são diferentes daqueles que fazem parte da imposição feita pelas atribuições da vida social ou por um estilo de vida que se escolheu. No mundo contemporâneo corremos riscos que, muitas vezes, não escolhemos e que, diversas vezes, também não sabemos.

Dessa maneira, é comum, na atual sociedade, que sujeitos vivam numa constante tensão provocada por um risco cultivado, já que desejam fortes emoções, desejam aventura, e a exposição deliberada à incerteza, na expectativa de quebrar as rotinas da vida comum. Essa necessidade de colocar-se em risco resgata o herói adormecido que se aventura e traz à tona a capacidade de superar-se. Como Giddens pontua

---

<sup>18</sup>Dimensão ampla do sujeito que integra sua história pessoal e social, que utilizo a partir das concepções apresentadas por Fernando Rey. Abordarei mais detalhadamente à frente neste trabalho.

A emoção das atividades de risco envolve diversas atitudes discerníveis - consciência da exposição ao perigo, exposição voluntária a tal perigo, e uma expectativa mais ou menos confiante de superá-lo. [...] O cultivo do risco converge aqui com algumas das orientações mais básicas da modernidade. A capacidade de perturbar a fixidez das coisas, de abrir novos caminhos e assim colonizar um segmento de um futuro novo é parte do caráter desestabilizador da modernidade (2002, p. 125).

Acerca desta colonização do futuro corroboro com Boaventura Santos (2002) quando se refere à necessidade de “expandir o presente” e “contrair o futuro”<sup>19</sup>, evocando a dimensão da experiência como possibilidade de ampliar as práticas sociais.

Frente a isso, então, poderia afirmar que o cultivo do risco representa um “experimento com confiança” (GIDDENS, 2001) no sentido de confiança básica - que consequentemente tem implicações para a autoidentidade do indivíduo. Tentar “dominar” tais perigos representa um ato de autojustificação e uma demonstração, para o eu e para os Outros, de que se pode sair de circunstâncias difíceis (superação). O medo produz a emoção, mas é o medo que é redirecionado em forma de uma busca de domínio.

Para Giddens (2001, p.41), embasado pelo pensamento de Winnicott, a confiança básica constitui o nexos original do qual emerge uma orientação emotivo-cognitiva combinada em relação aos Outros, ao mundo dos objetos e à auto-identidade. A experiência da confiança básica está na coragem de ser. E esta se desenvolve por meio da atenção amorosa das primeiras pessoas a cuidarem das crianças.

Esses elementos ressaltados anteriormente, risco, medo, superação, me provocam a indagar o seguinte: Em que medida a transgressão ajuda o sujeito a se libertar das amarras sociais impostas, sem bani-lo do social? Nesse aspecto, alguns aportes da psicanálise possibilitam compreender essa ação. De todo modo, mesmo considerando o potencial psicanalítico para interpretar esse fenômeno, não adotarei o termo transgressão associado à ideia de perversão, como é recorrente nessa área do conhecimento, pois entendo que essa perspectiva não contempla as discussões levantadas neste estudo.

Sendo assim, procuro esclarecer como a transgressão pode ser parte de um processo de emancipação do sujeito que produz novas configurações na constituição de

---

<sup>19</sup> Para maiores esclarecimentos sobre estes termos consultar a obra intitulada “Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências”, de Boaventura de Sousa Santos, 2002



sua subjetividade. “Transgredir é a maneira pela qual a individualidade pode resistir ao imperativo da normalização e da disciplina” (BIRMAN, 2002, p.47). Desse modo, o transgressor questiona o que está prescrito. Sua resistência imprime uma força contrária à norma vigente levando-o à ultrapassagem de limites e a uma tentativa de delinear novas fronteiras.

Nesse sentido, pela possibilidade de transgressão do existir e do criar pessoal, podem emergir, sinalizando, muitas vezes, resistência e liberdade em relação a determinadas injunções. Os conflitos advindos dessa ação desafiam a individualidade do sujeito a enfrentar a busca pela sua expressão. Diante disto, Birman (2002) sinaliza que a paralisação e a eliminação do sistema normativo, que a experiência transgressiva engendra, tem a intenção de gerir na subjetividade dos sujeitos, condições para se enunciar de uma maneira mais condizente com seus desejos. Esse olhar rompe com visões que apenas patologizam o significado da transgressão nas experiências dos sujeitos. Nesse sentido, segundo o autor, a postura transgressora representa um movimento de

se inscrever no mundo por palavras e atos, sem que isso signifique uma nova regulação normativa. O que está em pauta é uma ética com desdobramentos estéticos, sem implicações morais. O gesto transgressor, portanto, é um ato ético propriamente dito, pelo qual a subjetividade, como diferença e singularidade, enuncia-se e materializa-se no mundo (BIRMAN, 2002, p.60).

A transgressão traz à tona a abundância do desejo da descoberta, derruba barreiras e amplia limites para introduzir o novo, o desconhecido, o estranho, o outro (SZPACENKOPF, 2002 p.37). Transgressão como possibilidade de criação e inovação, que precisa ultrapassar o conhecido na tentativa de alcançar novos desconhecidos. Nessa perspectiva, não pode ser valorada como algo negativo, contrariando o senso comum que, muitas vezes, interpreta a transgressão como proveniente do “campo do mal”.

Essa ideia maniqueísta encontrada no senso comum reforça a visão dominante dos valores expressos pelos que ditam as normas, que não podem ser perturbados, nem contestados, restando apenas aos sujeitos pertencentes a essa sociedade cumpri-los, mantê-los, zelar por sua ordem. Desse modo, em contraponto, a transgressão concebida como algo que emancipa os sujeitos apresenta um olhar distinto

A transgressão questiona o sistema normativo, propondo outras maneiras de regulação que conduzem a novas formas de subjetivação (Foucault 1976c). É a singularidade, em sua diferença, que está em pauta. **Como consequência, a descontinuidade e a ruptura são as marcas inconfundíveis da experiência transgressiva**<sup>20</sup> (BIRMAN, 2002, p.49). (grifo meu).

A experiência transgressiva carrega em si uma dimensão de risco, e até mesmo risco de vida. Ao ultrapassar fronteiras, não se sabe o que nos espera, e a viagem representa uma aventura na incerteza, o risco de romper a ordem, a possibilidade de viver a desordem e, assim, exercer a capacidade de todo sistema vivo, a “auto-regulação”<sup>21</sup> (MORIN, 1990). Todavia, não se pode afirmar que todos aqueles que se expõem ao risco, que transgridem, buscam a morte, apesar de saber que ela se mostra inerente. No entanto, antes de tudo, a busca é pela expansão das possibilidades existenciais, é o sujeito reivindicando por sua singularidade. Viver ou morrer fazem parte do risco assumido pelo gesto transgressor. Nesse aspecto, Morin (1996 p. 299) cita Pascal quando discute a dialógica morte/vida, com a frase “Viver de morte e morrer de vida”. Nessa dialógica pode-se inferir que viver ou morrer podem, também, representar consequências sem que isso expresse a busca pela morte, mas apenas a realização de algo que, para o sujeito, é existencialmente mais condizente. Entretanto indago: Como se constitui o que é pertinente ao sujeito?

Frente a isso, intento compreender essa delicada condição humana por meio do entendimento da subjetividade do sujeito, por meio do aporte teórico da psicologia social apoiada na teoria Histórico-cultural. Essa compreensão teórica contextualiza a emergência de um sujeito situado numa configuração que se estabelece nas relações sociais, as quais produzem significados que são constituintes próprios da expressão dos sentidos pessoais, no decorrer das suas ações.

A compreensão da constituição da subjetividade do sujeito, nessa perspectiva, implica vislumbrar que elementos contribuem para a sua formação de maneira pessoal,

---

<sup>20</sup> Grifo meu.

<sup>21</sup> Uma relação misteriosa entre a ordem, a desordem e a capacidade de gerar nova organização (MORIN, 1996, p.47). Esse autor considera o “*auto*” uma propriedade que faz com que um sistema vivo extraia de si mesmo a fonte de sua autonomia, sendo, ao mesmo tempo, dependente de energia e informação do meio ambiente.

social, única e irrepetível. Essa abordagem refuta enquadrá-lo no formato hegemônico, socialmente vigente, permitindo assim seu afastamento de modelos pré-estabelecidos. Afirmar o ser humano como sujeito significa reconhecer a sua possibilidade de agir, de superar o prescrito, de transgredir, em direção à realização de projetos pessoais assumidos, reconhecendo que se trata de uma possibilidade constituída historicamente. Ou seja, reconhece o ser humano como sujeito de sua atividade, um ser ativo. Assim, pode-se afirmar que a subjetividade representa uma experiência própria do sujeito histórico, como nos coloca Rey (2004, p.126).

A subjetividade é um sistema permanentemente em processo, mas com formas de organização que são difíceis de descrever e que, portanto, epistemologicamente, não são acessíveis à descrição... A subjetividade é da ordem do constituído, mas representa uma forma de constituição que, por sua vez, é permanentemente reconstituída pelas ações dos sujeitos dentro dos diversos cenários sociais em que atuam.

Nesse sentido, encontrei, no pensamento de Vygotsky e de outros pensadores da corrente soviética (LEONTIEV e LURIA, 1960), o cerne para o entendimento desta visão: a *mediação*.

Diante disso, torna-se fundamental compreender que a mediação representa um processo e não o ato em que alguma coisa se interpõe. Mediação não é algo que está entre dois termos que estabelecem uma relação. Ela é a própria relação. Entender o ser humano como sujeito significa compreender que seu psiquismo é constituído por sua atividade reflexiva, ou seja, em sua relação dialética com o externo. Na relação constitutiva do eu-outro construída por Vygotsky (1996, p.17-18), na qual

O mecanismo da consciência de si mesmo (autoconhecimento) e do reconhecimento dos demais é idêntico: temos consciência de nós mesmos porque a temos dos demais e pelo mesmo mecanismo, porque somos em relação a nós mesmos o mesmo que os demais em relação a nós. Reconhecemo-nos a nós mesmos somente na medida em que somos outros para nós mesmos, isto é, desde que sejamos capazes de perceber de novo os reflexos próprios como excitantes.

Nesse cenário, outro elemento constituinte da subjetividade do sujeito, que passa necessariamente pela mediação, é a *alteridade*. A experiência de contato com o diferente

afeta e transforma os sujeitos envolvidos. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que passa o que acontece, ou o que toca” (BONDÍA, 2002, p.21). Para isso, torna-se necessário transcender o mundo das informações, das opiniões, dos saberes produzidos e vivenciar na prática do contato a possibilidade de experiência<sup>22</sup>, de troca. Nesse processo, compreende-se que o crescimento pessoal e social se constitui na medida da experiência e não só da informação. A alteridade se dá pela perplexidade provocada pelo encontro das culturas, as quais transformam o olhar que se tem sobre si mesmo. Segundo Laplantine (2006, p.21), quando ficamos presos a uma única cultura, ficamos cegos à dos outros e míopes à nossa mesma, conforme suas palavras,

[...] a experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) leva-nos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos “evidente”. Aos poucos, notamos que o menor de nossos comportamentos (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem realmente nada de “natural”. Começamos, então, a nos surpreender com aquilo que diz respeito a nós mesmos, a nos espiar. O conhecimento (antropológico) da nossa cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única.

Nesse momento, estou abordando a noção de alteridade pela visão antropológica que envereda seus estudos como o estudo do Outro, entendido como outra sociedade, outra cultura, outro grupo social, enfim, aquele que se apresenta de forma diferente de mim. Temos, então, uma abordagem como uma tentativa de compreender a diversidade cultural, em um encontro radical com a alteridade.

Para Jodelet (1998, p.50) “o objeto alteridade, estudado pela psicologia social, acha-se situado no plano do vínculo social, da relação entre um “ego” e um “alter””. Nessa visão, a alteridade é compreendida como produto de um duplo processo de construção e exclusão social que são intimamente ligados numa unidade de contrários. Ao apontar como forma “do que é outro”, a noção de alteridade torna-se vinculada a um “não eu” de um “eu” e a um “outro” de um “mesmo”. Essa distinção entre o mesmo e o outro traz a

---

<sup>22</sup> Experienciação: termo adotado para romper com a ideia experimentalista da psicologia tradicional.

tona a noção de identidade bem como a de pluralidade. “É sempre a reflexão acerca da alteridade que precede e permite toda definição identitária” (AUGE, 1994, p.84).

Ainda sobre alteridade, Jodelet (1998) faz uma distinção entre a “alteridade de fora”, isto é, o que é distante, diferente, exótico com relação a uma determinada cultura (a visão antropológica) e a “alteridade de dentro”, que remete às diferenças existentes dentro de um mesmo conjunto cultural ou social. A mesma autora salienta como uma necessidade de aprendizagem gera diversas possibilidades que se estabelecem nas relações com o outro e os diferentes graus de proximidade desse outro numa realidade social. Aquele que não é o mesmo que “nós” pode ser apenas diferente, mas próximo, ou constituir-se como um alter em “sua forma mais extrema e alienante”, como é no caso dos preconceitos e de todas as formas de exclusão social.

Então é possível assinalar que a vivência da alteridade afeta diretamente a subjetividade do sujeito, pois o fundamento das conexões do psiquismo está no entendimento de que o social e o individual atuam de forma recíproca como constituintes um do outro, simultaneamente.

O desenvolvimento da subjetividade acompanha o desenvolvimento humano. Para Fernando Rey (2003, p.108), a subjetividade pode ser entendida “como a organização dos processos de sentido e significação que aparecem e se organizam de diferentes formas e em diferentes níveis do sujeito e na personalidade, assim como nos diferentes espaços sociais em que o sujeito atua”. Trata-se de um sistema complexo e plurideterminado que se torna afetado pelo andamento da sociedade e das pessoas que a constituem no contínuo movimento das complexas redes de relações que caracterizam o desenvolvimento social. Todavia, as distintas subjetividades sociais e pessoais, ressignificam as experiências pela capacidade reconstrutiva que caracteriza o ser histórico e cultural.

Sendo assim, a abordagem da subjetividade, segundo Rey (2004), possibilita a compreensão da esfera psicológica, dentro de uma análise complexa, recursiva e multidimensional. Ao gerir uma simultaneidade do espaço social e do espaço individual,

rompe-se com a dicotomia subjetivo/objetivo e resgata-se a processualidade necessária para a compreensão do desenvolvimento humano.

A partir da compreensão da constituição da subjetividade lança mão de dois conceitos também caros a esta pesquisa: *sentido e significado*. Esses conceitos aparecem na fase final da obra de Vygotsky a partir da afirmação de que, para o estudo da consciência humana, é preciso conhecer a relação pensamento-linguagem. Essa relação, segundo Vygotsky (1993, p.108), “não é uma coisa, mas um processo, um movimento contínuo de vai-vem do pensamento para a palavra, e vice-versa. [...] O pensamento não é simplesmente expresso em palavras: é por meio delas que ele passa a existir”.

Dentro dessa perspectiva a linguagem não é capaz de expressar um pensamento pronto. Por isso, evidenciamos a necessidade de se conhecer os sentidos e significados imbuídos nela para compreender o pensamento do sujeito, pois como premissa Vygotsky (1993, p. 125), pontua que:

o sentido de uma palavra é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. É um todo complexo, fluído e dinâmico, que tem várias zonas de estabilidade desigual. O significado é apenas uma das zonas do sentido, a mais estável e precisa. Uma palavra adquire seu sentido no contexto que surge; em contextos diferentes altera seu sentido. O significado permanece estável ao longo de todas as alterações de sentido.

Tentando trazer à tona elementos que ajudam no entendimento desses dois conceitos e, conseqüentemente, elucidar a importância que eles representam para esta pesquisa, procurei organizar algumas percepções dessa sutil diferença entre sentidos e significados, evitando o uso banalizado dos vocábulos, pois, como aponta Ude (2012), esses dois termos são recorrentemente utilizados de forma aleatória nos textos que discutem atividades relacionadas ao lazer.

Na relação entre o pensamento e a palavra, o significado faz o elo entre essas duas dimensões humanas. Como salienta Vygotsky (1934/2001, p. 398), “Não podemos dizer que ele seja um fenômeno da linguagem ou um fenômeno do pensamento. A palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio”. Logo, o significado representa um traço constitutivo indispensável da palavra. Num processo permanente de

transformações, o significado anima o pensamento e a linguagem numa relação na qual um depende do outro. O significado de uma palavra é comum, é próprio do signo, participa de certa convenção, por exemplo, o dicionário. Portanto, é mais estável e demonstra certa continuidade. Já o sentido de uma palavra pode ser diferente para cada sujeito que a expresse, dependendo do contexto em que ela se insere. Diferentes contextos apresentam distintos sentidos para uma palavra.

Para Rey (2004, p.125), “a categoria sentido permite visualizar a especificidade da psique humana e incorporar um atributo ao social: o caráter subjetivo dos processos sociais”. E continua seu pensamento afirmando que a subjetividade não é o oposto do objetivo, mas sim, uma qualidade da objetividade nos sistemas humanos produzidos culturalmente. A partir daí podemos elaborar que a motivação dos sujeitos por alguma prática específica situa-se no nível subjetivo, pois, segundo Rey (2004, p.127),

A motivação não é específica de uma atividade, é uma motivação do sujeito, uma configuração única de sentido que participa da produção de sentido de uma atividade concreta, mas que não é alheia aos outros sentidos produzidos de forma simultânea em outras esferas da vida do sujeito. O sentido subjetivo é a integração de uma emocionalidade de origens diversas que se integra de formas simbólicas na delimitação de um espaço da experiência do sujeito. No sentido subjetivo integra-se tanto a diversidade do social quanto a do próprio sujeito em todas suas dimensões, incluindo a corporal. As emoções associadas à condição de vida do sujeito se integram em sua produção de sentido.

Então as escolhas de suas práticas, as vivências que o sujeito elege para experienciar, refletem justamente as relações estabelecidas entre o sujeito e o contexto que compartilha. Em outras palavras, por trás das vivências de cada indivíduo, encontra-se o mundo das necessidades – suas motivações, seus desejos, seus propósitos – em seu complexo entrelaçamento com as possibilidades de sua satisfação.

Temos, então, uma teia inesgotável de elementos que se relacionam para constituir a forma em que os mochileiros viajam e vivenciam suas viagens. Pois eles, como descrito nas pesquisas analisadas, não viajam em pacotes turísticos, são mais autônomos nos processos decisórios que envolvem seus deslocamentos, são dotados de um espírito aventureiro, buscam sempre novos desafios, aprendem por meio da exposição, do

desprendimento e do intenso relacionamento com outras pessoas. Os itinerários são escolhidos de forma personalizada propiciando novas experiências - regiões menos turísticas, culturas mais “excêntricas”, lugares com possibilidades de atividades ao ar livre –, porém sem deixar de conhecer e experienciar os aspectos e lugares considerados tradicionais em uma cultura.

Outra instigante questão é perceber que mesmo inseridos no capitalismo, produzem uma tensão gerada pela disposição de realizar de forma diferenciada, quase como uma bandeira, uma espécie de contracultura ou simplesmente a demarcação da possibilidade de outra cultura e um outro sistema social. Frente a isso questiono: seria uma forma de contestar o sistema vigente? Seriam eles transgressores da imposição econômica da ordem capitalista?

Compreender o mochileiro por essa ótica implica ter um olhar crítico por meio do estranhamento diante daquilo que hoje nos parece muito familiar e naturalizado: a redução das práticas de viagem como mercadoria (transformando-a num produto a ser adquirido, consumido e utilizado).

Em oposição a esse viés mercantil, compreendo que a viagem precisa ter sentido para aqueles que a desfrutam. Diante das atividades constituintes do ser mochileiro, faz-se necessário reconhecer que sua prática está vinculada à construção de significados que dão sentido à sua existência. Esses sentidos são produzidos e reproduzidos pela interação dialógica dos sujeitos em suas relações com o mundo.

Perceber que tais relações se dão na medida em que o sujeito interage com o mundo, constituindo saberes, valores, motivações e desejos, numa perspectiva dinâmica, não corrobora com visões lineares acerca deste fenômeno (mochilagem) e evidencia o paradoxo que a fruição dessa prática possui. A interdependência com os processos histórico-culturais de cada sujeito ratifica que o tempo/espço social de experiência dos mochileiros não tem um sentido e significado únicos, muda com a idade, com as condições de educação, com as experiências de viagem, com as condições afetivas, enfim, muda segundo as diferentes condições da cultura e da sociedade a que o indivíduo pertence.



Nos próximos capítulos, desenvolvo a dimensão empírica da pesquisa, já que o essencial para a conexão com todas essas questões teóricas levantadas até o momento dialoga com as percepções relatadas pelos sujeitos praticantes da atividade investigada. Desse modo, essas percepções me possibilitaram, ao longo desta pesquisa, captar a motivação e a subjetivação de cada um para a prática da mochilagem, trazendo à tona os sentidos e significados produzidos nessa experiência humana.

### **3. TRAJETOS, PERCUSOS E PERCALÇOS METODOLÓGICOS**

Este capítulo visa mostrar o caminho metodológico percorrido para a realização desta pesquisa.

Para isso, desenvolvo um breve histórico de como ocorreu minha aproximação com o campo de estudo, numa perspectiva interdisciplinar, relativo ao tema desta investigação. Relato os motivos pelas escolhas das localidades pesquisadas bem como as estratégias para encontrar os sujeitos da pesquisa. Descrevo os métodos selecionados e utilizados para realizar o trabalho desde sua concepção até sua análise e finalização.

#### **3.1 Aproximação do campo de pesquisa: transitar entre a prática e a reflexão – uma trilha acadêmica**

Considero que chegar neste momento do estudo não seria possível sem considerar o caminho que, ao ser percorrido, transformou a investigadora e revelou sua história. Portanto, deixo nesta parte do texto, um registro dos rastros de uma trajetória que culmina com a escritura desta dissertação de mestrado.

Como elemento instigador deste projeto, trago um conjunto de experiências (acadêmica, profissional e pessoal), que vivenciei em minha trajetória de vida - um constructo.

Nesse sentido, desde que me formei em educação física (UFRRJ/ 1986), sempre tive com o lazer, aqui utilizado no senso comum<sup>23</sup>, uma relação muito estreita. Tanto na vida pessoal como na profissional, o divertimento comungou com as obrigações. Talvez como uma forma de conviver com a imposição do trabalho, talvez porque não consigo separar essas duas dimensões em tempos/espacos distintos. Assim, fui percebendo e vivendo essa intrínseca e dialógica relação entre o trabalho e o lazer.

Além do trabalho realizado na educação física escolar, sempre desenvolvi e atuei em projetos na área de lazer. Por um lado, muitos desses projetos foram conectados à

---

<sup>23</sup> Lazer no senso comum é entendido como: descanso, folga, férias, repouso, despreocupação, distração, passatempo, hobby, diversão, entretenimento, tempo livre (GOMES, 2009, p.68).

oferta de atividades recreativas, no sentido tradicional, de cunho festivo e de entretenimento. Por outro lado, diferentes projetos foram organizados buscando desenvolver propostas voltadas à educação para o lazer<sup>24</sup>. Isso me permitiu transitar por contextos distintos intermediados por diferenciadas concepções de lazer.

De modo empírico, em meu trabalho, fui constatando, ao longo dos anos, que as práticas de lazer, nas quais a viagem representava a atividade fruída, as pessoas envolvidas, sejam alunos ou grupo diverso, voltavam marcadas de maneira mais contundente pela experiência relacional vivenciada com o grupo e com o ambiente. Ficava evidente o quanto essa prática afetava os sujeitos.

Na minha vida pessoal, também constato que sou afetada pelas viagens, pois, além de buscar lugares em que eu possa entrar em contato direto com a natureza, sempre viajo motivada em conhecer os diferentes modos de viver de cada comunidade que visito. Não me importa o quão famoso o lugar é, mas sim o quão diferente ele pode ser em seus costumes. Alimento-me do prazer gerado pela aprendizagem que se dá mediante os encontros com outras culturas. Avalio que, ao deparar-me com valores e hábitos diferentes dos meus, esse “choque” cultural suscita uma capacidade elástica para lidar com as diferenças. Nesse processo, não fazer juízo de valores, mas simplesmente compreender que são possíveis outras formas de gerir a vida, uma auto-organização, na qual vou construindo meus próprios conceitos, produzindo distintas forma de ver e estar no mundo.

Neste contexto de experiências com viagens - vividas na prática pessoal ou no exercício profissional – diante do caos confluyente de ideias e ações, todas essas impressões e percepções acumuladas necessitavam de enfrentar uma reflexão acadêmica. Era preciso constituir um aprofundamento teórico-conceitual do conhecimento prático adquirido, no intuito de avançar o empírico. Era emergente religar o empírico e o teórico. Frente a isso, aproximei-me e passei a participar do Grupo de Estudos e Pesquisa OTIUM – Lazer, Brasil e América Latina (UFMG) e dar meus primeiros passos nessa direção.

---

<sup>24</sup>A concepção de *recreador tradicional* desconsidera as subjetividades e deixa pouco espaço para a participação crítica dos indivíduos. A noção de educação para o lazer, em contrapartida, nos remete aqui, ao termo *formador cultural*, que atua a partir da perspectiva dialética em busca de uma democracia cultural. (MELO, 2004, p.12).

Essa experiência aguçou minha curiosidade, tão necessária à pesquisa, para compreender os elos, as relações, os sentidos e os significados que as viagens, como uma atividade humana, possuem e, em que medida, interferem e influenciam na forma como os sujeitos se posicionam diante o mundo. Seria a viagem um instrumento para o autoconhecimento? Seria essa um lazer que permite o sujeito reconhecer-se e reconhecer o outro nas diferenças e semelhanças? O que se passa com esses sujeitos que viajam? O que os motiva a viajar?

Essas indagações foram surgindo à medida que eu ampliava meus conhecimentos no campo de estudos do lazer. Ao compreender e comungar, cada vez mais, com a ideia de que o lazer, para além de práticas realizadas para divertimento em tempos de não trabalho, constitui-se em uma necessidade humana, que se configura na complexidade do ser humano, tal como a família, o trabalho, a cultura, a religião, dentre outras. Todavia me torno inquieta perante a pretensa soberania do valor do trabalho (produção/consumo) no sistema capitalista, numa perspectiva hierárquica em relação ao valor do lazer.

A relação dicotômica lazer/trabalho, muitas vezes, assumida no meio acadêmico, não sustenta uma base teórica pertinente aos significados e aos sentidos construídos em minha trajetória/pesquisa. Então, sob a orientação do Prof. Dr. Walter Ude, passo a integrar o NEPPCOM – Núcleo de Estudos e Pesquisa do Pensamento Complexo (FaE/UFMG).

Sendo assim, aprofundo os estudos tanto na teoria Histórico-cultural quanto no pensamento complexo, encontrando nessas abordagens um diálogo possível com a perspectiva da minha pesquisa. Evidencio, dessa forma, a escolha das abordagens utilizadas corroborando o pensamento de Thomas Kuhn (1962). Esse autor coloca que a argumentação usada na ciência não é livre de valorações. Uma teoria substitui outra, não porque seja capaz de salientar um maior número de deduções, mas porque responde a algumas questões que a outra teoria não responde.

Portanto, todos os estudos aos quais me dediquei sobre a prática de viagens, a constituição dos sujeitos, a motivações, a experiência de alteridade e do fenômeno lazer,

motivaram-me a construir e a desenvolver esta pesquisa no mestrado interdisciplinar em lazer da UFMG.

Esta investigação representa um desdobramento desses diferentes estudos. Ela tem como foco investigar os sentidos e os significados da prática de viagem de mochila na sociedade contemporânea, compreendidos a partir das experiências de diferentes sujeitos envolvidos nessa prática.

### **3.2 Paraty, Córdoba e Rosário – entre cenários históricos e naturais**

A escolha das localidades nas quais a pesquisa foi desenvolvida não foi uma tarefa fácil. Era necessário encontrar localidades que fossem frequentadas por mochileiros. Mas quais atributos essas localidades deveriam ter para atrair os mochileiros?

Procurando encontrar indícios que me ajudassem na escolha de locais adequados, verifiquei, nas pesquisas e na revisão bibliográfica sobre o tema viagens de mochila e também junto com minha experiência de viagens, que locais frequentados por mochileiros geralmente apresentam natureza exuberante e/ou um acervo histórico-cultural acentuado. Sendo assim, escolhi três cidades que são reconhecidas por suas belezas naturais e seu patrimônio histórico aliados às possibilidades financeiras que permitiram meu acesso a essas localidades. Foram eleitas: Paraty (Rio de Janeiro - Brasil), Córdoba (Córdoba - Argentina) e Rosário (Santa Fé - Argentina).

#### **3.2.1 Paraty**

Paraty foi fundada oficialmente em 1667 – depois de se separar de Angra dos Reis – em torno da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, sua padroeira. Teve grande importância econômica devido aos engenhos de cana de açúcar, o que a levou, na época, a ser um grande produtor de aguardente. No século XVIII, o município tornou-se um dos mais importantes portos da colônia, por onde o ouro extraído em Minas Gerais era escoado para Portugal. Hoje, o chamado Caminho do Ouro – parte da Estrada Real que

liga Diamantina - MG à costa fluminense- RJ – tornou-se mais uma grande atração turística do município. São quatro quilômetros de trilha, que corta a mata atlântica, ainda com o calçamento de pedras originais, assentadas por escravos. Essa estrada foi construída pelos escravos entre os séculos XVII e XIX, a partir de trilhas dos índios Guaianazes (habitantes locais).

Paraty foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1966, e pleiteia o título mundial, concedido pela UNESCO. Todavia, um dos empecilhos que dificultam seu título de Patrimônio da Humanidade é a inexistência de um sistema de esgoto.

Mas a história de Paraty é dinâmica. Com o declínio da extração e exportação do ouro, em meados do século XVIII, a vila vai perdendo sua importância. Com o ciclo do café, a cidade revive seus dias de glória. O produto atingiu alto valor de mercado no início do século XIX, e a principal região produtora no Brasil era o Vale do Paraíba, próximo a Paraty. Mais uma vez, a cidade tornou-se um destacado porto de embarque para a Europa, principal destino do café plantado no país.

Paraty, ainda durante o ciclo do ouro, começa a receber ‘refugiados’ da Europa. A maçonaria é uma das maiores influências na cidade e marcou definitivamente a história, a cultura e a arquitetura da vila. As ruas foram todas traçadas do nascente para o poente e do norte para o sul. Todas as construções das moradias eram regulamentadas por lei, podendo pagar, com multa ou prisão, quem desobedecesse às determinações. Ainda hoje, as casas e sobrados do centro histórico de Paraty são ornamentados com símbolos maçons em suas fachadas - desenhos geométricos, em relevo.

Com a abertura de um novo caminho (1870) entre o Rio de Janeiro e São Paulo – a estrada de ferro através do vale do Paraíba – a antiga trilha perde sua função afetando de forma intensa a atividade econômica local. Outro fator de decadência ocorreu em 1888, após a abolição da escravatura, que ocasionou um êxodo de 16.000 habitantes em 1851, restando apenas 600 pessoas, no início do século XIX, entre velhos, mulheres e crianças.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Dados extraídos do site: [www.paraty.com.br](http://www.paraty.com.br) acessado em setembro de 2012

Este isolamento involuntário, paradoxalmente, foi o responsável pela preservação não só da estrutura arquitetônica como também de seus usos e costumes.

Desde os anos de 1970, após a abertura da estrada Paraty-Cunha, e, principalmente com a construção da rodovia Rio-Santos, a cidade recebe um novo impulso. Passa a ser escolhida por intelectuais, artistas e estrangeiros em busca de sossego e belas paisagens, passando assim a ter um desenvolvimento no setor turístico. Esse movimento turístico ganhou força e nos dias atuais confere à cidade destaque no cenário do turismo nacional e internacional, devido ao estado de conservação de sua arquitetura e graças às suas belezas naturais.

Incrustada entre a Serra do Mar, com sua exuberante vegetação nativa, e uma baía de águas azuis, Paraty, hoje, é internacionalmente conhecida por suas belezas naturais, pelo rico acervo histórico cultural e pelo potencial turístico que cresce em fama e em números devido à grande e diversificada quantidade de opções que oferece. Em sua área encontram-se o Parque Nacional da Serra da Bocaina, a Área de Proteção Ambiental - APA do Cairuçú, onde se localiza a Vila da Trindade, a Reserva Ecológica da Joatinga, a Área de Preservação Ambiental da Baía de Paraty que faz limite com o Parque Estadual da Serra do Mar. Ou seja, Paraty é cercada pela Mata Atlântica, num misto entre a imensidão do mar com a imensidão da serra.

História e natureza andam juntas em Paraty. O caminho do ouro é repleto de mata, rios e cachoeiras. Algumas dessas cachoeiras são de difícil acesso, outras, com acesso muito fácil. A Baía Paraty possui cerca de 50 praias, sendo algumas com acesso por carro e muitas com acesso apenas por barco. Essas últimas possuem uma natureza em estado quase selvagem e preservam muito da ancestral cultura caiçara.

Cerca de setenta ilhas compõem o cenário da baía de Paraty. Uma baía abrigada, com águas transparentes, ótimo para a prática de mergulho. Sem contar com o centro histórico com suas construções seculares e suas ruas com calçamento de pedras “pé-de-moleque”, onde veículos motorizados não circulam desde a década de 1970, impedidos por grandes correntes em suas entradas.

A população de Paraty, segundo o censo demográfico do IBGE de 2010, é de 37.533 habitantes. Sua área é de 925 km<sup>2</sup>, seu bioma é Mata Atlântica. A densidade demográfica (hab/km<sup>2</sup>) de Paraty é 40,57 . Como curiosidade, quem nasce em Paraty é paratiense.

Latitude 23° 13' 21''S Longitude 44° 42'50''O, dados importantes para aqueles que se localizam por GPS. Seus limites municipais são com Angra dos Reis ao Norte, Cunha a Oeste, Ubatuba ao Sul e Oceano Atlântico a Leste. Fica a 258km da capital do estado – Rio de Janeiro. Sua temperatura possui uma média anual de 27°C sendo a mínima no mês de julho com 12°C e a máxima em janeiro com 38°C. Seu clima é classificado como tropical, quente e úmido. Suas principais atividades econômicas são turismo, comércio e agricultura, sendo essa última pouco expressiva em relação às duas primeiras.

Hoje, Paraty possui um calendário cultural oficial que permite ao interessado conhecer todas as festividades da região. Nesse calendário, todos os meses possuem, pelo menos, dois grandes eventos que podem ser de cunho religioso, esportivo e/ou cultural. É muito difícil chegar a Paraty e não encontrar nenhuma “festa”.

A cidade conta com uma infraestrutura para hospedagem muito diversificada. Varia do padrão de altíssimo-luxo até quartos alugados em casas de família que aproveitam para ganhar um “trocado” em época de grandes eventos. Os dados que interessam a a esse estudo são oito albergues e hostels e vinte e três campings em Paraty.

Em Paraty-Mirim encontrou-se um hostel e um camping. Em Trindade foram cinco hostels e cinco campings. Esses dados foram coletados pelo portal oficial de Paraty (Paraty.com.br), porém muitas acomodações de pequeno porte não são oficializadas, o que eleva a possibilidade de hospedagem a baixo custo.

### **3.2.2 Córdoba**

Córdoba é uma província argentina de relevo variado que se divide entre as Serras Pampeanas e as Planícies Pampeanas. Suas fronteiras são demarcadas com as cidades de Catamarca e Santiago del Estero ao Norte; Santa Fé e Buenos Aires a Leste ; Os Pampa ao



Sul; e La Rioja e San Luis a Oeste. Sua localização geográfica se encontra compreendida entre os 29°30' e 35° de latitude sul e os 61° 47' e 65°46' de longitude oeste de Greenwich.

Dividida em 26 cidades, o território de Córdoba possui uma superfície de 165.321 km<sup>2</sup>. Em 2001 sua população era de 3.061.611 habitantes, sendo 1.492.565 homens e 1.562.309 mulheres (dados do Instituto Nacional de Estadística y Censos - INDEC).

A cidade de Córdoba é a capital da Província de mesmo nome. Possui localização privilegiada no centro da Argentina. É a segunda maior cidade do país (título recente) ficando atrás apenas de Buenos Aires, a capital. A cidade, apesar do desenvolvimento econômico, ainda mantém o clima “interiorano” que dita o ritmo dessa grande metrópole que conquistou o título de Capital Cultural das Américas em 2006. Sua área é de 576 km<sup>2</sup>. Sua população estimada (2008) é de 130 milhões de habitantes com densidade demográfica de 2.273 hab/km<sup>2</sup>.

Córdoba é conhecida como uma das cidades mais hospitaleiras da Argentina, com um povo simples e simpático. O cordobês, nome dado a quem nasce em Córdoba, possui a fama de ser bem humorado. E “reza a lenda” que quando um morador local desconhecido soltar a sua primeira piada, inesperada e inteligente, o viajante pode se sentir à vontade. Isso significa que ele acaba de abrir as portas de sua “casa”: uma imensa área verde que inclui uma agitada vida cultural, histórias jesuíticas contadas entre paredes do século XVI e belas serras. A cidade possui também o status de ser uma cidade universitária, atraindo estudantes não só de outras regiões da Argentina, mas também de várias partes do mundo. Lá se encontra a segunda universidade mais antiga da América do Sul e a primeira da Argentina, Universidade Nacional de Córdoba (inaugurada em 1613, hoje com mais de 100 mil estudantes entre ensino superior e pós-graduação). Essa universidade está sediada na Manzana Jesuítica, no centro histórico. Essa característica estudantil parece ser uma das razões de a cidade possuir tantos hostels. Pelo site [hostelclub.com](http://hostelclub.com) localizei mais de 30 unidades.

Nesse mesmo centro histórico, a paisagem é dominada por uma série de edifícios coloniais e monumentos que, por sua beleza, sua conservação e seu conjunto arquitetônico, foram declarados Patrimônio da Humanidade pela UNESCO. Numerosas

edificações do período colonial abrigam colégios, museus e escritórios públicos e privados. Contrastando com seu centro histórico, a cidade de Córdoba possui modernos e diferentes bairros, avenidas largas, amplas calçadas, vários parques de grande beleza, numerosos museus, diversas casas de comércio e indústrias.

Sua história remete à colonização da América do Sul. A cidade de Córdoba foi fundada em 6 de julho de 1573 por Dom Jerônimo Luis de Cabrera, nascido em Sevilha, que pertencia à corrente colonizadora do Peru. A nova cidade foi incorporada à província de Tucumán, com a missão de fornecer alimentos, vestimentas e mulas para o centro de mineração de Potosí. Tornando-se assim um ponto de escala estratégica entre o Alto Peru e o Rio de la Plata. O lugar era habitado pelos aborígenes Comechingones que viviam em comunidades denominadas Ayllus. O primeiro assentamento urbano foi organizado em um forte na altura do atual bairro Yapeyú.

As comunidades religiosas sempre estiveram presentes desde os primórdios. A Manzana Jesuítica foi construída no centro do quarteirão destinado para a Plaza Mayor. Nas redondezas foram erguidos os solares para os Cabildos e a Igreja da Matriz. Em 1608, o Colégio Máximo, dos padres Jesuítas, foi instalado e cinco anos depois a Universidade. Em 1622 começa a funcionar a Aduana e, em 1699, Córdoba se torna sede do bispado de Tucumán. Desse modo, a cidade passa a ser o centro administrativo, religioso e educacional da região. Em 1767 os jesuítas são expulsos. Superado o período de guerras, a cidade experimenta um longo período de quietude e desenvolvimento.

O desenvolvimento econômico da cidade prospera com a chegada da ferrovia, com a instalação do Observatório Astronômico, com a abertura de casas bancárias e com o estabelecimento de colônias agrícolas, tornando-a um centro de administração, de redistribuição de bens e um centro de comunicações.

O início do séc. XX é marcado por pavimentação das ruas, construções de pontes, ornamentações de praças, construção de calçadas e casas com jardins marcando a presença do estilo europeu de seus construtores imigrantes. Com a instalação da fábrica militar de aviões, há um movimento migratório grande do campo para a cidade, que cria novos povoados ampliando o setor habitacional. Instalam-se também fábricas de origem

estadunidense e europeias de automóveis, tratores, vagões, equipamentos ferroviários e grandes motores junto com indústrias químicas e metalúrgicas.

Em Córdoba, por volta de 1955, iniciou-se o processo revolucionário provocando a queda do governo Perón. O reencontro com a democracia levou a cidade a se estabelecer como uma grande força política na Argentina. Em 29 de maio de 1969 aconteceu um movimento popular conhecido como “El Cordobazo”. Foi uma década marcada por movimentos sindicais e criação de organizações paramilitares. Em 1976 houve o golpe militar intitulado *Proceso de Reorganização Nacional*, que transformou a cidade, bem como toda a Argentina, num palco de horrores e perseguições políticas. A partir dessa década, a Argentina entra numa grave crise econômica.

Em 2000 o quarteirão jesuíta foi declarado Patrimônio Cultural da Humanidade e após um forte investimento do governo para a promoção e divulgação das “qualidades” de Córdoba, em 2006, a cidade foi declarada Capital Cultural das Américas, transformando-se em um grande polo turístico.

A região de Córdoba é cercada de montanhas, vales, rios e lagos, que embelezam a paisagem e estimulam à prática de atividades na natureza. Cito a seguir algumas localidades imperdíveis da região.

A Laguna de Mar Chiquita é um lago de águas salgadas. É a maior laguna da Argentina. A bordo de embarcações leves é possível acessar o espelho de incriveis entardeceres. O lago é cercado por montes que podem ser percorridos a pé, de cavalo ou de bicicleta

O Uritorco, cerro do norte cordobês, é majestoso, no entanto o Cerro Colorado encerra uma profunda riqueza cultural. Suas pinturas rupestres figuram entre as mais belas e completas do continente. Foi o lugar preferido do poeta Atahualpa Yupanqui, cujos restos descansam junto à sua casa, hoje museu.

As Serras de Córdoba hospedam raridades botânicas e da fauna. O Parque Nacional Quebrada del Condorito resguarda uma população de condores andinos e o exclusivo ecossistema da Pampa de Achala.

Nessa província de diversificada beleza, o clima é temperado subtropical úmido com inverno seco (classificação Koppen), clima conhecido como pampeano. Os verões são úmidos com dias quentes e noites temperadas. Os ventos do leste e do oeste são raros, com curta duração e pouca intensidade. Na primavera sopram com força. No verão é comum tempestade de raios e granizos. A temperatura média anual é de 18°C. Em janeiro, mês mais quente do verão, a média máxima é de 31°C e a mínima de 18°C. Em julho, mês mais frio, as temperaturas médias são 18,6°C a máxima e 5,5°C a mínima.

### **3.2.3 Rosário**

Rosário é uma cidade da província de Santa Fé na Argentina. Localiza-se na zona sul da província, numa região denominada de Pampa Úmido. Encontra-se a 300Km de Buenos Aires (capital do país). Suas fronteiras são demarcadas pelo rio Paraná ao Norte; com o município de Soldini a Sudoeste; com os municípios de Funes e Pérez a Oeste; e com a cidade de Villa Gobernador Gálvez, que é separada pelo Rio Saladillo, ao Sul. Sua localização geográfica se encontra compreendida entre a latitude 32° 52' 18" Sul e 33° 02' 22" Sul e longitude 60° 36' 44" Oeste e 60° 47' 46" Oeste.

O município de Rosário é dividido em seis distritos: Distrito Central, Distrito Norte, Distrito Noroeste, Distrito Oeste, Distrito Sudoeste e Distrito Sul, possui uma superfície de 178,69 km<sup>2</sup>, dos quais 117 km<sup>2</sup> estão urbanizados. A região é caracterizada por uma planície ondulante, e sua altitude varia entre 22,5 e 24,6 metros.

A população da cidade é de estimada em 909.399 habitantes, de acordo com o censo de 2001, fornecida pelo Instituto Nacional de Estatísticas e Censos (INDEC). Isso representa 29% do total de habitantes da província de Santa Fé e 3% dos habitantes do país. Sua densidade populacional é de 5.350 habitantes por km<sup>2</sup>. Rosário é, também, o centro de uma área urbana conhecida como Grande Rosário, cuja população está espalhada por outras cidades do mesmo município. Para o segundo trimestre de 2009, a população foi estimada em cerca de 1.251.000 habitantes (INDEC), definindo assim a

terceira cidade mais populosa da Argentina, perdendo para Grande Buenos Aires e Córdoba.

Rosário não tem fundador nem data de fundação. Sua formação ocorreu por um processo favorável à circulação de pessoas, devido à sua situação geográfica e econômica. Sem um ato original estima-se que a cidade nasceu nomeada como Pago de los Arroyos, no início do século XVII. A região antes desse episódio era habitada pelos índios guaicurus, integrados por tobas, abipones e pilagás. Viviam da caça de antas e de capivaras, sendo também bons pescadores. Como em quase toda a América Latina, esses índios também perderam sua liberdade pela invasão dos jesuítas em suas terras e pela consequente catequização de seu povo.

Em 1689 o capitão Luis Romero de Pineda recebeu essas terras do governo de Buenos Aires pelos serviços prestados à Coroa. Houve um crescimento notável, suas dimensões se estenderam bastante, tanto em extensão territorial como em população, chegando a atingir o litoral e a fronteira com o Paraguai. Desse modo, uma fase importante se consolidou, pois com os trens chegando às margens do rio Paraná houve um desenvolvimento econômico e industrial.

A revolução de Mayo [um marco na história argentina] ocorreu em 1810. Rosário, em grande movimentação política, em 1812, içou a bandeira da Argentina, criada por Manuel Belgrano, em cerimônia popular, diante da qual foram realizados juramentos pelos soldados. Vem desse fato o título de "Berço da Bandeira" que Rosário possui. Embora o uso da bandeira tenha sido rejeitado pelo governo, ela torna-se oficial após o Congresso de Tucumán, em 1816. O povoado por sua posição geográfica estratégica recebe o título de Vila [cidade pequena com jurisdição municipal – 1823]. Em 1852, pelo crescimento demográfico e social, Rosário foi declarada cidade pelo general Urquiza e em poucos anos se tornou o principal porto da "Confederação Argentina". Entre 1862 e 1863 houve três tentativas de se transformar Rosário em capital federal, mas o fato foi impedido pelo poder centralizado da cidade de Buenos Aires.

Em 1880, Rosário se configurava como o maior porto exportador da Argentina. Ao final do século XIX e início do século XX, a população teve um aumento substancial devido à imigração europeia.

Em 1957 foi inaugurado o monumento à bandeira, símbolo da cidade. O monumento foi edificado em comemoração à criação da bandeira Argentina. Ele se encontra ao lado dos barrancos às margens do rio Paraná, de onde é possível observar a grandiosidade da cidade.

Já consolidada como uma força política, em 1969, trabalhadores e estudantes da cidade fizeram um protesto contra o governo militar de Onganía que ficou conhecido como El Rosariazo.

Com a restauração da democracia a partir de 1983, vários governos democráticos se sucederam e, por volta de 1995, uma forte crise política gerou um aumento nos índices de desemprego e grande parte da população de Rosário ficou abaixo da linha da pobreza. No século XXI após os anos 2004, temos um quadro reverso, com uma recuperação econômica que gerou melhores condições sócioeconômicas.

Atualmente Rosário é conhecida por sua grande atividade cultural. A cidade possui muitos lugares históricos, com bela arquitetura de séculos passados, que recontam o passado do país e que remetem a uma influência artística claramente italiana, pois Rosário recebeu um grande número de imigrantes desse país.

Com um número vasto de parques, museus, cinemas, centros culturais, torna-se inegável que a vida cultural de Rosário se expande, podendo ser apreciada pelas esquinas e calçamentos da cidade numa efervescência contagiante. As atividades realizadas ao ar livre são possibilitadas pelos belos e numerosos parques, além da exploração do rio Paraná, com suas praias ao norte da cidade e suas ilhas que podem ser visitadas partindo-se do porto do rio.

Um fato de orgulho para a cidade e de forte importância histórica é o nascimento do revolucionário Ernesto Che Guevara em Rosário em 1928. Em uma praça dedicada a este herói, podemos observar esse apreço por meio da seguinte inscrição: "A poucos

metros dessa praça nasceu Ernesto "Che" Guevara, um rosarino que lutou por uma sociedade mais justa e solidária".

Por todos esses atributos e ainda por ter muitas universidades, Rosário é uma cidade que “respira cultura” e, conseqüentemente, é frequentada por muitos jovens. Possui uma sistema de hospedagem amplo e variado, tendo mais de 20 hostels cadastrados no site [hostelsclub.com](http://hostelsclub.com).

O clima de Rosário é úmido e ameno na maior parte do ano. É classificada como pampas temperado. Existe uma estação quente, de outubro a abril, com uma variação térmica entre 18°C a 32°C, com picos que podem ultrapassar 40 °C e uma estação fria, entre o início de junho e na primeira metade de agosto, com média mínima de 5°C e média máxima de 16°C. Chove mais no verão que no inverno, com um volume total de chuvas entre 800 e 1300 mm por ano. Sendo assim, Rosário tem um clima muito agradável ao movimento turístico.

### **3.3 “Quase grupos”: a estratégia para circunscrever campos e sujeitos**

Durante o processo de inserção no campo de pesquisa, deparei-me com as seguintes questões: Onde eu iria encontrar os mochileiros? Como identificar quem é mochileiro? Essas perguntas geraram grande tensão pela dificuldade de obter respostas que definissem os sujeitos e seus percursos, e que, ao mesmo tempo, fossem norteadoras na hora de definir a metodologia adotada.

Esses desafios surgiram pelo fato de que mochileiros não se encontram em associações, em sindicatos, em catálogos ou qualquer outro tipo de corporação. Diante disso, como encontrá-los?

Nos estudos da antropologia social, os conceitos de grupos e associações são muito caros. Porém, para este trabalho não me deterei nessa sutil diferença entre ambos, já que compreendo que esses termos – grupos e associações – “são constituídos por um número determinado de membros que mantém alguma forma de interação esperada entre si – quando não em termos de direitos e obrigações” (MAYER, 2010, p.139). Desse modo, a configuração de certa uniformidade representa a base dessas interações que

podem ser informais ou corporativas. Mas o autor salienta que essas bases não servem para outros tipos de agrupamento de sujeitos que ele denomina de “quase grupo”. Os “quase grupos” são definidos como “entidades sem uma estrutura identificável, mas cujos membros possuem determinados interesses ou condutas comuns que poderão, em algum momento, levá-los a formar grupos definitivos” (GINSBERG, 1934, p.46, *apud* MAYER, 2010, p.140). Os “quase grupos” são baseados em sujeitos em interações. As interações ocorrem em um conjunto de ação. Nesse aspecto o conjunto de ação forma-se pela “rede de relações sociais efetivamente existentes”(RADCLIFFE-BROWN, 1952, *apud* MAYER, 2010).

Frente a isso, procurei identificar alguns elementos comuns entre os sujeitos, já que os mochileiros viajam de mochila e não utilizam agências de viagens para se organizar. Então, onde encontrá-los? Como saber seus destinos? Pensando no conjunto de interações, comecei a pesquisar nas redes sociais virtuais destinadas aos mochileiros (mochileiro.com; lonely planet;). Nessa investigação pude observar quais destinos aparecem com frequência; como organizam os roteiros para as viagens; qual a relação que estabelecem com o tempo para realizar a viagem e como se dá a formação de grupos para uma “saída” para algum lugar negociado entre eles. Passo, então, a participar de um grupo que se organiza para uma viagem à Chapada dos Guimarães<sup>26</sup>. Meu objetivo foi realizar uma observação participante.

Foram quase dois meses entre negociações de datas e custos. Havia oito “mochileiros”, contando comigo, que se organizavam para a saída, em um feriado prolongado, o que nos daria cinco dias de viagem. Dos sete participantes, quatro se encaixavam no perfil traçado. Era um bom número para começar. No entanto, quando faltavam menos de quinze dias para a realização da viagem, surgiram alguns problemas

---

<sup>26</sup> Chapada dos Guimarães é um município brasileiro do estado de Mato Grosso. Reconhecido por seu potencial turístico, o município abriga: 46 sítios arqueológicos; dois sítios paleontológicos; 59 nascentes; 487 cachoeiras; 3.300 km<sup>2</sup> de Parque Nacional; 2.518 km<sup>2</sup> de Área de Proteção Ambiental; duas reservas estaduais; dois parques municipais; duas estradas-parque; 157 km de paredões; 42 imóveis tombados pelo Iphan; 38 espécies endêmicas (Wikipédia acessado em 10/09/2012). Qual o site, quando vc acessou, não precisa especificar isso não?



econômicos para alguns membros dessa “expedição”, pois as passagens aéreas estavam caras e foi solicitada uma mudança para a data da viagem.

Houve uma divisão de opiniões, entre a data já estipulada e a possibilidade de melhorar o custo-benefício da viagem, e o grupo foi se dissolvendo até ficarem apenas quatro pessoas contando comigo. Ao verificar o perfil do restante do grupo, observei que apenas uma pessoa estava dentro do esperado. Diante desse fato, desisti da missão, já que não se justificava um alto investimento para realizar a tarefa.

Comecei a perceber, então, que esse não era um caminho seguro e talvez houvesse outra forma de encontrar os sujeitos, pois o tempo de imersão, nas redes sociais virtuais (foram seis meses acompanhando alguns grupos em suas negociações e o relacionamento nas redes em geral), me permitiu perceber a alta velocidade das mudanças de pessoas, de roteiros e de datas. Fui questionando se ali, no ciberespaço, encontraria os sujeitos para minha pesquisa. Será que essas pessoas são mochileiras realmente?

De todo modo é importante dizer que o perfil construído para esta pesquisa se baseou nos seguintes critérios a seguir.

- Reconhecer-se como mochileiro. Ele devia se autointitular mochileiro;
- Ter idade igual ou superior a 29 anos, já que, segundo o Estatuto da Juventude, aprovado na forma de um substitutivo em assembleia na Câmara de Deputados, no dia 06 de outubro de 2011, classifica-o como um adulto;
- Já ter realizado, pelo menos, uma viagem de mochila sozinho (a). Esse critério é justificado pela experiência vivida de forma singular, enfatizando o realizar só;
- Viajar de forma independente sem utilizar pacotes turísticos ou empresas de turismo para definir roteiros, hotéis, transportes etc.;
- Ser brasileiro ou residir no país desde a infância.

O critério da faixa etária mais elevada foi adotado para se pesquisar sujeitos que faziam dessa prática uma opção, eliminando, dessa forma, um grande contingente de jovens que realizam a mochilagem por falta de opção (como por exemplo, apresentar pouco dinheiro para gastar na atividade).

Decidi então que a melhor estratégia seria encontrá-los em suas práticas.

O campo de pesquisa passa a ser o lócus da atividade. Como postulam Denzin e Lincoln (2006, p.17), a pesquisa qualitativa pressupõe “uma atividade que localiza o observador no mundo”. Nesse sentido, passei a estudar “as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem” (ibidem). Assim, pude identificá-los primeiramente e confirmar se o perfil corresponderia ao proposto pela pesquisa e conseguir a desejada entrevista. Como descrito anteriormente adotei a estratégia metodológica de realizar um “plantão antropológico”, no intuito de identificar e localizar os sujeitos.

Participaram desta pesquisa oito sujeitos mochileiros que corresponderam ao perfil traçado. Apresento, a seguir, uma breve descrição dos entrevistados no intuito de configurar seu perfil. Esses dados foram colhidos no ano de 2012. Utilizo pseudônimos para manter o anonimato dos sujeitos conforme previsto no TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). São eles:

Leve-leve – 29 anos, começou e não finalizou o curso de graduação em turismo, optando por realizar o curso técnico que o habilitou na condução de turistas. É cadastrado na EMBRATUR em turismo regional, nacional e América do sul. Exerceu a profissão durante dois anos e resolveu ficar “mais solto no mundo”. Hoje vive mochilando e para sobreviver realiza trabalhos por temporada.

Tac – 51 anos, economista, administradora de empresas, consultora financeira. Trabalha com gestão empresarial numa empresa de grande porte em BH. Sente-se desafiada em seu trabalho e na época possuía responsabilidades e metas altas que inviabilizavam grandes viagens. Atualmente em um relacionamento sério o que compromete a realização de viagens de mochila.

Confúcio – 29 anos, filósofo, professor de ensino médio. Na época trabalhava em três escolas e prestava consultoria na produção de material didático. Apesar de ter muito prazer no que faz (ministrar aulas), considerava muito desgastante a atividade, principalmente pela quantidade de encargos burocráticos que estão sendo exigidos, cada

vez mais, nas escolas particulares. Atualmente em um relacionamento sério o que compromete a realização de viagens de mochila.

Megabit – 29 anos, formado em ciência da computação, trabalhava numa empresa em São Paulo com uma carga diária que chegava efetivamente às 10h de trabalho. Normalmente não realizava contato presencial com as pessoas em seu trabalho somente de forma virtual.

Flash – 29 anos, estava terminando o curso de graduação em ciência da computação. Trabalhava para o governo do estado com o público em geral. Atuava num setor de convênios entre governo e universidades. Considerava seu trabalho maçante mas precisava dele para viver. Estava investindo em outros concursos públicos.

Banana – 35 anos. Músico formado pela UFBA. Morava na Argentina há cinco anos. Tinha a mochila e o violão como companheiros inseparáveis. Na época, além de sobreviver da música, era responsável por um hostel em Rosário.

Sabiá – 42 anos. Empresário do ramo automobilístico. Tem uma vida confortável, gosta de esportes de aventura e sempre que pode viaja de mochila para lugares que possa praticar algo “radical” e desestressar de seu dia-a-dia corrido.

Além desses sujeitos, de maneira complementar, participaram também desta pesquisa os responsáveis, na época, de seis hostels (mantive o nome real dos hostels e criei nomes fictícios para os entrevistados). São eles:

Don Quixote Hostel – Localizado no coração do centro histórico de Paraty. Esse é um dos mais antigos hostels da região. Funciona desde 2008. Possui cinco quartos com capacidade para vinte pessoas. Apresenta recepção bilíngue e a maioria de seus hóspedes é constituída por pessoas estrangeiras. Apesar de ser bem localizado, a primeira impressão já desanima o viajante, já que possui uma longa escadaria de madeira antiga com degraus estreitos e irregulares para se chegar à recepção.

Tabernáculo Hostel – Existe há um ano e meio . Hostel com aparência alternativa. É dirigido por Sheila e Guto. Sheila têm três filhas que moram com ela no hostel. Sua localização é no bairro Patitiba, que fica muito perto do centro histórico, mas não possui seu glamour, é periférico. Possui uma decoração envolta de gnomos, estrelas, luas,

mandalas, natureza, astros, almofadões e sofás espalhados de forma relaxada. Um ambiente com decoração e energia holística. Na entrada (uma garagem) fica a lanchonete de comida “natural”. Mantém som ambiente em tempo integral que variou entre sons da natureza e blues. Possui 6 quartos com capacidade para trinta pessoas.

Backpacker Hostel – Hostel localizado perto da rodoviária, região de muito movimento e perto do centro histórico de Paraty. É uma casa antiga adaptada. Possui um pequeno jardim na entrada com uma piscina redonda (quase um ofurô). Mafalda é argentina e mochileira. É responsável por este hostel, que é de seu primo, há dois/três anos. Tem quatro quartos com capacidade para vinte pessoas.

Michi Hostel - Em frente à praia do pontal, este hostel tem uma infraestrutura mais organizada e possui uma aparência de pousada. O proprietário não estava e quem me recebeu foi o recepcionista. Percebe-se claramente uma diferença na relação das entrevistas dos outros hostel com esse. há um distanciamento de quem recebe com quem hospeda, o que marca uma grande diferença na comunicação e na percepção. Esse hostel foi criado como investimento e possui “um hostel concorrente” na outra esquina que é do mesmo dono. Existe há três anos e tem capacidade para trinta e seis pessoas. São oito quartos.

Remo Hostel – Este hostel fica incrustado no mato na estrada de Paraty Mirim (uma praia da região de Paraty) a 1km do mar. A construção não tem paredes e algumas poucas portas. Era um antigo hangar para construir barcos e agora com algumas modificações virou um hostel. Parece a casa dos Flinstones. É dirigido por Leo e Bia, um casal de professores (biólogos, defensores de causas humanitárias), que mudaram para lá na esperança e na expectativa de contribuir e melhorar as relações e as possibilidades de vida para as diferentes etnias que lá habitam (uma delas é a Caiçara). Ela tem quatro filhos, ele dois. Quase todos moram lá. O ambiente é acolhedor, zen e a energia das pessoas parece muito leve. É bastante estranho quartos sem paredes, as divisórias são os mosquiteiros que dividem os ambientes. São três andares, seis quartos para hóspedes e uma capacidade que, como eles falam, depende das pessoas. Não existe cama. São colchões colocados lado a lado nos tablados de cada quarto.

Hostel trindade – Localizado numa rua perpendicular à rua principal de Trindade, esse hostel fica cerca de 200m da praia e 30m do “agito”. Lugar de privilegiada beleza, já que se encontra numa encosta muito verde. Possui quatro quartos com capacidade para dezesseis pessoas. Juca é o responsável há dois anos, época de sua inauguração. Ele foi construído para dar vazão à pousada que fica ao seu lado e que não mais conseguia acomodar as pessoas. Tem a ideia de ser um espaço alternativo para quem quer pagar menos e quer ter outro tipo de convivência.

### **3.4 Multimétodos e a complexa interrelação entre eles**

Com o objetivo de permitir ao leitor conhecer os caminhos trilhados para esta investigação, descrevo a metodologia utilizada e os motivos que me conduziram para essas conexões estratégicas. Torna-se primordial compreender que esta pesquisa é de natureza qualitativa. Como enfatizam Denzin e Lincon (2006, p.21):

A pesquisa qualitativa é um campo interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes, contradisciplinar, que atravessa as humanidades, as ciências sociais e as ciências físicas. A pesquisa qualitativa é muitas coisas ao mesmo tempo. Tem um foco multiparadigmático. Seus praticantes são suscetíveis ao valor da abordagem de múltiplos métodos, tendo um compromisso com a perspectiva naturalista e a compreensão interpretativa da experiência humana.

Na interpretação de Yin (1989, p.23), a pesquisa qualitativa “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes, caso em que são usadas múltiplas fontes de evidências”

Ao compreender a prática de viagem de mochila como uma atividade de lazer na sociedade contemporânea, e o lazer como pertencente a um campo de estudos inter/transdisciplinar<sup>27</sup>, adoto múltiplos métodos de investigação com o intuito de desvelar os sentidos e significados dessa experiência humana.

---

<sup>27</sup> A transdisciplinaridade é aqui entendida como a “ultrapassagem das fronteiras disciplinares e o trânsito entre elas. Eleva-se da interdisciplinaridade porque supõe níveis mais complexos de apreensão da realidade

Os métodos utilizados para a realização desta pesquisa foram: Pesquisa bibliográfica; Pesquisa de campo exploratória; Observação de campo; Entrevista semiestruturada; Amostragem pelo método bola de neve; Registro fotográfico e Análise de conteúdo.

O levantamento bibliográfico foi obtido por meio de consultas sobre o assunto em livros, em revistas especializadas, em artigos acadêmicos, em dissertações e em teses, nas diversas áreas que se interrelacionam e compõem esta pesquisa, a saber: antropologia, sociologia, psicologia social, lazer e turismo.

A pesquisa de campo apresentou uma perspectiva exploratória. Fiz essa escolha, pois a pesquisa exploratória é realizada sobre um problema ou questão que geralmente representam assuntos com pouco ou nenhum estudo anterior a seu respeito (Babbie, 1986). A escassa produção acadêmica sobre o tema (mochileiro) ficou evidenciada na pesquisa bibliográfica.

No que tange ao caráter exploratório, Tripodi *et al.* (1975) classifica como um estudo que tem por objetivo fornecer um quadro de referência que possa facilitar o processo de dedução de questões pertinentes na investigação de um fenômeno. A partir dessa exploração, torna-se possível ao pesquisador a formulação de conceitos e hipóteses a serem aprofundadas em estudos posteriores. Para a realização da pesquisa de campo, no intuito de atender às necessidades e especificidades particulares desta investigação, foi criada a metodologia nomeada “plantão antropológico”<sup>28</sup>.

O plantão antropológico, inspirado no caráter exploratório, em que se insere o campo dos mochileiros, consistiu na imersão da pesquisadora (plantão) na localidade escolhida, durante 15 dias, a fim de encontrar os sujeitos da pesquisa. Trata-se de um plantão de vigília sem tempo determinado. Nesse sentido, me dispus a observar sem hora para começar e sem hora para acabar minha atividade de investigação científica. É *fulltime*

---

(social, cultural, física) e pluralidade dos níveis de consciência do sujeito em relação à vida e ao mundo”. (RODRIGUES, 2006 p.28)

<sup>28</sup> Método desenvolvido em reunião de orientação com o Prof. Dr. Walter Ude no 2º sem de 2011, para representar uma postura observadora permanente, em locais estratégicos, que circulassem mochileiros, com o intuito de identificar, abordar e construir vínculos significativos com os sujeitos relevantes para esta pesquisa.

e me exigiu um posicionamento estratégico em diferentes pontos da cidade que me permitisse ver o movimento dos possíveis mochileiros.

O plantão foi realizado no intuito de observar os sujeitos encontrados com possível perfil adequado ao estudo. Caso fosse identificado o perfil, procurava perceber como as relações desses praticantes iam se estabelecendo: formas de chegada, busca por espaço para acomodação, demanda por alimentação, como descobriam “quebradas<sup>29</sup>” para conhecer, como negociavam suas necessidades, enfim como as relações iam se construindo com/entre ambiente, pessoas, cultura e tempo de permanência. Segundo Mattar (1994), o processo de observação em estudos exploratórios é chamado de observação informal não dirigida. A percepção e retenção do que é observado vai depender dos interesses da pesquisa e da capacidade de observação do pesquisador.

A segunda parte do método teve como estratégia, após essas primeiras observações de identificação, uma aproximação intencionada para a certificação do perfil almejado. Caso o perfil fosse confirmado, essa aproximação se ampliava e tentava conquistar uma relação de confiança/interesse, conseguindo, assim, espaço/tempo para entrevistá-los. As entrevistas realizadas foram semiestruturadas (MINAYO, 2001; MARCONI e LAKATOS, 1999). Como o objetivo da entrevista era conseguir informações mais profundas para níveis não quantificáveis da realidade, acerca dos sentidos e significados da prática de mochilagem, essa escolha por entrevistas semiestruturadas justificou-se pelo fato de a pesquisa tratar de um estudo no qual a subjetividade dos sujeitos representou algo predominante. Desse modo, houve necessidade de certa liberdade nas perguntas e nas respostas para permitir que os entrevistados relatassem suas experiências e emoções e, além disso, eu pudesse utilizar minha sensibilidade e capacidade de improviso no desenvolvimento da entrevista. Para a realização das entrevistas foram abordados oito mochileiros e cinco responsáveis por hostels, totalizando treze sujeitos entrevistados. Ressalto, neste momento, que para balizar as perguntas da entrevista semiestruturada foram realizadas entrevistas pré-teste.

---

<sup>29</sup> Gíria utilizada para descrever locais pouco frequentados, pouco conhecidos e fora dos roteiros turísticos.

Para a ampliação dos sujeitos entrevistados foi adotado o método “bola de neve” (VIEIRA e LIMA, 1998). Esse método torna-se necessário quando se estuda uma população específica dos chamados casos “excepcionais” ou “quase grupo”<sup>30</sup>. Nesse caso, ao encontrar um sujeito com as características pretendidas para a amostra, perguntava se ele conhece alguém com as mesmas características. Desta forma, essa pessoa recomendava outra e a outra recomendava mais uma, criando-se assim uma bola de neve; até eu obter o número de pessoas pretendido para a constituição da amostra.

A ideia de utilizar o registro fotográfico como uma estratégia para a pesquisa ocorreu em um *insight* durante o processo da pesquisa. Ou seja, na segunda entrevista, no momento da realização do pré-teste, tive a percepção da força que a fotografia representa para esses sujeitos já que, na primeira entrevista, também, havia ocorrido o relato das aventuras, dos lugares incríveis, das emoções vividas, o que era “comprovado” por fotografias. Ficava nítido que havia uma autoria em cada fotografia. Cada imagem guardava uma emoção vivida que retornava ao ser narrada, revelando que o sujeito se identificava nela.

Sendo assim, como coloca Kossoy (1999, p.43) a “representação fotográfica é uma recriação do mundo físico ou imaginário, tangível ou intangível; o assunto registrado é produto de um elaborado processo de criação por parte de seu autor”. Portanto, um olhar possível para ter os registros fotográficos como fonte de pesquisa representa para Gonçalves (2009, p.239):

acessar o que se localiza além da aparência da imagem, da visibilidade continente dos processos de produção e de recepção, a fim de extrair da imagem todas as *realidades* construídas, seria necessário proceder a uma análise com o objetivo de encontrar o que está “além do registro, além do documental, no nível iconológico: o iconográfico carregado de sentido. É este o ponto de chegada”. (KOSSOY, 1999, p.135).

Desse modo, busquei analisar o ponto de chegada por meio do sentido carregado que interessa a este estudo. Para isso, a análise e interpretação dos dados se inspiraram na análise de conteúdo (BARDIN, 2009). Nessa perspectiva a autora descreve a análise de

---

<sup>30</sup> Sujeitos que não são identificados por meio de listas, associações, grupamentos.



conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Além disso, é importante considerar que a fala humana é tão diversa e rica que possui polissemias e valores incalculáveis. Porém, “a própria autora afirma que esse conceito não é suficiente para definir a especificidade da técnica, acrescentando que a intenção é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente de recepção), inferência esta que ocorre a indicadores quantitativos ou não” (CAMPOS, 2004, p.612).

Os depoimentos foram gravados, transcritos e analisados por meio da técnica de análise do conteúdo, dentro da abordagem da organização sistemática dos dados, em unidades manipuláveis, identificando-se temas (BARDIN, 1977) e/ou categorizações (SZYMANSKY, 2001). Por temas, Bardin compreende as partes do texto que expressam significados baseados no referencial teórico, tornando-se uma alternativa para estudar “motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências” (BARDIN, 1977, p.106).

No próximo tópico apresento os caminhos percorridos para alcançar os sujeitos da pesquisa e conseguir a realização das entrevistas.

### **3.5 Relatos dos percursos nos campos da pesquisa**

Posso dividir esta investigação em três grupos distintos referentes aos campos de pesquisa: Um campo que busca os mochileiros que transitam e no qual a pesquisadora estava imersa. . Um campo dos hostels, no qual mochileiros e a pesquisadora ficaram hospedados. Um campo na cidade de Belo Horizonte, no qual os mochileiros, por indicação e/ou conhecimento da pesquisadora, foram entrevistados.

Essa imersão no primeiro campo durou 16 dias. Datada do dia 27 de abril ao dia 12 de maio de 2012, contemplando um feriado prolongado entre os dias 30 de abril a 01 de maio. A dinâmica da pesquisa acabou por me conduzir às seguintes localidades: Paraty, Pouso da Cajuíba, Paraty-Mirim e Trindade.

Em minha busca pelos sujeitos pude perceber que só a estratégia pode ajudar a avançar no incerto e no aleatório. Durante os dois primeiros dias em Paraty, passei rodeando a rodoviária e os pontos de vans, encontrei vários mochileiros, mas ao aproximar-me descobria que eram estrangeiros.

No terceiro dia, pela manhã, bem cedinho (7h), parti para o cais de Paraty. Nesse lugar percebi a grande circulação de diferentes formas de turistas/viajantes que a localidade comporta. Das 7h30min até às 9h30min, o movimento se caracterizava pela frequência de quem buscava viagens menos programadas e mais negociadas, pessoas mais ativas (que não compram passeios na recepção das pousadas), mais jovens, barcos menores, passeios com negociação financeira; fretamento de barco para pequenos grupos com escolhas de roteiros, isopor, gelo, sendo que os elementos que irão na caixa de isopor são de responsabilidade do cliente. A partir das 9h30min até às 11h30min, começava a chegar um “outro” público. Foram os turistas que passeiam nos grandes saveiros. Saveiros com música ao vivo, com serviço a bordo “completo” – comidas e bebidas, com roteiro programado (incluindo paradas para mergulhos) nas mais paradisíacas praias e ilhas da região. Esses passeios são vendidos com antecedência nas pousadas, hotéis, agências de viagens, etc., mas também são vendidos na hora, na beira do cais, causando uma grande concorrência entre os agenciadores dos diferentes saveiros.

No entanto, enfrentei momentos caóticos. O pier que possui 152m de comprimento ([paratynautica.com](http://paratynautica.com)) por aproximadamente 10m de largura tornou-se pequeno para tamanha balbúrdia. Ambulantes de toda sorte, turistas dos mais diversos, agenciadores incontáveis, tripulantes correndo para deixar tudo pronto para a partida, mochileiros procurando alternativas, pessoas passeando, crianças andando de bicicleta, biscateiros e curiosos se misturavam naquele espaço, procurando satisfazer sua necessidade, seu objetivo, inclusive eu mesma.

Depois de um tempo de observação, me aproximei de um casal que indicava ser de mochileiros. O homem estava dormindo, tendo sua mochila como apoio. A mulher andava para lá e para cá demonstrando certa impaciência. Na conversa com ela descobri que ele era mochileiro e ela não. Estavam indo acampar em uma praia distante (Martim Sá) que

fica a 1h30 min de caminhada, partindo do Pouso da Cajaíba, uma enseada a 3h de barco de Paraty. Depois de o homem acordar, começamos a conversar. Falei por alto da minha pesquisa. Ele empolgou. Achou interessante. Aceitou participar. Convidou-me para ir também com eles. Não estava preparada, era longe e exigia alguma organização. Combinei que apareceria. Diante disso, saí do cais, às 12h, em busca de outros mochileiros.

Percebi que para uma primeira identificação, eu teria que encontrá-los chegando ou saindo, pois como é possível reconhecer um mochileiro se ele estiver sem a mochila? Parti para visitar hostels, no intuito de encontrá-los.

Em minha preparação para a pesquisa de campo eu havia mapeado oito hostels. Três ficavam no centro histórico. Fui neles primeiro. Entretanto, logo na primeira visita percebi que não seria tão simples me aproximar dos mochileiros dessa forma. Como iria abordá-los do nada? Comecei então, a conversar com o recepcionista, um rapaz simpático e atencioso. Nessa conversa, percebi o quanto era rico o depoimento de quem lida com os possíveis mochileiros. Fiquei umas três a quatro horas. Entre conversas e observações, do entra e sai dos hóspedes, procurei identificar algum sujeito para a pesquisa. Tudo em vão, porque depois de instalados, o objeto de primeira identificação – a mochila –, já não mais fazia parte do visual e além do mais, constatei que nos hostels do centro histórico a maioria dos hóspedes era estrangeira, o que não interessava à pesquisa. Resolvi, então, que entrevistaria os responsáveis pelos hostels em busca de significados sociais para essa prática.

Foi uma grande “sacação”. Consegui entrevistar, de forma contundente, mais quatro responsáveis por hostels em Paraty, um em Paraty-mirim (praia entre Paraty e Trindade) e um em Trindade (última praia do litoral sul do Rio de Janeiro divisa com São Paulo). Dos seis, quatro pessoas eram os donos e, duas, os responsáveis. Todos foram muito atenciosos e demonstraram interesse pela pesquisa. Às vezes, dava a impressão que havia um interesse de cunho comercial. Por mais que eu explicasse que a pesquisa era acadêmica, percebi uma tentativa de “lob” em dois dos entrevistados. Mas esse detalhe não interferiu na qualidade das entrevistas.

Um ponto marcante foi que o proprietário de um hostel de Paraty, pelo andamento da pesquisa e pelo seu envolvimento com a mesma, me propiciou o contato com o hostel de Paraty-mirim fazendo a ponte de relacionamento. Mais a frente, descrevo essa parte da pesquisa que me proporcionou uma experiência desbravadora e excitante.

No terceiro dia de Paraty, me preparo para ir atrás de Megabit. Afinal, até aquele momento, era o único mochileiro identificado. Parti para o cais, só que dessa vez me dirigi ao cais dos pescadores que fica situado na Ilha das Cobras (10 minutos a pé do centro histórico). Não há saída regular de barcos para Pouso da Cajaíba nem um volume suficiente de turista que garanta partidas diárias para o local, sendo necessário descobrir algum barco de pescador que vá para lá, e assim conseguir uma “carona” (você paga pela carona). Foi preciso ter a paciência peculiar daqueles que se propõem a pesquisar sujeitos em movimento, que não se fixam em nenhum lugar. Cheguei ao cais às 7h e só parti às 14h, após encontrar mais três pessoas com o mesmo destino e “fretarmos” um barquinho para nos levar. A viagem foi ótima e muito proveitosa academicamente falando, já que dois dos que viajavam eram mochileiros, pena que eram estrangeiros.

Não consegui seguir para Martim Sá, no intuito de encontrar Megabit, no mesmo dia, pois chovia bastante e a trilha de 1h30min aproximadamente estava muito ruim, além de já estar escurecendo.. Fiquei em Pouso numa casa alugada de uma nativa. Fiquei três dias por lá, esperando a chuva passar e vivenciando a cultura Caiçara com direito a forró ao vivo com os músicos da vila. Muito bom.

Só consegui encontrar Megabit no terceiro dia e por uma questão de oportunidade e conveniência, só consegui a tão almejada entrevista no barco de volta a Paraty.

De volta a Paraty segui minha pesquisa entre plantões antropológicos e visitas a hostels. Alguns dias depois fui até Paraty-mirim encontrar o hostel indicado que ficava incrustado na mata atlântica. Fui muito bem recebida pelo casal proprietário (professores ativistas de causas humanitárias) que, de imediato, já demonstravam uma forma alternativa de viver a vida. A entrevista durou horas e eles me contaram que havia um casal de mochileiros hospedados que deveria chegar mais tarde. Fui convidada a permanecer no hostel naquela noite. É claro que aceitei o convite.

A propriedade é uma construção modificada de um estaleiro de barcos. Não há paredes nem portas. Os ambientes são separados por diferentes níveis de mezaninos e os quartos (seis) são delimitados por cortinados com colchões organizados lado a lado. É estranho, diferente, com pouca privacidade, mas muito acolhedor, tendo a natureza integrada ao espaço. O casal de mochileiros chega tarde da noite, estávamos na cozinha ainda conversando. A noite transforma-se num cenário de pesquisa e interação. O proprietário é músico apaixonado, “coleccionador” de violão (tinha uns seis por lá, com variações), a música adentra a madrugada, os sons dos animais de hábitos noturnos cercam o hostel. E a pesquisa? Bem, o casal era jovem demais, tinham vinte e poucos anos.

Na manhã seguinte parti para Trindade, local que na década de 1980 gozava da fama de praia liberada, de praia de “bicho grilo”. Na época o acesso era muito difícil feito por estrada de terra e quando chovia ninguém conseguia ir nem vir. Ainda hoje Trindade mantém seu status de liberdade, porém o asfalto já chegou até lá.

Para além de boas propostas metodológicas, também necessitava de sorte para encontrar seus sujeitos. Desse modo, fui agraciada em Trindade, pois no movimento de relação que sempre estabeleço com as pessoas que encontro, descobrir que Leve-leve (o responsável pela pousada em que me hospedei) é um sujeito que vive a vida mochilando. Entrevistá-lo foi uma experiência muito rica e de muita troca. Consigo também, nesta localidade, mais uma entrevista com um proprietário de um hostel local.

Para o segundo agrupamento como campo de pesquisa, fiz imersão nos hostels de Córdoba e Rosário. Foram 12 dias: do dia 20 ao dia 31 de julho de 2012. Foram oito dias em Córdoba e quatro em Rosário.

Tive uma grande surpresa ao chegar ao hostel de Córdoba. A língua falada fluentemente era o português. A quantidade de brasileiros que estavam no hostel era grande para ser apenas uma coincidência, indaguei: uma “excursão” de mochileiros? Aos poucos fui procurando informações e descobri que se tratava de um grupo de pessoas de várias partes do Brasil (em especial do sul do país) que estavam hospedadas naquele hostel por um convênio com um curso de espanhol intensivo (duração 30 dias). Foi um

choque e uma frustração imediata. Passado o susto, comecei a vivenciar o movimento do hostel. O quarto em que fiquei hospedada, por exemplo, não era reservado para esse grupo de brasileiros. Era um quarto misto com banho privativo (se é que para oito pessoas se pode chamar de privativo). Havia pessoas de várias nacionalidades com faixas etárias diferenciadas e comportamentos mais singulares.

Desse modo, fui procurando me aproximar dos hóspedes que poderiam ser sujeitos da minha pesquisa. Por sorte, lá pelo quarto dia de hospedagem chegou ao hostel Sabiá, um sulista mochileiro de Santa Catarina. Tivemos uma boa empatia e foi fácil conseguir a entrevista depois de dois dias de convívio no hostel. Ele era amante da natureza e estava em Córdoba para explorar suas belezas naturais bem como praticar alguns “esportes radicais”, com rafting e salto de pára-quedas.

Esse hostel apresentou uma confraternização mais consensual e diálogos mais harmônicos, que necessitavam de menos esforços para o entendimento, pelo fato de ter muitos brasileiros entre seus hóspedes.

Em Rosário, a convivência no hostel foi mais parecida com a “torre de babel”. Eram muitas pessoas com estilos muito diferentes tentando trocar ideias, dividir opiniões, conhecer outras culturas. Percebi uma diferença muito grande no próprio estilo do hostel. O hostel tinha um astral mais de vanguarda (apesar de sua construção ser um casarão do século XVII), eram posters e fotos de Che Guevara e Bob Marley espalhados pelos corredores, quartos e sala de convivência, sendo nítida uma maior liberação de regras sociais. As pessoas que lá estavam hospedadas não saíam muito do hostel e a convivência entre nós (sim porque em determinados momentos também me “internei” para a pesquisa) exigia muitas negociações. Conheci Banana, um músico, mochileiro, brasileiro que já morava na Argentina há cinco anos, vivendo a vida mochilando com seu violão. Ali em Rosário ele era o responsável pelo hostel no turno da tarde. Consegui entrevistá-lo em seu turno de trabalho, horário que o hostel ficava mais tranquilo. À noite seria impossível, devido a tantas excitações vivenciadas pelo grupo hospedado, na maioria jovens entre vinte e trinta anos, e, no período da manhã, ele nunca aparecia, pois só dormia ao amanhecer.

O terceiro campo de pesquisa ocorreu em BH. Os sujeitos envolvidos no estudo foram encontrados através de indicação de outros mochileiros ou através de conhecimento prévio. Suas entrevistas foram registradas em diferentes tempos e espaços. Para cada um deles (no total de quatro) marquei um local que lhes fosse mais apropriado. Entrevistei em parques da cidade, em bares e na própria residência do sujeito em questão (Tac, Safo, Megabit e Confúcio).

Ficou evidente por toda a gama de diferentes experiências vividas no processo da investigação, que a tarefa mais difícil desta pesquisa foi encontrar os sujeitos em sua atividade. A mobilidade por eles almejada e alcançada colocou-me diante de muitas incertezas do encontro, porém, o desafio foi superado e após a identificação dos mochileiros, tanto a aproximação quanto a realização das entrevistas foram muito fáceis.

Sendo assim, reafirmo, como já foi apontado nos estudos de Laurie Murphy (2001), que os mochileiros são pessoas mais abertas à convivência social e à ampliação de seus relacionamentos. Outra característica que também ficou marcada na minha percepção é que existe um enorme prazer e uma grande satisfação em contar seus feitos, suas aventuras, seus desafios superados, seja para uma pesquisadora desconhecida ou para um estranho qualquer.

#### 4. MOCHILAR: SIGNIFICADO SOCIAL E PESSOAL

Quando se fala acerca de mochileiros e acerca de viagem de mochila, mobiliza-se um incalculável número de representações simbólicas diante dos sujeitos praticantes dessa atividade. Frente a isso, pude inferir que se tem tantas representações quantos sujeitos envolvidos na questão. Esse tipo de fenômeno constitui uma subjetivação coletiva que habita o imaginário social, que é compartilhado por sujeitos que produzem sentidos próprios. Sendo assim, pretendo tratar dessas intercorrências entre o significado social e pessoal referentes a esses sujeitos.

No intuito de compreender quais os significados dessa prática na sociedade contemporânea, procurei ouvir, ver e sentir, ficando atenta à polissemia dos discursos e da diversidade das práticas dos sujeitos envolvidos. Nesse processo de reconhecimento da significação dessa atividade, em alguns momentos, me deparei com palavras de sentido variado em contextos diferentes, mas que foram compreendidas no processo de comunicação entre os sujeitos (ator e pesquisador), ou seja, o “sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata” (VYGOTSKY, 2001, p.465).

Desse modo, este capítulo é dedicado a discutir e analisar os possíveis significados que a viagem de mochila possui para a sociedade contemporânea e para os seus praticantes, por meio de quatro categorias que se mostraram relevantes durante esta pesquisa. Essas categorias foram analisadas com base no diálogo entre os dados obtidos nas entrevistas, a bibliografia estudada e a visão da pesquisadora a partir de suas anotações e vivências em campo.

Sendo assim, as quatro categorias que se mostraram relevantes na construção social da viagem de mochila foram: aventura, liberdade, experiência da alteridade e sede do infinito, discutidas nos itens posteriores.



#### 4.1 Aventura

A aventura da mochilagem se traduz na seguinte configuração: colocar uma mochila nas costas e sair para uma viagem. Essa imagem, que se mantém viva, pulsante e presente nos desejos e motivações dos mochileiros, habita o imaginário social<sup>31</sup>, representando a liberdade, a aventura, o lançar-se no “mundão de Deus” para vivenciar o novo, confrontar o desconhecido, superar o desafio e, com isso, quebrar a rotina na qual os sujeitos, no seu dia-a-dia, estão subordinados.

Foi interessante perceber que ao mencionar o lançar-se ao desconhecido, ao novo, dava-se uma ênfase maior no processo de deslocamento do que no destino propriamente dito. Parecia que a escolha do destino foi feita relativizando o grau de aventura que o sujeito intencionava vivenciar.

Maffesoli (2001) denomina essa necessidade humana de mobilidade de “pulsão da errância”. A errância, segundo o autor, “traduz bem a pluralidade da pessoa e a duplicidade da existência” (p16). Desse modo, não permite ao indivíduo viver o sedentarismo conformado, pois ela implica a expressão da revolta contra a ordem estabelecida. Nesse sentido, “a duplicidade é uma forma de liberdade, um modo de introduzir a agitação no que é estável, ou a inquietude naquilo que está cheio de autocerteza” (MAFFESSOLI, 2001, p.94). A pulsão da errância manifesta-se no indivíduo impulsionando-o em direção ao ignorado, ao inesperado e tem o mesmo sentido da “sede do infinito” (DURKHEIM, 2000). Essa necessidade de ir além, provocada pela “sede do infinito” ou pela “pulsão da errância”, possibilita compreender um dos paradoxos contemporâneos: diante de uma sociedade globalizada, com forte fluxo de informação e uma economia capitalista reinante, “expressa-se a necessidade do vazio, da perda” (Maffesoli, 2001, p.23) que se apresenta em tudo que não se contabiliza, fugindo da

---

<sup>31</sup> A ideia de imaginário social nesta pesquisa se apoia no pensamento de Ferreira (2001). A autora pontua que o imaginário social são formas de expressão que remetem ao campo do dizível e indizível. Que penetram na ordem simbólica, pelo conjunto de significantes amalgamados de sentido para uma coletividade, fazendo com que o homem construa uma trajetória, que vai do gesto ao signo e do signo ao símbolo, possibilitando-o falar de si mesmo, do outro, do mundo, de seus deuses e de seus mistérios.

perspectiva monetária. Sendo assim, como pontua Duvignaud (*apud* MAFFESOLI, 2001, p.23), tem-se que estar atento “ao preço das coisas sem preço”.

Pela pulsão da errância o viajante rompe com o tempo/espço linear, faz a circulação de ideias, de sentimentos, de cultura e o contato com o diverso torna-se propulsor do fluxo contínuo e ininterrupto de saberes. Se a viagem é “o símbolo de uma busca sem fim”, é preciso que “a fronteira seja sempre adiada, a fim de que essa aventura possa prosseguir” (MAFFESOLI, 2001, p.42).

A aventura representa parte constituinte de todas as viagens dos mochileiros. Podemos inferir que ela representa a grande motivação, pois propicia o encontro com o inesperado. A essência da aventura está embutida na etimologia de seu vocábulo que carrega a dialética relação entre sorte e perigo. A etimologia do termo aventura vem do latim *adventura*, “(coisa) por acontecer”, de *adventurus*, do verbo *advenire*, “chegar a, alcançar”, de Ad, “a”, mais venire, “vir” (dicionário etmológico, on line). Então a aventura está na ordem do porvir e traz consigo muitas expectativas pois, como todo futuro, está repleto de incertezas.

A aventura para os mochileiros começa no planejamento da viagem. Esse planejamento é feito de forma meticulosa, cuidadosa, e visa conseguir a maior quantidade de informações possíveis. De acordo com um dos entrevistados, esse momento exige alguns cuidados, já que

é fundamental você sair para mochilar conhecendo bem a região que você vai, principalmente se você tá indo para lugares isolados na natureza. Hoje em dia você instala aquele google via satélite [google earth – um programa de informações geográficas] e fica sabendo como a trilha tá, se dá para fazer o percurso que você imaginou, se tem rio no caminho... (Leve-leve)

Nesse aspecto, fica evidente que a escolha e a organização dos roteiros já imprimem à viagem o “tamanho” da aventura que o sujeito intencionava realizar. Ao escolher que tipo de roteiro vai fazer e por quais caminhos vai seguir, o mochileiro coloca ou retira, conforme sua motivação, maior ou menor grau de risco e imprevisibilidade. Como revelou Tac,

Eu que faço o meu roteiro. Faço tudo. Muito mais que chegar no destino é fazer o destino, o mais bacana de tudo, para mim, é o planejamento. É planejar as viagens. Você viaja na viagem. Eu gosto dos destinos inusitados. Quando alguém fala assim: é o único lugar do mundo que...então eu quero ir lá, e eu vou lá. Eu quero chegar aonde ninguém foi, aonde quase ninguém vai. Eu planejo por mapas. Eu sou vidrada em mapas, quero saber geograficamente...relevo, conhecer caminhos, eu vou em busca disso.

Nesses diálogos, notei que o desejo da aventura levava o sujeito à ideia de realizar vivências excepcionais com emoções à flor da pele e sensações surpreendentes. Penso que essa ideia se constitui e se mantém na subjetividade social e no imaginário coletivo por histórias, mitos e mídia, conforme já ressaltado nas narrativas de viagens que acompanham o desenvolvimento da humanidade. Como símbolo desse lançar-se ao mundo, em que os sonhos se confundem com a realidade, tem-se a figura de Dom Quixote, um cavaleiro errante que partiu de sua terra natal para transformar sua vida em grandes aventuras. Nessa história, esse cavaleiro [aqui se tem, mais uma vez, a forte referência das narrativas influenciando os pensamentos] leu tanto sobre os feitos dos heróis da cavalaria que “seus miolos ressecaram”. Imitando então aquela brava gente que povoava os seus sonhos, Dom Quixote cismou em querer consertar as coisas tortas e desfazer os agravos do mundo (CERVANTES, 1952).

Remetendo esse imaginário para a experiência da mochilagem, percebi que a aventura projeta o sujeito em outra dimensão de sua existência, aquela na qual ele se afasta de seu cotidiano, de suas rotinas pessoais e o distancia de referências familiares (referências de segurança). Esse sujeito que se encontra em suspensão do seu dia a dia e tem, nessa ruptura do cotidiano, a oportunidade de experienciar a emergência de um outro eu, de uma outra parte de si mesmo, percebe que ao ser sufocado pelo sistema, essa outra dimensão de si busca sempre brechas, no próprio sistema, para existir de fato. Nessas brechas os sujeitos emergem e realizam transgressões rompendo com o prescrito e com o instituído. Desse modo, o mochileiro deslocado do seu cotidiano busca sua expressão, ou seja, a emancipação do sujeito (REY, 2004).

Esse significado da aventura para os mochileiros traduz o desejo de soltar as amarras, de desafiar o inesperado, de desbravar o desconhecido, de conhecer outros sujeitos e outros lugares. Embrenha-se em culturas distintas e procura ser capaz de, no

sobressalto do estranhamento provocado, auto-organizar-se. Sendo assim, através do autoconhecimento que essa experiência proporciona, o que motiva o mochileiro a superar o desafio, a diferença, a diversidade e manter-se equilibrado representa o encontro consigo mesmo, o resgate do herói interior que habita todos os sujeitos, a expressão de sua singularidade.

Dialogicamente, ordem e desordem se tensionam na construção de um planejamento para o inesperado e o inusitado. A complexidade desse processo me convocou para dialogar com esses sujeitos que buscam liberdade por meio dessa atividade, tal como discuto no próximo tópico.

## 4.2 Liberdade

Se colocar a mochila nas costas implica lançar-se a uma aventura, não podemos esquecer que essa aventura é recheada de imaginação e, mais do que objetos, a mochila de um mochileiro carrega sonhos de liberdade.

Definir uma conceituação para essa liberdade tão desejada constitui-se em uma árdua tarefa, a que não tenho a pretensão de atingir. Desse modo, somado a polissemia que o vocábulo engloba, tem-se também a configuração do imaginário pessoal e social sobre o que é liberdade. Sendo assim, deparei-me nas entrevistas com formulações diversificadas e subjetivas, nas quais busco, para este ponto de discussão, aquilo que se mostra como representação social dos significados.

A possibilidade de ir e vir constitui um elemento presente nessa prática. “Donos do próprio desejo”, os mochileiros têm como uma das características marcantes a *mobilidade*. Eles não se fixam em lugar nenhum. A potencialidade para o movimento implica uma não fixação de tempo e de espaço. A perspectiva da troca de lugar, da variação do tempo de permanência, da possibilidade de seguir adiante ou não, depende da motivação do sujeito no momento em que se encontra. Tem-se aqui uma tensão constante entre o ficar e o partir.

Por esse motivo, compreende-se que os mochileiros não participam de excursões agenciadas, nem compram pacotes turísticos, porque essa formatação da viagem turística

apresenta uma estrutura rígida na organização do tempo e do espaço, tornando coletivizado o que é individual. Desse modo, a viagem agenciada turisticamente tende a anular o sujeito frente à massificação da atividade.

Outro elemento encontrado para justificar a liberdade como lema foi a pré-disposição dos mochileiros para ultrapassar limites, transpor fronteira, quebrar regras. Sendo assim, ser mochileiro carrega o ideal de ser um sujeito que rompe com as imposições sociais. A forma de viajar dos mochileiros já se defronta com a valorização excessiva do consumo veiculada pela indústria turística, pois sua atividade é baseada em baixos custos e suas relações estabelecidas, seja com as pessoas locais ou outros forasteiros, propiciam o princípio da reciprocidade que, segundo Marcel Mauss (2003), traz o caráter universal da tríplice obrigação entre dar, receber e retribuir<sup>32</sup>. Esse princípio propicia a circulação de ideias, bens e cultura, num movimento diferenciado do regime capitalista, pois ao colocar a troca solidária como referência para a circulação, reduz a força que o capital econômico possui diante nossa forma de viver na sociedade contemporânea.

Além disso, a liberdade se relaciona com a possibilidade do sujeito expressar-se diante o mundo. Nesse sentido, a significação de autenticidade se faz presente. Representa a emergência do sujeito desvelando-se único em sua complexidade e dinamicidade na ação de sua prática. A tomada de decisão, que é o ponto central na tensão entre exercer o desejo individual ou ceder à coerção social, torna-se um dos “traços mais amplos das atividades portadoras de consequências que um indivíduo leva consigo na vida cotidiana e no curso de sua existência” (GIDDENS 2002, p.107).

Diante desses pontos expostos acima, pode-se assinalar que “mochilar representa uma prática de liberdade!”. Essa exclamação foi ouvida durante o processo desta pesquisa várias vezes. Sendo assim, apresento alguns relatos para contribuir com essa discussão.

Flash: “Para mim [mochilar] é a sensação única de liberdade, de poder conhecer lugares maravilhosos escondidos por aí onde a mão humana ainda não tange”.

Leve-leve:

---

<sup>32</sup> Maiores esclarecimentos podem ser encontrados na obra “Ensaio sobre a dádiva”, de Marcel Mauss, 1974.

Mas eu procuro levar uma vida um pouco alternativa, fora daquele sistema que é normal da maioria das pessoas. Tenho sede de liberdade. E muita gente que eu vejo que tem muita vontade de seguir essa mesma, vamos dizer, filosofia de vida que eu levo, mas não tem coragem. Tem medo. Tem medo de romper com esse sistema. Eu sei porque eu era uma pessoa assim e depois que eu fiz minha primeira viagem de mochila que eu vi que eu conseguia sobreviver ali, que eu conseguia ser mais livre, ser mais feliz dentro daquele esquema de vida ali, nossa, nunca mais quis voltar pro sistema. Nunca mais.

Tac: [viajar de mochila] “me permitir múltiplas vivências, com liberdade e respeito, a mim mesma e aos outros, desfrutando de experiências que me façam sentir inserida num todo, do qual faço parte e anseio conhecer, conceituar e vivenciar.”

Safo:

Eu tinha a ideia de liberdade quando eu ia para algum lugar sem a família. A sensação de liberdade vem com mochila, com amigos, com dinheiro quase nenhum. Ser mochileiro no nosso caso [falando de sua experiência quando era adolescente] era a liberdade logística de você conseguir sobrevivência na região. Então, a gente não tinha dinheiro, a gente fazia contato com os pescadores, ganhava peixe, fazia amizade, porque a gente ajudava a puxar a rede e ganhava peixe.

Flash:

Eu pego minhas coisas, ponho na mochila e vou. Tá rolando muita promoção de avião, mas eu gosto mesmo de ir por terra, porque eu vejo a estrada. Esse estar nas estradas me dá uma sensação de liberdade infinita. Eu posso ir onde eu quero, mudar o roteiro quando eu quero. Quando você mochila, a liberdade de escolha te acompanha o tempo todo.

Banana:

Viver mochilando me permite ser livre dos compromissos sociais. Eu não quero ter casa. Todo dia casa-trabalho, trabalho-casa. Eu não aguento isso. Não agora. Minha casa é o mundo e nele vou rodando. Carrego meu violão. Ele me ajuda a viver. Quando preciso de grana, trabalho. Ser músico tem essa facilidade você pode arrumar um trampo em qualquer lugar. Então eu vivo mais livre com minha mochila e meu violão.

Sabiá:

Quando você tá viajando de mochila a sensação de liberdade é total. Você não tem um roteiro fixo. Às vezes eu nem sei onde vou dormir. Você vai aonde seu coração mandar. É claro que você já fez um roteiro, mas poder mudar o

planejado na hora que quiser é muito bom. É a sua liberdade. Você escolhe como quer fazer. Nada te impede.

No entanto, na visão dos responsáveis pelos hostels, encontrei uma visão um pouco mais homogeneizante dessa relação mochileiro/liberdade. Na perspectiva desses pesquisados, há um entendimento de que os mochileiros têm uma relação maior com a liberdade, porque precisam de menos coisas materiais para viver, procuram hospedagens mais simples, não gastam dinheiro com excursões (fazem os passeios de forma mais autônoma), não possuem horários fixos e comem mais no hostel (fazem a própria comida). Outro elemento apontado é que, apesar de realizarem muitos contatos relacionais, eles são de caráter temporário, enfatizando o não vínculo, a liberdade de relação. Outro aspecto sinalizado acerca da liberdade, abordado pelos entrevistados, indica a necessidade que os mochileiros têm de entrar em contato com a natureza. Para os responsáveis pelos hostels, esse parece ser um ponto marcante da condição de mochileiro: a natureza representa o cenário para irem exercer a liberdade.

Esse posicionamento dos responsáveis pelos hostels engrossa o imaginário social de que não se consegue ser livre dentro das cidades, de que entrar em contato com a natureza propicia ao sujeito essa vivência de liberação das amarras sociais, transportando-o para outro tempo/espço e a outra condição de existência.

Contudo, em se tratando de mencionar cenas que se imprimiram com força no imaginário coletivo, é impossível fugir daquela imagem *The Wall*<sup>33</sup> que mostra uma fila bem alinhada de corpinhos infantis pateticamente dóceis e úteis, todos uniformizados de azul marinho e sem expressão no rosto, que se dirigem com passo firme para um moedor de carne. (SIBILIA, 2012, p.201)

Nota-se que liberdade e coerção fazem parte de uma relação dialética e complementar, já que é fundamental reconhecer que toda liberdade individual sofre pressão das normas e dos valores vigentes. Nesse sentido, o sentimento de liberdade

---

<sup>33</sup>“Another Brick in the Wall” é o título de um conjunto de três canções. Parte da ópera rock do Pink Floyd, “The Wall”, de 1979, subtituladas “Parte I” (Memórias), “Parte II” (Educação) e “Parte III” (Drogas), respectivamente, todas escritas pelo baixista e principal compositor do Pink Floyd, Roger Waters. (<http://whiplash.net/materias/curiosidades/104201-pinkfloyd.html#ixzz2HhiKCuXC>). Acesso em: 16 dez. 2012

advém à medida que o sujeito é capaz de romper com o prescrito instaurado para si e para a sociedade.

Aristóteles (1985, p.46) identificava essa complexa relatividade da liberdade ao afirmar: “Sê senhor da tua vontade e escravo da tua consciência”. Sendo assim, entende-se que a consciência reflete as normas sociais e morais enraizadas pelo sujeito. Já Fernando Pessoa (1986, p. 18), identifica a liberdade como algo interior do sujeito, mas também reforça seu caráter dependente

A liberdade é a possibilidade do isolamento. És livre se podes afastar-te dos homens, sem que te obrigue a procurá-los a necessidade de dinheiro, ou a necessidade gregária, ou o amor, ou a glória, ou a curiosidade, que no silêncio e na solidão não podem ter alimento. Se te é impossível viver só, nasceste escravo.

O cientista Albert Einstein (1981, p. 7.), discordando da ideia filosófica que indica que liberdade refere-se à independência do ser humano, a autonomia e a espontaneidade, pontua: “Não creio, no sentido filosófico do termo, na liberdade do homem. Todos agem não apenas sob um constrangimento exterior mas também de acordo com uma necessidade interior.”

Partindo das ideias de pensadores da humanidade e dos sujeitos entrevistados, recorro ao Dicionário Filosófico (1998) no intuito de aproximar esses significados.

O termo liberdade apresenta três significados fundamentais, correspondentes a três concepções que se sobrepuseram ao longo de sua história e que podem ser caracterizadas da seguinte maneira: 1- Liberdade como autodeterminação ou autocausalidade, segundo a qual a Liberdade é ausência de condições e de limites; 2- Liberdade como necessidade, que se baseia no mesmo conceito da precedente, a autodeterminação, mas atribuindo-a à totalidade a que o homem pertence (Mundo, Substância, Estado); 3- Liberdade como possibilidade ou escolha, segundo a qual a Liberdade é limitada e condicionada, isto é, finita.

Dialogando com os sujeitos entrevistados e a bibliografia examinada, fica evidenciado que a liberdade, no contexto capitalista da sociedade, é tensa e não possui representação única. Para os mochileiros parece representar a capacidade de ruptura que



o sujeito produz frente a significados prescritos. Neste aspecto, Rey (2004) assinala que o verdadeiro sujeito é subversivo.

### 4.3 Experiência de Alteridade

Para pensar a representação da alteridade nos contextos de viagens de mochila faz-se necessário não perder de vista que num mundo contemporâneo globalizado, que se apresenta com contornos fluídos e instáveis (BAUMAN, 2004), a alteridade radical (pretendida pelos antropólogos ortodoxos) parece dissolver-se diante a contração do planeta, acarretando uma diluição das diferenças e uma homogeneização cultural. Digo isso, porque essa representação “de alteridade radical” se perde no encontro com a representação da “alteridade múltipla”. Nesse sentido, conforme afirma Gusmão (1999, p.44/45),

se no passado o outro era de fato diferente, distante e compunha uma realidade diversa daquela de meu mundo, hoje, o longe é perto e o outro é também um mesmo, uma imagem do eu invertida no espelho, capaz de confundir certezas pois, não se trata mais de outros povos, outras línguas, outros costumes. O outro hoje é próximo e familiar, mas não necessariamente é nosso conhecido.

Diante desse contexto atual, a experiência da viagem proporciona ao viajante o contato com o diferente, o diverso, o desconhecido. Ao remeter-se a um tempo/espço descontínuo, essa profunda modificação espaço-temporal acarreta no sujeito um duplo estranhamento: a experiência de ser diferente de si e do outro e a experiência de estar diferente de si e do outro (PEREZ, 2009). Desse modo, viajar pode se constituir num momento de encontro consigo mesmo frente ao estranho, um reencontro do sujeito frente a uma sociedade que tenta aniquilar ou confundir a própria identidade pessoal.

A retórica dos mochileiros me fez compreender que a expectativa da viagem de mochila marca fortemente a motivação de ir ao encontro do inesperado, do inusitado. A possibilidade de entrar em contato com novas emoções, o reconhecer-se e o estranhar-se diante de um Outro, marca o inacabado da condição humana. A metamorfose, pela qual o sujeito passa através do visto e vivido antes, durante e depois de uma mochilada, reflete o

jogo produzido entre referenciais de identidades e alteridades constituintes da subjetividade do sujeito. Pode-se dizer que essas duas categorias são dialógicas, fazendo parte de uma unidade de contrários (MORIN, 1990).

Foi interessante perceber também que os mochileiros encaravam essa experiência como um processo de aprendizagem, de autoconhecimento e de fortalecimento pessoal diante dessa possibilidade de relacionamento mediado pela diversidade do mundo – pessoas, lugares e culturas.

Nesse contexto de mediação entre o conhecido, que se carrega (ideias, cultura, moral etc), e o desconhecido, com o qual o sujeito se permite entrar em contato, as mudanças que podem ocorrer pela experiência de alteridade são expressas pelo pensamento de Ianni (2000, p.30):

Quem viaja larga muita coisa na estrada. Além do que larga na partida, larga na travessia. À medida que caminha, despoja-se. Quanto mais descortina o novo, desconhecido, exótico ou surpreendente, mais liberta-se de si, do seu passado, do seu modo de ser, hábitos, vícios, convicções, certeza. Pode abrir-se cada vez mais para o desconhecido, à medida que mergulha no desconhecido. No limite, o viajante despoja-se, liberta-se e abre-se, como no alvorecer: caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao andar.

Essa necessidade de encontrar o diferente parece refletir a angústia que a rotina da vida contemporânea abate sobre os sujeitos. Representa a pulsão da errância como denominou Maffesoli (2001). Num paradoxo contemporâneo pode-se perceber que o sujeito tem uma infinidade de opções para qualquer coisa que deseje na vida, mas ao mesmo tempo, todos esses desejos estão vinculados à incerteza da satisfação. Não há garantias e o risco de ficar insatisfeito é permanente.

Frente a isso, lançar-se ao encontro do Outro representa a aceitação do inacabamento e da dinamicidade da constituição do sujeito, pois no deslocamento, que toda viagem implica, é necessário validar a relação eu-outro, próprio-alheio, individual-social, num jogo constante entre a identidade e a alteridade na produção do sentido. “Trata-se de um processo dialógico e de apropriação do outro para uma nova simbiose que seja capaz de manter viva a tensão entre forças centrípetas e centrífugas em contínuo trânsito entre a concentração e a dispersão” (OLIVEIRA 2012, p.29). Sendo assim, pode-se

compreender a experiência da alteridade como parte da constituição reflexiva do sujeito que Giddens (2001) pontua e que Rey (2003) aponta como a capacidade reconstrutiva da subjetividade do sujeito.

A viagem, corroborando com Kryzinski (1997), gera um significado como operador cognitivo, gerador de saberes diversos e de metadiscursos. Media a reflexividade entre identidade-alteridade por meio da tensão dialógica entre o familiar e o estranho.

Desse modo, tem-se no Outro um espelho que às vezes reflete o conhecido e às vezes aponta o desconhecido. Como diz Bakhtin (2003), o olhar do Outro sempre será diferente do meu, mas preciso dele para me enxergar diferente do que me vejo.

Na visão dos responsáveis pelos hostels tem-se a percepção da vivência da alteridade pelo convívio dentro do próprio hostel. Foi argumentado que as relações vividas entre as pessoas (que às vezes são muito diferentes) fazem com que cada um seja mais tolerante e menos preconceituoso com o diverso, com o não familiar. As trocas vivenciadas e os “choques” culturais (entre todos, inclusive os responsáveis pelos hostels) são experiências riquíssimas que são levadas para a vida toda como aprendizagem em lidar com o inusitado, com o diferente, como o novo.

Os mochileiros parecem compreender bem essa dialética. O aprendizado obtido na experiência de alteridade parece representar uma grande motivação dos sujeitos. Em muitas falas pude identificar o desejo desse encontro com o Outro e como esse encontro propicia o autoconhecimento.

Tal como se observa na fala dos entrevistados:

Confúcio:

Mas no tipo de viagem que eu gosto de fazer, de mochila, o contato com esse outro é um contato diferente. Ele é mais aberto, é mais espontâneo, eu acho mais sincero. Porque esse outro a gente supõe, eu suponho, que ele tá vivendo de uma forma que eu próprio gostaria de viver, ele tá vivendo num lugar que eu tô admirando como viajante, porque eu tô de passagem, mas que ele tem o privilégio de viver ali sempre, de estar ali sempre. Eu gosto muito de conversar com essas pessoas e saber como que elas vivem a vida.”

Sabiá: “Eu já fiquei nervoso com essas coisas [falava sobre tensões que aconteceram durante alguma viagem]. Teve uma vez que a gente teve que sair correndo para não apanhar. Tinha uns doze caras lá jogando sinuca e eu falei “vão bora” porque os caras tão encarando a gente e eu acho que eles vão querer brigar com a gente. Então, a questão da malícia também tá nesse

sentido. Eu acho que experiência é tudo, você vai aprendendo com tudo. Então eu mudo totalmente a forma de conversar quando eu vou pros lugares. Eu sempre procuro me adaptar naquele meio.”

Leve-leve:

Quando eu tô na natureza, em contato direto com ela, eu me sinto parte dela. Eu vejo como o ritmo é harmonioso, eu vejo como eu fico bem nesse ritmo. Dormir vendo estrela, acordar com o canto dos pássaros livres, mergulhar no mar ou na água doce, tanto faz. Eu me integro a ela. Sou capaz de ficar muito tempo vivendo assim, da natureza. Ela te *dá* tudo que você precisa. Alimento, paz e beleza. Acho que essas três coisas são fundamentais, pelo menos para mim. Quando eu volto depois de um tempo fora, mochilando, parece que eu volto diferente. É, eu sempre volto diferente. Parece que esse tempo de contato comigo mesmo e contato com a natureza me faz reconhecer quem eu sou de verdade, limpa os ranços que a gente carrega. Dá uma lavada na alma.

Flash:

Diante desses pequenos trechos relatados, em diversas situações em que os sujeitos entraram em contato com o Outro, pensar a significação da experiência de alteridade para os viajantes de mochila representa certificar-se da incompletude humana e de que o sujeito está em constante mudança, percebendo que o Outro é integrado não somente como um estranho, mas como uma possibilidade de transformar o familiar. Nas palavras de Bussolete e Molon (2010, p.84), na compreensão da transformação como possibilidade pelo contato com o Outro, as autoras colocam em jogo a tensão entre o que carregamos e o que se reorganizará.

E neste movimento podem entrar nossos antigos conceitos e imagens. Estranhar o familiar é retirar a representação de sua ancoragem no terreno exclusivo do passado e buscar o novo, aquilo que reordenará, mesmo que pela desordem, o familiar, não só pelo objeto, mas pelo contexto da representação, permitindo uma aproximação mais ampla tanto dos pensamentos como dos afetos, ultrapassando o real e o racional na sua explicação.

Sendo assim, a representação da experiência de alteridade na atual sociedade traz embutida uma motivação e uma capacidade para vivenciar a dinamicidade que o ser humano possui na constituição de sua história. Essa mediação vivida pela alteridade coloca o sujeito em constante diálogo com a vida, sem que ele se renda à coerção de valores sociais autoritários, arraigados e fixos, mas que ele perceba a diversidade de visões de mundo que ampliam a sua própria visão.

Pelas palavras de Bakhtin (2003, p.21) finalizo este tópico ressaltando a presença do Outro como uma necessidade na constituição do sujeito. Porém, esse Outro sempre será um Outro que nos confronta e que reflete nossa imagem, seja pela percepção da similaridade, seja pela percepção da diferença.

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que eu contemplo possa estar em relação a mim, sempre saberei e verei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto e sua expressão -, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila de nossos olhos. Assumindo a devida posição, é possível reduzir ao mínimo essa diferença de horizontes, mas para eliminá-la inteiramente, urge fundir-se em um, tornar-se um todo único e tornar-se uma só pessoa.

Portanto, ter a consciência de que o “ser sujeito” implica a responsabilidade de assumir o diverso e o múltiplo, que se estabelece através da relação com o Outro, representa a complexidade da relação com o mundo. É o Outro que aponta que se é provisório, que não se está acabado, fazendo refletir quem somos nós e quem são os outros na multiplicidade infinita do diverso.

#### **4.4 A sede do infinito**

Uma fala recorrente, entre os entrevistados e em conversas informais com distintos sujeitos envolvidos com a atividade da mochilagem, é que a viagem de mochila suscita nas pessoas a ideia de alcançar algum lugar que seja de acesso difícil, de beleza estonteante e que tenha a imensidão, o horizonte, o infinito como imagem representativa.

Perceber a intrínseca relação que se estabelece entre mochilar e percorrer estradas não me surpreende. Essas estradas muitas vezes são de asfalto. Mas, no imaginário social, essa estrada num arranjo poético do mochilar é de terra e conduz à liberdade. Essa construção imagética se sustenta pelas mídias que promovem lugares

encantadores por caminhos enigmáticos, que propiciam ao sujeito a realização de sonhos e uma diferenciação do movimento massificado, num simulacro de afastamento do sistema capitalista vigente. Ou seja, produzem uma simulação de que no infinito cabe tudo. Sendo assim, o sujeito pode projetar uma motivação pessoal a ser alcançada. Nesse sentido, no editorial de um guia de viagens,<sup>34</sup> encontramos a seguinte introdução:

Há sempre um novo horizonte após cada curva. Em cada horizonte, uma aventura potencial, uma vontade intrínseca de prosseguir. Descobrir, desbravar, ir além, chegar lá...Pelos caminhos terrestres, dar rodas a essa ancestral curiosidade humana significa poder deixar o asfalto e navegar na imaginação através de surpreendentes estradinhas de terra.

Nesse contexto, da significação da relação mochileiros/infinito, mochileiros/estradas, trago para análise neste subitem mais um tipo de fonte para a pesquisa fotográfica. Nesse caso, a fotografia foi eleita como fonte, porque a relação aqui analisada ficou evidente na amostra.

Para isso, foi pedido aos entrevistados que me enviassem duas fotografias que representassem ele (o sujeito) em sua atividade de mochilar. Recebi entre três a quatro fotografias de cada sujeito (cinco sujeitos me enviaram), já que todos se queixaram que duas era muito pouco e que não conseguiam escolher entre tantas fotografias que cabiam na proposta. Diante disso, desenvolvo aqui a análise com o que mais me chamou a atenção pela repetição: *a vista infinita*. Seja pela imensidão contemplada e/ou pela estrada que liga ao infinito.

#### 4.4.1 A imensidão do infinito: significados ao alcance dos olhos e das lentes

A ideia de trabalhar com as imagens registradas pelos mochileiros representa o estabelecimento de um diálogo entre as diferentes fontes (iconografia<sup>35</sup>, relato e

<sup>34</sup> Off-Road – Brasil. Guia publicado em 2004 pela Mitsubishi Motor

<sup>35</sup> Ciência das imagens produzidas pela pintura, pela escultura e pelas outras artes plásticas./ Conjunto de imagens relativas a um assunto determinado. (Dicionário Priberan da língua Portuguesa – on line) Acesso em 24/11/2012.

legenda), com o intuito de interagir visões, linguagens e discursos sobre o mesmo tema, porém remexendo em diferentes canais de representação e expressão.

Por trás de cada registro fotográfico, existe um autor e uma intencionalidade. Sendo assim, foi interessante perceber como a representação do infinito foi marcante para esses sujeitos, pois todos traduziram sua identidade mochileira com esse olhar.

O olhar que capta a imagem registrada muito mais que uma bela paisagem, nesse caso, procura reter toda uma gama de sentimentos e emoções vivenciados pelos sujeitos. Não é à toa que ao ver a fotografia e descrever o momento em que ela foi registrada, os mochileiros revivem as emoções que viveram na situação. Nesse aspecto, ficou evidente que não há como separar dimensões afetivas da narrativa produzida, bem como da história pessoal e social dos sujeitos, já que a subjetividade integra distintos elementos na expressão do sujeito. (REY, 2004).

O autor se identifica na imagem e nela ele constitui inúmeros sentidos e significado, tal como se pode observar nas fotografias apresentadas a seguir.

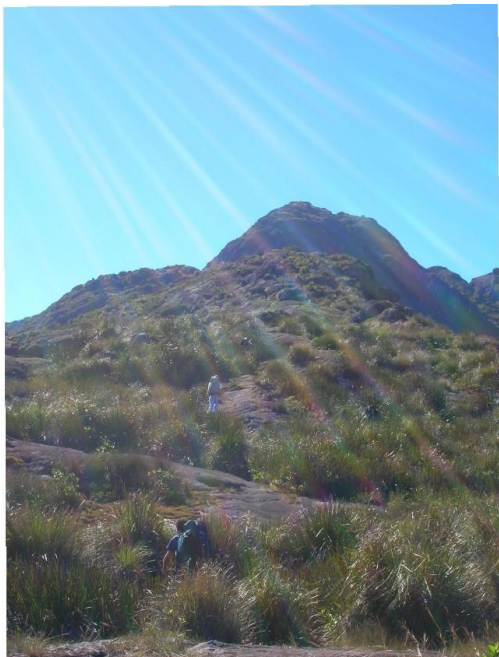


Figura 1a



Figura 1b



Figura 1d

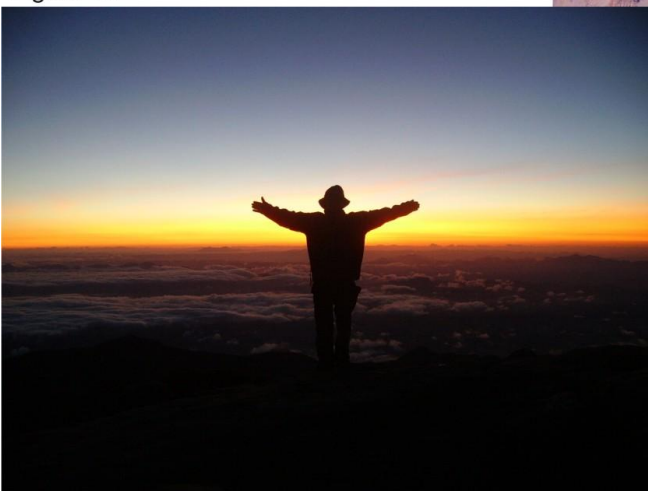


Figura 1c



Figura 1e



Figura 1f

Figuras 1a a 1f: O olhar frente ao infinito



De forma proposital não identifiquei as fotos conforme seus autores para que, sem a interferência do texto, o leitor também pudesse ter sua percepção aguçada e seus sentidos abertos para mergulhar nessas imagens.

A interpretação da imagem sempre será singular, subjetiva e diversificada. É impossível afirmar que cada imagem será interpretada da mesma forma por todas as pessoas. Talvez o significado possa abranger uma ideia coletiva. Pois, como pontua Kossoy (2001 p. 115), a interpretação depende de quanto o “receptor projeta de si, em função de seu repertório cultural, da sua situação socioeconômica, de seus preconceitos, de sua ideologia, razão porque as imagens sempre permitirão uma leitura plural”.

Desse modo, a identificação das fotos foi feita pela transcrição do texto conforme seus autores enviaram, como apresento a seguir:

Figura 1 a– Travessia do Marins-Itaguapé, na Serra da Mantiqueira, divisa de Minas e São Paulo. Autoria: Megabit

Figura 1b – É uma montagem que fiz no photoshop e que uso de plano de fundo no meu serviço. Eu ainda coloquei um desenho (silhueta de um mochileiro). Autoria: Flash

Figura 1c – Cume do pico da Bandeira, madrugada, o sol nascendo às minhas costas. Autoria: Romântico

Figura 1d – "Somos nada diante da criação " - Gran Canyon – USA. Autoria: Tac

Figura 1e – Pico do Papagaio – Aiuroca – MG. Autoria: Leve-leve

Figura 1f – Cume da Waynapicchu com vista de Machupichu – Peru. Autoria: a pesquisadora

As legendas apresentadas são específicas das fotos enviadas, porém, junto com as imagens fotográficas, vieram as impressões que os entrevistados tiveram tanto ao registrar as fotos quanto ao escolhê-las. Sendo assim, não poderia deixar de mencionar o tamanho do significado dado a este momento da pesquisa, como se observa nos emails transcritos a seguir.

Email enviado por Confúcio:

Escolher duas ou três fotos foi muito punk! São muitas as que considero especiais, aquelas que me remetem a uma memória instantânea e cheia de

significados pelos lugares (ainda poucos) que tive o privilégio de passar. Sempre que revejo fico emocionado.

Te mando 4 fotos, que custei a escolher:

1. Cume do pico da Bandeira, madrugada, o sol nascendo às minhas costas.
2. Cume do pico do Itambé, neblina cerrada e a mochila pronta pra descer.
3. Estrada Real, entre Milho Verde e Diamantina, entardecendo e meu amigo Luiz caminhando na poeira através da luz dourada.
4. Curralinho, um minúsculo povoado perto de Diamantina, em que o boi é o verdadeiro deus.

Se alguém tiver que escolher entre elas, que seja você. Poderia te mandar muitas outras! Me conta: o que pretende fazer com elas?

Abraço,

#### Email enviado por Tac:

Missão essa difícil... apenas 2 a 3 fotos??? Não serve um álbum inteiro de "Tac mochileira"?(kkkkkk)

Vamos lá, escolha a que você achar melhor...

- 1) P9080053 - " conquista de um sonho" - Entrada do parque nacional do Everest - Nepal
- 2) P4060177 - " somos nada diante da criação " - Gran Canyon - USA
- 3) P4090307 - " sempre perto de DEUS - cume das montanhas " Parque Nacional Zion Utah -USA
- 4) P9050223 - " liberdade para conhecer o inusitado " - Katmandú - Nepal

Bem, é isso, veja se ajuda de alguma forma... qualquer coisa, me avisa, Bjim,

#### Email enviado por Megabit:

Desculpe a demora em responder, espero que esteja correndo tudo bem com seu estudo. Todas 3 foram tiradas na travessia do Marins-Itaguaré, na serra da Mantiqueira, divisa de Minas e São Paulo, entre os dias 2 e 3 de junho de 2006.

Adoro a primeira foto (1404) pela sensação de desafio e aventura que estão por vir, dando aquela vontade de subir a montanha. Adoro a segunda (1421) porque olho pra ela e me lembro de como alguns amigos e um belo dia são mais preciosos que rios de riqueza. E adoro a última (1460) porque nela vejo como minha vida pode ser simples, se quiser dá pra caber tudo numa barraca. Pode me adicionar no skpe (S3) que a gente bate um papo. Beijão

#### Email enviado por Flash:

Eu tenho muuuitas fotos, difícil escolher. Vou mandar duas ou três e você mesmo seleciona aí. Aquela que comentei, não é exatamente do jeito que eu pensava, mas enviarei também. Só tenho msn: Flash@hotmail.com (fictício) Se quiser encontrar lá novamente ou outro lugar, pode ser também.

A foto 035 foi tirada em junho de 2009 na Serra da Piedade. Representa aquela sensação de liberdade da qual havia comentado. Mostrar que existem lugares belíssimos e bem próximos de nós.

A P4100126 foi tirada na Serra do Rola-Moça em abril de 2009. Sempre tenho a visão de mochileiro na estrada, no meio do nada. Estrada seria a representação maior de mochileiro na minha concepção.

A A112 foi tirada numa estrada próximo a Rio Acima (de fato eu estava meio perdido). Representa também como já mencionei a questão da estrada ligada com mochileiro. Um amigo meu disse nessa foto que eu pareço um filme americano de um cara que está perdido num deserto no meio do nada, aí eu paro do nada e tiro uma foto onde consigo transmitir isso.

A última nem sei se servirá. Como o próprio nome já diz, foi uma montagem que fiz no photoshop e que uso de plano de fundo no meu serviço. A diferença eh que lá eu ainda coloquei um desenho (silhueta de um mochileiro).

Leve-leve - fotos copiadas em pendrive e a interpretação gravada durante a entrevista:

Tenho sim. E é a foto que tá no meu facebook. Eu em cima do morro mesmo com a mochila nas costas lá em Aiuroca, no pico do papagaio, foi um dos lugares que eu gostei muito de ter conhecido. Ter subido no pico. Foi bem bacana lá. A energia 100%, o lugar...acho que tudo favoreceu ali, aquele momento, o momento que eu tava também da minha vida acho que foi muito legal. Quando você chega num lugar desses acaba passando um filme na tua cabeça. Não sei se acontece com todo mundo, mas comigo pelo menos você chega você começa a pensar nas coisas, valorizar certas coisas mais, olhar e falar..."puta" como que é bom, como você é feliz fazendo umas coisas dessas com tão pouco às vezes, e o pessoal com rios de dinheiro...em guerra, tomando remédio todo dia. Sei lá, aquela foto ali pra mim é bacana porque foi um momento que eu tava muito feliz, então, acho que juntou o lugar com meu estado de espírito e deu uma foto bacana.

Apesar de toda dificuldade que os entrevistados relatam para escolher as fotografias que representam sua atividade, é possível identificar significados coletivos. Palavras como liberdade, estrada, inusitado, desafio, aventura, felicidade, beleza, dentre outras, foram mencionadas de maneira recorrente.

Coincidência, ou não, todos aparecem nas fotos, não deixando dúvidas sobre o feito acontecido, pois está registrado. Outro ponto em comum são as imagens de lugares com vistas para o infinito. Isso, pela legenda apresentada, nos informa que todas as fotos foram produzidas em algum lugar almejado, que de certa forma, tem uma dificuldade para ser alcançado. Daí a valorização do feito, daí sua importância também.

As fotos são como preciosidades para esses sujeitos, já que, por meio delas, muitas narrativas foram desenroladas e muitas emoções foram compartilhadas. Através delas, os sujeitos expressam e demonstram sua coragem, bem como sua capacidade de superação. Nelas os sujeitos emergem expressando sua singularidade (REY, 2003).

Nesse aspecto, Salis (2006, p.8), um fotógrafo, parece pontuar o que os mochileiros pensam sobre o estar na estrada:

a estrada é um lugar de passagem, como a vida, e sendo assim, nos coloca diante uma infinidade de caminhos e escolhas que tem reflexos em nossa trajetória.[...] É necessário estar alerta a tudo, pois quem anda atento ao caminho chega o tempo todo. Sintetizando: o caminho é o destino.

Pensar sobre a representação que as fotografias traduzem no contexto desses mochileiros, me conduz a uma análise frente duas possibilidades: a representação social que o sujeito possui ao comprovar seu feito e a representação pessoal que é revelada pelo olhar do sujeito que escolhe, na mediação sujeito/mundo, o que fotografar.

Pode-se inferir que toda fotografia tem sua origem, no desejo de quem fotografa, ainda que haja uma motivação secundária (mostrar aos amigos, comprovar o feito, comercializar etc.), de congelar determinado momento, dado e lugar, transformando-o em algo palpável. Como evidencia Sontag (2004, p.14), fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si mesmo em determinada relação com o mundo e as fotos são, de fato, experiência capturada".

Desse modo, ficou evidente a necessidade que os mochileiros têm de se projetar em imagens naquilo que almejam como liberdade e infinitude, algo que possibilite a crença no *ir além*. E, ao conseguir retratar um sentido pessoal, podem difundir socialmente aquilo que acreditam como essência do mochilar, ou seja, o encontro consigo mesmo demonstrado na relação com o infinito – onde tudo cabe.

No próximo capítulo discuto como os sentidos dessa prática vão se constituindo para os mochileiros.

## **5. MOCHILAR: UMA ARTE PARA VIVER E SE CONHECER**

No capítulo anterior busquei traduzir os significados que a prática da viagem de mochila possui no imaginário social construído, pelas subjetividades coletivas, para os sujeitos envolvidos nessa atividade.

Para além de um significado social, o mochilar traduz um estilo de vida que foi se constituindo ao longo da vida dos mochileiros. Essa mediação sujeito-mundo, que se constitui ao longo da vida do sujeito, desvela a singularidade que toda atividade humana possui ao escapar de qualquer tentativa de padronização.

Sendo assim, neste capítulo, enveredo pelos sentidos construídos pelos mochileiros em sua atividade de mochilar. Busco nas experiências pessoais dos sujeitos traços que são únicos, próprios, singulares, que permitam visualizar aspectos qualitativos que não estão explícitos nas dimensões coletivas e que consegui captar nas entrevistas e no trabalho de campo.

Assumo o sujeito como posição central nesta investigação, mas enfatizo a importância da produção do pensamento do investigador no decorrer da pesquisa (Rey, 2010).

### **5.1 Nos primórdios das experiências**

Mochilar representa uma escolha pessoal. Não estou, com isso, desvinculando a motivação do sujeito para a prática da influência do contexto social em que ele vive, muito pelo contrário. Fato é que toda escolha carrega em si rastros de elementos que, por afinidade ou repulsa, vão aproximando ou afastando o sujeito daquilo que lhe convém. Sendo assim, passo a desvelar, através das falas dos entrevistados, possíveis elementos simbólicos e possíveis experiências pessoais que ganharam força e influenciaram os sujeitos em direção à prática da viagem de mochila.

Na análise sobre o modo como começaram a praticar a mochilagem, sobre quando havia acontecido um “primeiro” contato com a prática de mochila ou que elementos seriam constitutivos dos primórdios dessa prática, um elemento em comum foi

evidenciado: todos, sem exceção, remeteram-se às viagens de infância, junto aos familiares, ou na entrada da adolescência, junto a amigos companheiros de viagens.. Pode-se inferir que o contato com as viagens nascem em tenra idade, numa atividade coletiva, praticada entre pessoas que compartilham confiança [família e/ou amigos], para depois tornar-se mais individualizada com a permanência da base de confiança instaurada (GIDDENS, 2002).

Na fala dos mochileiros entrevistados essa relação da aproximação com a prática de viagens no “estilo” mochileiro e a experiência vivenciada com confiança se evidenciam nos depoimentos a seguir.

Tac:

A lembrança da minha 1ª viagem eu tinha uns quinze, dezesseis anos. Quando você começa a achar que é dono do próprio nariz, mas não é, eu lembro que esse gosto por ir para lugares inusitados, de inusitado eu chamo os lugares que não eram lugares que todo mundo ia, turístico. Então eu lembro que isso desde nova eu tinha esse interesse. Uma das primeiras viagens que eu fui de mochileira, talvez pela idade e tal, fui de mochila, barraca, esses trem todo. Foi uma viagem que eu fui para o RJ, aquele litoral Rio-SP, ali aquela região entre de Paraty, entre Trindade e Mangaratiba. Não tinha nada era deserto. Nossa eu quero ir. Eu quero ir, eu quero muito ir. Eu fui chamada por uma galera, vamos, vamos, mas como é que faz? Onde que tá esse lugar? E tinha naquela época [presume-se que seja no final da década de 1970] aquela “viajação” que Trindade era o canal, Trindade era o barato...Fui aquele litoral todo. Mangaratiba, Trindade, Ubatuba. Barraca nas costas, todo mundo estudante sem dinheiro, tinha mesada do papai. Eu lembro que meu pai não quis me dar dinheiro, eu tava começando a namorar. A gente [se referindo à família] passava férias em Setiba, e ele [o pai] disse: é então você não quer viajar com a gente, quer viajar com um monte de gente que eu não conheço. Então se vira porque eu não vou te dar dinheiro. Então eu arranjei meu primeiro emprego temporário. Fui trabalhar numa boutique de roupa, para poder juntar uma grana para viajar. Passei um mês inteiro viajando. As férias de verão. Só voltei em casa quando as férias acabaram.

Leve-leve:

A natureza sempre me chamou para perto. Desde moleque eu sempre gostei de pegar a bike e sair dando um rolê, às vezes, eu levava duas, três horas às vezes o dia inteiro. Quando adolescente sempre fui para cachoeiras com primos, amigos ou praias. Lugares sempre com natureza viva muito próxima e acho que nunca parei. Passei a acampar e com a barraca aumentou minha possibilidade de ir mais longe. Passei a sair e levar três, quatro, cinco dias para voltar.

### Megabit:

Quando criança eu sempre viajava muito com minha família. A gente sempre ia à praia, saía de SP para algum lugar mais livre, mais contato com a natureza. Eu adorava, ficava muito feliz e lembro que quando a gente voltava eu vinha muito triste no carro. Eu não queria ir embora. Nunca. Eu sempre pedia para a gente ficar mais, mas não podia e eu voltava chorando.

### Flash:

Comecei a viajar ainda menino, viajava com a família, era muito legal. Lembro que a primeira vez que eu saí sozinho, sem pai, mãe, eu fui com uns amigos numa cidade perto daqui [BH] porque tinha uma festa da cidade não lembro direito o mês. Sei que todo mundo mentiu para os pais dizendo que íamos ficar um na casa do outro. Então fomos. Eu tinha uns 13 anos. Lá na festa todo mundo bebeu [...]. Depois eu passei a ir conhecendo todas as cidades por perto. Ia sempre com algum amigo ou alguns, porque na hora do sufoco você divide e também eu não tinha idade nem maturidade para fazer sozinho. Comecei indo para as festas, conhecia o pessoal do local, as cachoeiras, as paisagens, as estradas. Hoje eu já conheço quase tudo em volta BH e tenho que sair do estado.

### Confúcio:

As primeiras viagens fiz com meu irmão. Eu tinha uns dezessete e ele uns dezesseis anos. A gente gostava de caminhar, de liberdade de sair um pouco sem destino, então colocava uma mochila nas costas pegava um ônibus para algum destino que a gente tinha ouvido falar e ia caminhando. Na época aquele filme “Easy rider” era o máximo para gente, às vezes caminhávamos entre cidades pequeninas, de cidade em cidade, às vezes a gente parava em algum lugar. Isso quando não resolvíamos, o que era até mais comum, fazer travessias por matos. A gente sempre buscava aventura e natureza.

Um elemento forte evidenciado foi a perspectiva de entrar em contato com o diferente estando em companhia de pessoas, que produzem sentimento de confiança e configuram-se como elo de ligação. Essa relação com a confiança vai ao encontro da ideia de Giddens (2001) de que é fundamental para o sujeito “estar no mundo” e desenvolver a segurança na sua dimensão ontológica. Esse autor pontua que a “consciência prática é a âncora cognitiva e emocional da sensação de *segurança ontológica* característica de amplos segmentos da atividade humana em todas as culturas” (2001, p.40). A noção de segurança ontológica está ligada ao caráter implícito da consciência prática. As

experiências que o sujeito vive constituem organizações para o enfrentamento da vida cotidiana.

Os experimentos são características elementares da existência humana (Garfinkel, 1963). A partir desse pensamento, esse autor formula que para toda pergunta, todo questionamento, todo impasse, a resposta dada pelo sujeito em primeira instância será uma representação do conhecimento construído e sustentado pelas convenções sociais. Mas ele adverte que essa resposta não possui uma base segura para o sujeito, pois o caos que espreita do outro lado das convenções cotidianas ordinárias coloca o sujeito diante da ansiedade que é estar no mundo, já que evidencia que, para além do convencional, é preciso expressar o singular. Como sinaliza Giddens (2001, p.41):

A consciência prática, junto com as rotinas diárias reproduzidas por ela, ajudam a por entre parênteses essas ansiedades não só, nem mesmo principalmente, por causa da estabilidade que implicam, mas por seu papel constitutivo na organização de um ambiente de “faz-de-conta” em relação às questões existenciais. Oferecem orientação que, ao nível da prática, “responde” às perguntas que poderiam ser feitas sobre os referenciais da existência. É de grande importância para a análise que se segue que os aspectos que fundamentam estas “respostas” sejam emocionais e não apenas cognitivos. Até que ponto diferentes situações culturais permitem que se alcance uma “fé” na coerência da vida cotidiana pela provisão de interpretações simbólicas das questões existenciais.

Diante dessa ponderação de Giddens, compreendo que a capacidade de responder ao mundo, no exercício da singularidade do sujeito, está permeada pela constituição de significados sociais e o comprometimento emocional desempenhado, no qual “confiança, esperança e coragem são relevantes para este comprometimento” (ibidem, p.41).

Passar por situações inesperadas, nas quais o tempo e o espaço estão deslocados, aspecto que sempre ocorre em qualquer viagem, tendo pouca idade e experienciado diferentes formas para obter resolução de sucesso, parece contribuir muito para o desenvolvimento da autoconfiança, mesmo que essa experiência tenha sido vivenciada de forma coletiva.

Portanto, segurança ontológica representa uma nomeação para a confiança no ambiente e em si mesmo, que permite que a vida seja vivida com algum prazer e tranquilidade, com uma disposição de entrega relativamente relaxada. Parece que essa é



a forma de lidar com os acontecimentos que os mochileiros estabelecem em suas viagens – vida vivida com prazer e certa tranquilidade.

Em suma, parece que o sentir-se capaz de lidar com as incertezas e de superar a ansiedade gerada pelos medos e riscos que a aventura proporciona, propiciam a esses sujeitos sentirem-se mais confiantes em tomar suas decisões, bem como uma confiança geradora de um relaxamento diante a vida. Quanto a essa relação dialógica entre risco, aventura e felicidade, aponto algumas reflexões no próximo tópico.

## **5.2 Aventura e risco: o feito heróico em busca da felicidade**

Mochilar: a arte de ser feliz?

Poderia com esta indagação tentar resumir o que os mochileiros sentem ao viajar de mochila. Todavia, é inegável que esse questionamento afirmativo representa um olhar específico, pertencente a um grupo que faz dessa prática um estilo de vida.

A sociedade contemporânea, na qual estamos inseridos, tem como prescrito para o sujeito, durante sua vida, a busca da felicidade, a busca da satisfação dos desejos. Mas exatamente por estarmos vinculados a um sistema capitalista, no qual a relação produção/consumo dita a norma e quase tudo acaba por se transformar em mercadoria a ser consumida, vive-se na angustiante dialética entre o ser e o ter.

Na perspectiva de Bauman (2009, p.12), a transformação dos mercados de bens em uma “estrada real para uma vida significativa e feliz” necessita ser repudiada em contrapartida à ideia de que os bens cruciais para a felicidade humana não têm preço de mercado nem podem ser adquiridos em loja. Desse modo, nas palavras do autor (p.12), fica evidente que aumentar a renda para adquirir esses bens representa um

ônus pesado sobre o tempo e a energia disponíveis para obter e usufruir bens não-comerciais e não-negociáveis como os que citamos acima [amor, amizade, prazeres da vida doméstica, auto-estima proveniente do trabalho, satisfação do instinto de artífice, etc]. Pode facilmente ocorrer, e frequentemente ocorre, de as perdas excederem os ganhos e de a capacidade da renda ampliada para gerar felicidade ser superada pela infelicidade causada pela redução do acesso aos bens que “o dinheiro não pode comprar”.

De acordo com o pensamento de Giddens (2002), no atual momento da sociedade em que vivemos o eu é constituído reflexivamente, ou seja, a constituição do sujeito está na ordem direta de sua relação mediada com o mundo. O autor pontua que as tendências globalizantes das modernas instituições transformam a vida social cotidiana e, conseqüentemente, afetam as atividades pessoais e a autoidentidade.

Atrelado a essa colocação, Giddens também pontua outro fator que interfere nessa relação reflexiva entre sujeito e sociedade: “A modernidade é uma cultura do risco” (2002, p.11). Sendo assim, os sujeitos estão envoltos em circunstâncias de incertezas e múltiplas escolhas quase o tempo todo. A escolha de estilos de vida com maior ou menor risco implica o sujeito ter uma aptidão para manejar estratégias capazes de lidar com a insegurança.

As viagens, desde longínquos tempos, sempre acompanharam o caminhar e o circular da humanidade. Em determinados períodos históricos pode-se pensar que a constituição da viagem no imaginário social tem maior ênfase por certas motivações. Sobrevivência da espécie, curiosidade, exercício da profissão, satisfação do prazer, busca do belo, da fé, sonhos de conquistas, desejo de aventura, encontro com o Outro, busca do desconhecido e tantas outras, mas, seja por qual motivação for, a viagem sempre remete a uma espécie de ruptura do cotidiano.

Atualmente a indústria turística (COHEN, 1984; URRY, 2001; SORENSEN, 2003) representa o veículo para ampliar as motivações para as viagens. Vendendo e estimulando o desejo de viajar, essa indústria propaga a viagem como realização de sonhos, encontro com a felicidade e vida paradisíaca. Postula o romper com o cotidiano numa dimensão imaginária ilusória que hoje possui forte valor social. Esse valor social comporta a dimensão de descanso (tempo fora do trabalho), de qualidade de vida (saúde, bem estar, alegrias), de ampliação do conhecimento (encontro com diferentes culturas) e a vivência do belo confortável (lugares com paisagens maravilhosas usufruídos com segurança e comodidade).

Todavia, não se pode pensar num mundo linear no qual apenas a força da coerção social exerça pressão. Sempre há contrapontos nos quais sujeitos que não compactuam

com esse pensamento movimentarão em força contrária, na busca de outra lógica para viver e numa maneira para transgredir o prescrito. Sendo assim, trago à tona a forma como os mochileiros viajam como outra forma de viajar diferente da propagada pela mídia na relação de consumo.

Nota-se que, mais do que conforto e segurança, os mochileiros buscam aventura e se pré dispõem a correr riscos (calculados). Querem entrar em contato com o diferente, mas não pagam por tal esse serviço, pois entendem que esse contato é inerente ao ato de mochilar. Eles também buscam a satisfação do desejo e da felicidade, como postulado pelas mídias, porém tendo como diferencial que essa satisfação é gerada pelo exercício da atividade que, para eles, representa um sentido além do massificado pela mídia, já que traduz um sentido pessoal de conquista.

Sendo assim, quando se fala de viagem de mochila, de aventura, não se fala de segurança absoluta. Muito pelo contrário, o que está em pauta é a insegurança, o risco. Parece que os mochileiros enfrentam riscos calculados, pois ao planilharem seus roteiros, ao pesquisarem sobre o lugar a que se destinam, ao verificarem as condições climáticas ou a situação política da localidade que pretendem visitar, minimizam os riscos e as possibilidades de insucesso da jornada. No entanto, a motivação vem do risco e ele tem como característica a impossibilidade de sua extinção. Desse modo, saber de sua presença e arriscar-se representa colocar à prova a capacidade de lidar com as incertezas e a capacidade de superação.

A concepção de risco vai modificando junto com a transformação das sociedades. A noção de risco apresenta elementos da subjetividade individual dos sujeitos - experiências vividas e constituição da segurança ontológica (GIDDENS, 2002) - aliada à construção simbólica e social de quais são “os riscos” do tempo/espaço em que se vive. Os riscos da atual sociedade contemporânea são muito diferentes do que se entendia como risco na época das grandes navegações, por exemplo. Naquela época, sair da Europa para chegar à América constituía uma aventura, muitas vezes, com final trágico, pois não havia conhecimento científico capaz de garantir uma viagem segura. Hoje, esse mesmo roteiro

acontece sobre a égide do lazer como uma viagem turística, um cruzeiro marítimo, vendido para desfrute e prazer daqueles que podem pagar pela “aventura”.

Todavia, essa segurança é ilusória. Basta lembrar Titanic e outros acidentes com transatlânticos. É claro que os avanços tecnológicos influenciaram essas mudanças. Entretanto, a própria tecnologia que, por um lado, traz a segurança em determinados aspectos (navegação segura, previsão do tempo, conforto etc), carrega em si uma imprevisibilidade das ameaças que também existem por esse avanço (usinas nucleares, armas biológicas, poluição etc). Os riscos mudaram, mas continuam exercendo forte influência na subjetividade social da sociedade contemporânea. Observa-se a força desse elemento, o risco, com maior clareza quando se verifica a securitização da sociedade. Hoje para “tudo” tem-se um seguro. E esse movimento de “assegurar” a si e aos bens materiais produz a sensação de insegurança que assola nossa sociedade e nossos pensamentos.

Mas colocar-se em risco voluntariamente também é testar a capacidade de lidar com as incertezas e a capacidade de superação. Nesse sentido, fica evidente que não há uma relação dicotômica entre risco e segurança. Já que se busca segurança diante da iminência do risco numa relação recursiva (MORIN, 1990)

Nas entrevistas percebi que a maioria dos entrevistados preferia mochilar em ambientes junto à natureza pela própria imprevisibilidade que esse ambiente propiciava. Atividades como montanhismo, acampar em cachoeiras, praias desertas e espaços pouco habitados faziam parte da preferência desse grupo.

A relação de satisfação e prazer apontados pela superação de algum “sufoco”, de alguma dificuldade passada, era motivo de orgulho para os mochileiros. Quando indagados sobre se já haviam passado por algum grande risco, todos tiveram muitas histórias para contar. Aqui selecionei alguns trechos para ilustrar os riscos e as superações vitoriosas.

Tac:

Em montanha. Em montanha você passa muita situação difícil. Muita situação difícil. Muita, muita e não é pouca não. Entendeu? De superação, de medo, condições adversas, porque nem sempre você encontra condições favoráveis. Em todos os sentidos. Você nunca vai à montanha sozinho, então você tá em

grupo, às vezes relacionamento é complicado... fisicamente cada um tem uma estrutura... porque não é fácil. Uma coisa é sair para caminhar um, dois dias; outra coisa é sair para montanha quatro, cinco dias... isso é muito difícil e por aí tem uma hora que também esgota psicologicamente. Mesmo com toda dificuldade. O prazer que você tem da conquista quando você faz um cume ...isso não tem "Mastercard". Isso não tem preço. Isso não tem preço. Você fazer o cume de uma montanha, chegar lá e dizer: eu consegui. É realizar o sonho.

#### Leve-leve:

Teve, teve vários. Mochileiro sempre passa por vários sufocos. Vou citar dois tipos bem diferente de sufoco. Um foi na natureza mesmo. Acho que foi a natureza mostrando ali para você: Oh me respeita! E tudo muito lindo, aquele céu azul um calorzão e de repente final de tarde aquela chuvinha fina com arco-íris continuava tudo lindo tiramos várias fotos. Só que de repente, você deve conhecer lá. E sabe que lá, o Ibitipoca e aquela região, é o lugar de maior incidência de raio do Brasil. Começou a cair uma chuva muito forte com muito raio. Muito raio, raio, raio final de tarde anoitecendo, chuva, tromba d'água e a gente de moto, eu de garupa com toda mochilada e aí não tinha muito o que fazer. Nós tavamos num buraco. Tinha que subir um morro e descia cachoeira na estrada, muito raio, cara. Foi a vez que eu passei um cagaço, tanto que o que eu fiz foi colocar o MP3 no ouvido no último volume, deitei na barraca e deixei.

#### Confúcio:

Toda mochilagem tem risco. Você pode se machucar, cair, encontrar com cobra, jaguatirica...mas o pior mesmo é o medo de encontrar com gente. Gente ruim. Que tá ali na maldade. Mas se você fica pensando assim você não faz nada, não sai, não vive. E a natureza te chama pra perto, eu não tenho medo da natureza, eu tenho medo dos homens. Então correr risco faz parte. Mas você se previne também. Sempre antes de escolher uma trilha, um caminho você pega informações, você procura saber. Inclusive das condições. Se o rio enche, se vai chover, se aparecem animais. No próprio lugar que você chega sempre vai ter um vilarejo, uma casinha, e você também já tem um mapa, claro. Eu nunca vou atrás de situações arriscadas, perigos escolhidos por querer uma adrenalina...mas o tempo todo eu sinto a presença do risco iminente. E ele também move porque você não tem certeza de nada. E a incerteza é o que dá o gosto da aventura, mesmo que no imaginário, o maior sufoco acho que foi uma tromba d'água em São Gonçalo, perto do Serro. Você conhece?

#### Megabit:

Quando você acampa em lugares pouco habitados é com você mesmo todas as decisões. Você tem que medir o tamanho do risco que aparece. Numa vez apareceu uma cobra rondando a barraca, parecia uma coral ela era linda, mas deixou todo mundo apavorado, o medo dividiu a gente. Ela fugiu, mas e se ela voltasse? Se a gente estivesse dormindo. Foi uma noite mal dormida, se é que alguém dormiu. Fizemos uma fogueira, colocamos focos de fogo rodando a

barraca, mas quem confiava? Uma vez também um colega torceu o pé. Estávamos há três horas de qualquer lugar. Ele não conseguia caminhar, o pé tava uma bola (o tornozelo), mas aí dividimos as coisas dele (éramos três amigos) e chegamos onde queríamos, já tava bem perto. Ainda bem. Ele ficou com o pé dentro do rio, a água era bem gelada. Voltamos no dia seguinte, ele sentia muita dor e ninguém tinha nada. Improvisamos uma atadura com camisa mas foi foda. Levamos umas cinco horas voltando. Chegamos exaustos, foi muito irado, mas não tinha outro jeito. Tínhamos que conseguir. Carregávamos o Pedro revezando o apoio dele. Era um dando força para o outro para ninguém desanimar. Quando chegamos em Mamanguaça estávamos “mortos” mas felizes por termos conseguido voltar. Foi muita superação, tiramos força do além. Garra mesmo. Sabe?!

Analisando as narrativas, remeto-me ao pensamento de Le Breton (1996), que corrobora para o entendimento do resgate do herói adormecido que todo sujeito possui. Ao aventurar-se em ambientes desconhecidos, os mochileiros transformam os obstáculos encontrados em uma plataforma de ascensão. A paixão pelo risco dá vida aos seus heróis interiores aguçando a capacidade de superação e buscando a satisfação traduzida em felicidade pela conquista. Segundo Bauman (2009, p.43), “se a felicidade pode ser um “estado”, só pode ser um estado de excitação estimulado pela incompletude”. Deriva daí o fato de nunca ficarmos satisfeitos e assim, após cada realização, a cada conquista, um novo sonho aparecer e a necessidade de satisfação ressurgir impulsionando novos movimentos.

Muitas dessas realizações que trazem a sensação de felicidade para os sujeitos mochileiros foram realizadas individualmente. Mas todo feito heróico só ganha a representatividade como tal quando avalizada pelo Outro. Portanto, não é uma surpresa a necessidade e o prazer que encontrei nos mochileiros em contar seus feitos.

Enquanto narravam seus “atos heróicos”, seus olhos brilhavam e seus rostos se iluminavam, ao recordar suas aventuras durante as entrevistas. A memória vai seletivamente buscando traços que pareciam apagados, mas que, num sopro de autoestima, iam se desvelando e, as lembranças, ajudando o sujeito a construir a imagem de si mesmo. Talvez contar a aventura, mais do que vangloriar-se pelo feito, seja uma possibilidade de reinventar-se dando sentido à própria existência.

Frente a isso, no próximo item discuto o sentido de estar só na experiência da mochilagem.

### 5.3 O sentido de estar só: a decisão ao alcance da mão

A capacidade de responder ao mundo de forma criativa e singular torna o sujeito responsável por suas escolhas. Parece que os mochileiros apresentam essa perspectiva quando se lançam a uma aventura. É a motivação para ser o construtor de sua história, é o desejo de se autoexpressar que aponta e decide qual caminho seguir. Nesse aspecto, fiquei surpresa quando constatei que os mochileiros preferem viajar sozinhos. Isso não significa que eles viajavam o tempo todo sozinhos ou que vivam a solidão. Pelo contrário, os mochileiros mostravam-se abertos à rotatividade de companhias. Durante os seus relatos demonstravam que, por muitas vezes, conheciam várias pessoas (mochileiras ou não) numa mesma viagem, que viajam juntas por um período de tempo ou percurso. Todavia, evidenciavam que não desejavam permanecer com a(s) mesma(s) pessoa(s) negociando decisões por muito tempo. Portanto a troca mostrava-se inevitável e a rotatividade inerente.

Para ilustrar essa afirmação trago algumas falas nas quais as preferências para viajar sozinho se revelam.

Leve-leve:

Olha 99% das minhas viagens foi sozinho. Sozinho. Eu acho até que seria legal viajar com uma companhia, mas a única vez que eu viajei com alguém [no caso uma relação afetiva] não deu muito certo, acabamos desentendendo durante a viagem. E aí eu acho que sozinho mesmo, para mim, é o ideal mesmo porque você ter 100% da tua livre escolha de fazer o que quer e refletir também. Refletir sobre tudo que você quiser. Você fica mais sozinho, você consegue pensar mais, refletir mais. Tomar decisão. A decisão é sua. 100% sua. Se você acerta ou você erra, se arrisca ou não arrisca, depende só de você. Então, hoje em dia, eu faço meu rolé sozinho, às vezes já conheci umas minas no rolé também, aí a gente fez um rolé junto por algum tempo, mas nada de deixar envolver muito na parte sentimental porque senão acaba atrapalhando os objetivos.

Tac:

E meu barato por muito tempo foi viajar sozinha, sozinha, eu não queria nem viajar com companhia. Claro que às vezes aparecia companhia. Quando eu atravessei do Norte do Ceará até Lençóis Maranhenses, lá tinham duas pessoas com perfil igual ao meu. A gente se adaptou, viajou um tempo junto...

### Confúcio:

Em algumas vezes [falando de quando mochila] eu tenho até fugido do outro, de certa forma, do outro no sentido humano. Mas sempre acontece [o encontro]. Principalmente quando você faz caminhada mais longa passando por vários lugares. Você sempre encontra “o outro” nas mais diversas expressões, nas mais diversas formas. Você sempre encontra um morador local, um morador rural com quem você tem contato para pedir uma informação ou outra e acaba esticando um pouco mais a conversa e conhecendo um pouquinho mais o lugar que você tá.

### Megabit:

Eu sempre viajo. Se eu tiver companhia melhor, mas isso não me impede, porque nem sempre seu amigo tem o mesmo tempo que você ou gosta do que você gosta, do jeitão da viagem, e pra viajar junto tem que ter afinidade senão ... Acaba que na maioria das vezes eu viajo é sozinho mesmo, mas eu não fico só. É muito difícil numa viagem você ficar só, só se você quiser. Você sempre encontra alguém para trocar uma ideia, dar uma dica de algum lugar na região. Normalmente quebradas que só mochileiros e moradores conhecem porque caminha muito e nem sempre por rotas conhecidas, sai do caminho convencional, se aventura. Mas decidir e seguir o seu instinto, o seu desejo, é muito bom. Caminhar por onde quiser e até onde quiser. Sem negociar com ninguém, você resolve.

### Safo:

A gente sempre encontrava alguém que conhecia alguém que você tinha conhecido [falando de encontros inesperados entre mochileiros que aconteceram durante a viagem à Europa que durou dois anos]. Lá encontrei dois brasileiros que foram muito bacanas e viajei muito com eles, um tempo com eles. Não todo o tempo, eu me separei deles porque eu também queria viajar sozinho, eu queria viver essa história sozinho e aí a relação ficava tipo marido e mulher, um saco, um regulando o outro, às vezes, um dava tipo um “piti”, falava: tá gastando muito nisso ou naquilo, e pelo amor de Deus você aqui [na Europa] para alguém ficar te controlando. E eu sempre fui muito independente nisso.

Na percepção dessas falas evidencio que o estar/permanecer só tem um caráter temporário da mesma forma que o estar/permanecer acompanhado. Essa relação aparentemente dicotômica traduz uma abertura para novas relações, para novas aprendizagens de convívio, mas também pontua o interesse no realizar só, no assumir o comando da própria vida arcando com os ônus e os bônus que possam advir. Representa



o sujeito em sua duplicidade existencial experienciando estados que se contrapõe e se complementam, ao mesmo tempo. Nesse sentido, torna-se inseparável a relação individual/social que demonstra a força reflexiva que uma tinha sobre a outra. Essa integração entre dimensões objetivas e subjetivas representa processos constitutivos de subjetividade concebida na complexidade (REY, 2004).

A necessidade de liberdade para agir que os mochileiros demonstram em sua atividade não era de modo algum “índice de uma ideologia individualista ou de qualquer narcisismo efêmero” (MAFFESOLI, 2001, p.69), mas sim uma capacidade para desprezar fronteiras nacionais, civilizatórias, ideológicas, religiosas, em busca de viver concretamente alguma coisa universal, o que Maffesoli chama de “valores humanistas” (p.70).

Pode-se inferir que a afirmação do sujeito por suas ações singulares “é um modo de escapar da solidão gregária própria da organização racional e mecânica da vida social moderna” (MAFFESOLI, 2001, p.70). Essa organização societal, para o autor, redundava na destruição do corpo social. “Essa dialética entre a solidão e a perda do indivíduo numa globalidade” (p.71) leva o sujeito mochileiro a buscar o encontro com seu ser original.

Estando livre das amarras sociais por tempo/espaço deslocados, por sentir-se outro em si mesmo, os mochileiros vivenciam uma religação com a natureza e o mundo social de forma particular. Esses encontros fortuitos possibilitados inclusive pelas novas tecnologias contemporâneas (celular, internet) propiciam ao indivíduo encontros ao acaso, que por não terem obrigatoriedade de duração longa (não significando ser menos sólida), permitem ao sujeito ultrapassar sua individualidade para unir-se à essência de uma relação de troca. Desse modo, por se sentirem passageiros, a circulação de sentimentos e das emoções possuem uma fluidez maior entre os mochileiros que se mostraram sujeitos mais abertos a interagir com o mundo, em sua diversidade, ao seu redor.

Sendo assim, no próximo item apresento uma possível percepção da representação dos hostels na dinâmica dos mochileiros.

#### **5.4 A coletividade singular dos mochileiros: (com)vivências em hostels**

No item anterior, os indícios de preferência em realizar a mochilagem só foram levantados. Todavia, quando se reconhece a complexa teia de possibilidades que uma atividade proporciona, seria imprudente defini-la como algo fechado e com comportamentos padronizados. Não estou aqui defendendo qual a melhor forma ou a mais utilizada, muito menos, a existência de uma só forma. Como pesquisadora, minha tarefa é apontar para além do que repete, mas também o que se diferencia, mesmo que possa parecer um paradoxo. O ser humano é complexo em suas relações e em suas atividades. Sendo assim, trago outro ponto de vista das formas como as relações se estabelecem e são vivenciadas por mochileiros.

Na percepção dos responsáveis pelos hostels, temos uma visão pautada por um olhar que observa uma parte da atividade dos mochileiros em um espaço de convivência coletiva, porém restrito ao público que ali se hospeda. Esse espaço apresenta variações de energia e de comportamento, no ambiente, impellido pela rotatividade de pessoas que ali transitam em suas idas e vindas. Desse modo, os mochileiros que se hospedam em hostel, diferentemente dos que acampam, permanecem em um espaço que propicia e configura uma convivência coletiva mais próxima.

Os hostels são hospedagens geralmente com preços mais acessíveis [por isso a fama de hospedagem de mochileiro] e que possuem quartos coletivos. Para ser considerado um hostel é necessário oferecer cinco pontos básicos para os hóspedes: segurança, higiene, conforto, hospitalidade e bom preço. Mas nem sempre esses cinco itens são cumpridos a rigor. A variação dos valores entre os quartos depende da quantidade de camas oferecidas em cada quarto e se possui banheiro “privativo”. Quanto menos leitos, maior o valor e, se tem banheiro no quarto, agrega-se valor. Todos os hostels possuem uma cozinha de uso coletivo, possibilitando que o hóspede faça suas compras e realize suas refeições com custos mais baixos.

Exatamente pelo uso de espaços coletivos é que temos nos hostels um ambiente de convivência muito forte. Tanto nos hostels nos quais entrevistei os responsáveis

quanto nos hostels em que me hospedei para realizar esta pesquisa, constatei que, além da cozinha como espaço coletivo, todos possuem sala de convivência [que é muito frequentada] e, pelo menos, um computador disponibilizado para uso coletivo.

Retornando à percepção dos responsáveis pelos hostels em relação à frequência, à sociabilidade e à atitude dos mochileiros em suas hospedagens, cheguei aos seguintes indícios. O primeiro é que os entrevistados acreditavam que a maioria dos hóspedes, que se hospedam em hostels, é mochileiro. Eles são assim identificados pelo tipo de bagagem que utilizam (mochila), por procurarem hospedagem com preço mais acessível e por desejarem [segundo os entrevistados] conviver com outras pessoas. Muitos dos mochileiros são estrangeiros, o que demonstra [já que pesquisei hostels no Brasil e na Argentina] que viajar para outro país é comum quando se trata de mochileiros.

Outra percepção recorrente entre os responsáveis pelos estabelecimentos é que os mochileiros escolhem os hostels para se hospedarem justamente pela possibilidade de sociabilidade que o espaço proporciona. É a motivação em conhecer pessoas, em trocar ideias e informações, em conseguir companhia para algum roteiro.

Uma jovem argentina de 25 anos de idade, responsável por um hostel em Paraty e que também é mochileira [é comum encontrar mochileiros “tomando conta” de hostels] e veio mochilando da Argentina até Paraty em 10 dias de muita aventura, apresentou a seguinte observação em relação a essa busca de sociabilidade dos mochileiros:

Aqui chega muito mochileiro, muitos são estrangeiros mais até que brasileiros. O que eu percebo é que as pessoas tão sentindo necessidade de reunir, de se encontrar...mas as cidades já não permitem muito isso. Todo mundo corre o tempo todo e não tem tempo para se ver. Então viajar e vir para um hostel é uma oportunidade de conhecer gente e de comunicar. Todo mundo quer conhecer outras pessoas. O hostel permite as pessoas se comunicarem cara a cara. Com os recursos virtuais (celular, internet, etc.) as pessoas não se encontram mais. Eu acho que tá todo mundo sentindo falta desse contato. Pelo menos as pessoas que escolhem ficar em hostel. O que eu vejo é que elas querem conversar, trocar. Aqui vira uma grande família. Todo mundo conversa, às vezes em várias línguas, mas as pessoas se esforçam para entender umas as outras e dá certo. Tem também muita solidariedade. Quem vem para cá tem o espírito de dividir, compartilhar...Então acontece muita coisa interessante nas relações. Às vezes tem também alguns estresses mas é muito pouco. A galera, na maioria, quer paz e leva bem as diferenças.

Verifiquei, ao longo dos vinte e cinco dias que me hospedei em hostel [tempo esse dividido em quatro hostels], que a troca de informações é intensa e a convivência é desejada pela maioria. A diversidade nas relações que se estabelecem proporcionava encontros que talvez não fossem possíveis se estivessem em outro espaço. O ambiente/espaço representava, de certa forma, um facilitador de encontros.

Em muitos momentos me senti num caldeirão polissêmico. Havia uma excitação causada pela diversidade, um calor emanado pelo desejo de troca e tentativas em tempo integral de entender e ser entendido. São pessoas de línguas, idades, opções sexuais e ideologias diferentes, procurando conversar e estabelecer vínculos. Dividindo gostos, compartilhando culturas, mediando diferenças e semelhanças. Esses vínculos, muitas vezes fugazes e efêmeros, mas que se realizam pela motivação do encontro com o Outro, pelo desejo em conhecer o diferente, pela experiência da alteridade, fazem a circulação de ideias e sentimento, gerando aprendizagens.

Outra questão também interessante em relação a esse tipo de encontro que acontecia durante as viagens era que o convívio com pessoas que não possuíam referência a respeito do passado do sujeito acabava por libertá-lo de uma necessidade de coerência e fidedignidade em seus discursos, o que permitia inventar histórias sobre ele mesmo, assumir novos personagens ao longo dos encontros que ocorriam nas viagens (URBAIN, 2003). Assim, não é possível saber onde começa a realidade e em que momento o sujeito reconstrói um discurso apoiado no que deseja, e não no que de fato seja.

Esta “imunidade do passado” não parece ter importância para os mochileiros, pois, numa relação furtiva entre desconhecidos, a dialogicidade aparece, já que ao mesmo tempo em que o discurso pode conter elementos do imaginário, ele pode, também, conter confissões de “pecados”, de sonhos, de frustrações e de desejos, expressando o que de mais singular habita no sujeito.

Pode-se pensar metaforicamente que um hostel se transforma “neste entre e sai de pessoas que se escutam e se confessam, como em um divã psiquiátrico, e a falta de laços efetivos gera um clima propenso para as conversas sinceras” (BRAGA, 2011, p.10).

Posso inferir que mochilar, seja na natureza ou na cidade, representa a liberdade de opção feita pelo errante. Representa ainda a motivação do sujeito que busca de um modo místico "a experiência do ser". "Essa experiência, e é por isso que se pode falar de mística, é antes de tudo comunitária. Precisa, sempre, da ajuda do outro. O outro pode ser aquele da pequena tribo à qual se aderiu, ou o grande Outro da natureza, ou de tal ou qual divindade" (MAFFESOLI, 2001, p.70).

Nesse mesmo sentido, a errância reintegraria a unidade do eu e da natureza, do eu e do outro. Restauraria conseqüentemente uma visão mais ecológica e menos racionalista e econômica do mundo. Poderia ainda afirmar que atividade de mochilar também representa para os mochileiros transformar o mundo no cenário para aprendizagens distintas e para a expressão da sua singularidade.

Diante disso, em seguida levanto questões do sentido da mochila para os sujeitos pesquisados.

### **5.5 O passaporte de sonhos: a mochila**

Roteiro pronto, mochila nas costas, hora de partir para a aventura. Quando indagados sobre o porquê da mochila, sobre o que esse objeto representa, mais uma vez esbarro com a ideia de liberdade. Essa liberdade caracterizada pela facilidade de mobilidade, pela possibilidade de ir e vir com maior desenvoltura. A mochila deixa as mãos livres, ela possibilita caminhar por terrenos diversos com mais segurança e conforto [subir montanha, andar na praia, atravessar rio, descer penhascos], permite pegar condução coletiva [ônibus, trem, metrô] com maior facilidade.

Confúcio:

É legal pensar que a mochila se diferencia da mala por uma questão substancial: a mochila fica junto ao corpo, entra em equilíbrio com ele, e permite que os movimentos dos braços, das pernas, da cabeça, sejam feitos com muito mais flexibilidade, mais liberdade do que a mala, que tem que ser arrastada. Acho que, por isso, a sensação da mochila nas costas é uma das que mais me empolgam: me vem logo a sensação de liberdade e possibilidade de me aventurar em algo novo.

A mochila tem também um significado forte de independência e identidade. Ninguém se identifica como um mochileiro se não tiver uma mochila. Nela os mochileiros carregam “tudo” que precisam para viver [pelo menos no tempo/espaço de duração da viagem]. E esse momento no qual cada sujeito escolhe qual é o seu “kit sobrevivência”, desvela-se o sujeito e sua relação com o mundo. Nesse aspecto, a identidade constitui um sentido de diferenciação e pertencimento do sujeito (MARQUES, 2001).

Na fala de Safo pode-se perceber o significado de ter uma mochila para esse sujeito.

Eu lembro da minha primeira viagem, eu tinha uns catorze anos, eu fui pra praia e eu tinha a ideia de liberdade quando eu ia para algum lugar sem a família. A praia era numa reserva, então era praticamente deserta e só ia a galera mochileira. E a mochila já tinha um simbólico muito grande pra mim, a mochila em si, porque na verdade eu tinha um protótipo de mochila, era uma bolsa tiracolo verde que eu ia para escola, mas eu queria uma mochila. Mais tarde eu consegui uma mochila e aí entra no processo de “ser um mochileiro”. A mochila tinha um imaginário muito bacana. Parece que você ficava mais bonito com a mochila nas costas.

De forma consensual os mochileiros revelaram que foi uma alegria o momento da compra ou o ganhar da primeira mochila. Para alguns ela [a mochila] veio num processo natural de quem vai viajar necessitando de mais mobilidade, mais liberdade; para outros, adquirir este objeto foi uma conquista do símbolo para tornar-se um mochileiro, a conquista de um desejo, de um sonho. E assim, pode-se inferir que a mochila representa o passaporte, a possibilidade do mochileiro embarcar nesse mundo de aventuras. Nas palavras de Confúcio, reproduzidas a seguir,

A mochila é parte do mochileiro. Não dá para sair sem ela. Nela você carrega todas as expectativas da viagem que você quer fazer. O que você escolhe para por na mochila depende da viagem que você escolheu. A máquina fotográfica sempre vai.[...] Minha mochila tá bem gasta e eu acho muito legal porque quanto mais surrada tá a mochila mais diz de você mochileiro, tem história sabe? Carrega as marcas traçadas pelos caminhos. É um troféu.

Percebi alguns elementos comuns carregados pelos mochileiros: Squeeze (garrafa de água térmica), lanterna, canivete, máquina fotográfica, barra de cereal e mapas,

sempre mapas. Algumas variações decorrem dependendo da escolha do roteiro. Se o roteiro é natureza, alguns elementos como pouca roupa, isolante térmico, comida não perecível e repelente são citados, já quando o roteiro é a cidade, guias turísticos geralmente fazem parte. Todos citaram a importância de se ter um “kit primeiros socorros”, mas nenhum deles carrega esse kit. Apenas um dos entrevistados pontuou que sempre leva seu remédio para sinusite, pois uma crise em uma viagem atrapalharia muito a aventura. Parece que apesar de saberem do risco inerente da atividade, os mochileiros não acreditam que irão precisar de algum medicamento, pois mais do que qualquer objeto necessário e/ou utilitário, a mochila carrega sonhos.

Outra representação interessante sobre a mochila é o status em relação ao estado de conservação. Os mochileiros se reconhecem e medem o grau de experiência de outro mochileiro pela aparência de sua mochila. Se a mochila é surrada, com aparência de velha, produz maior status entre os mochileiros. É um mochileiro experiente. Se a mochila é novinha e o dono apresenta muita “frescura” com ela, é sinal de que é um iniciante.

A ideia de carregar tudo que precisa dentro da mochila dá ao mochileiro uma segurança de sobrevivência. Procurando compreender como essa noção de segurança foi desenvolvida por esses sujeitos, destaco suas histórias de vida como constituição primeira da confiança básica como já foi pormenorizada no item 5.1. De todo modo, ressalto a emergência do sujeito nesse tipo de atividade no próximo item.

## **5.6 A emergência do sujeito no prazer de mochilar: transgressões e aprendizagens**

Nas últimas décadas do século XX e nesse início do século XXI, a sociedade contemporânea caracterizou-se pelo espetacular, pelos simulacros, pela supervalorização do belo e do consumo. Essa supervalorização do excepcional trouxe à tona a valorização do feito individual em primeira instância, que vem na tentativa de satisfazer os conflitos, as insatisfações, as angústias consequentes do embate travado entre as exigências feitas ao sujeito pela demanda social e as suas demandas pessoais.

Foi postulado ao sujeito que é preciso se destacar na massa. É preciso ser original e singular. Todavia, para ser diferente é preciso que se reconheçam as semelhanças. Nesse

ponto, é interessante perceber que ser mochileiro carrega uma subjetividade coletiva que espera determinados comportamentos do sujeito relacionados à liberdade, à determinação, à coragem, à “rebeldia” e à capacidade de gerir viagens com pouco dinheiro. Ao mesmo tempo, a indústria turística já percebeu nos mochileiros um nicho de mercado que pode ser fomentado e gerar lucros. Desse modo, já existe um rol a ser adquirido, de utensílios e guias especializados, para os que gostam de aventura e do “estilo mochileiro”. Portanto, compreender as tensões existentes entre ser mochileiro por um sentido pessoal não exclui as influências do status de ser mochileiro veiculado pela mídia e pelo valor social.

Diante disso, procuro levantar os indícios dos sentidos que essa prática tem para seus praticantes. Já que evidenciei em outros itens no texto os significados sociais e pessoais como liberdade, risco, aventura, experiência de alteridade, sede do infinito e etc. Sendo assim, pelo relato dos entrevistados que se segue, reconheço como elementos do sentido o romper, o negociar, o transgredir. Flash pontua:

Para mim é a sensação única de liberdade, de poder conhecer lugares maravilhosos escondidos por aí onde a “mão humana” ainda não tange. Aquelas paisagens imensas, exuberantes, perfeitas! Costumes, dialetos, diversidade. Como pode uma pessoa muitas vezes morar no seu país e ter hábitos tão distintos dos seus. É esquecer de todos os seus problemas. Saber que cada lugar pode ter o seu “canto feliz” sem precisar passar por cima de alguém, na preocupação de sempre juntar mais e mais dinheiro no sistema do capitalismo. O contato social vale muito mais que uma pseudorelação estabelecida pelas engenhocas tecnológicas que deixa o mundo desditoso.

Sabiá:

Pra mim, ser mochileiro se resume à seguinte frase: “mochila nas costas e pé na estrada”. A estrada me remete à viagem, mas não a qualquer viagem, e sim a um tipo específico que está ligado a desbravamento, à aventura, ao contato com algo novo, desconhecido - seja em termos de natureza (como trekking, por exemplo), seja em termos de outra cultura, outro povo, outro lugar, outro país. E a mochila dá o tom da experiência: a sensação de mobilidade, de desprendimento, de possibilidade, de liberdade mesmo. A mochila resume a ideia de que preciso de pouca coisa material para permitir a verdadeira viagem que consiste nas experiências mentais, emocionais e corporais de ter contato com lugares e pessoas diferentes.



Tac:

Para mim, ser mochileiro é ter dentro de uma mochila (confortável para carregar) o mínimo e o máximo de itens que necessito para minha segurança e higiene. Com essa mochila “botar o pé na estrada” pra conhecer novos lugares e culturas, saber mais sobre o mundo e suas possibilidades, e conseqüentemente, saber mais sobre mim e minhas possibilidades. Me permitir múltiplas vivências, com liberdade e respeito, a mim mesma e aos outros, desfrutando de experiências que me façam sentir inserida num todo, do qual faço parte e anseio conhecer, conceituar e vivenciar.

Uma expressão utilizada de forma recorrente pelos entrevistados é “colocar o pé na estrada”. Não é possível falar de mochileiro se não falarmos de viagem, pois mochilar tem como condição básica viajar de mochila. E o “estar na estrada” seja ela trilha, asfalto ou nuvens, é a condição para o sujeito seguir rumo ao desconhecido.

Por caminhos desconhecidos chega-se aonde ainda não se conhece. No caminho conhecido chego aonde já sei (COLON, 2004). Essa intrigante proposta que o desconhecido oferece ao viajante suscita o desejo por novo conhecimento. Nesse aspecto, Boaventura (1988, p.71) pontua que “todo conhecimento é autoconhecimento”. E o processo de autoconhecimento está ligado diretamente a um processo de aprendizagem inerente.

Quando abordo a categoria aprendizagem estou falando na perspectiva de ser e estar no mundo, na perspectiva de conhecimento que gera autoconhecimento. Para os mochileiros que rodam o mundo variando seus encontros e sociabilidades com culturas, ambientes e pessoas distintas, entre cidades de pedras e naturezas pouco exploradas, essa experiência de alteridade está diretamente relacionada à aprendizagem. Nessa maleabilidade necessária para conviver, respeitar e intergrar-se ao diferente, a sociedade modifica o indivíduo da mesma forma que o indivíduo modifica o social. Nesse aspecto, Simmel (1983) discorre sobre essa interferência em seu texto intitulado “O Estrangeiro”, no qual sinaliza a circulação de ideias, costumes e bens que todo e qualquer “forasteiro” traz e movimenta no saber local e com isso, o saber local se auto-organiza modificando-se e produzindo mudanças no individual. Essas mudanças ocorrem devido ao que ele

[Simmel] intitula de unificação da proximidade e distância, que permeia todas as relações humanas.

A vivência de aprendizagem representa uma marca muito forte entre aqueles que viajam de mochila. Durante as entrevistas e depois analisando os relatos dos entrevistados ficou evidente que esse caráter de ampliação do conhecimento dado pela experiência de viagem excitava os praticantes de mochila a irem cada vez mais além dos limites conhecidos. Ao ousarem transitar por universos ainda desconhecidos (mesmo que o lugar seja o mesmo; pois você nunca está do mesmo jeito no mesmo local em tempos distintos), os mochileiros se lançavam ao mundo buscando a própria reconstrução, pois como enfatiza Tim Ingold (1993), o conhecimento sempre passa por uma construção e transformação em uso. Aprender representa um aspecto integral da atividade em e com o mundo em todo momento.

Os entrevistados relatam que a aprendizagem, proporcionada pelas viagens de mochila, não poderia ser propiciada por nenhuma instituição social. Nesse sentido, nota-se uma valorização da experiência (prática e emocional) como veículo de aprendizagem. Para Bondia (2002), a experiência representa o marco da aprendizagem. “A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência [...] Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados” (p.21). Ao fazer esta afirmação, Bondia compreende que o excesso de informação inviabiliza a experiência, pois essa obsessão por um aumento da quantificação de informação, de opiniões, impede a experiência e faz com que nada nos aconteça, já que o tempo é investido na busca e não na vivência. Na fala de Leve-leve podemos ver essa afirmação claramente.

Às vezes eu trabalhava uns quatro meses, depois ficava um mês mochilando mais ainda de verdade [o mais ainda, se refere ao tempo que ele só podia mochilar nos feriados e férias]. Contato direto com a natureza. Conhecendo os picos. Acampeei muito selvagem, lugares que não tinha ninguém morando, civilização nenhuma, nenhum camping, nem nada, selvagem, selvagem mesmo. Às vezes com alguns amigos, às vezes sozinho também. Essa experiência de vida aí, para mim, sei lá, fortaleceu mais que qualquer curso e faculdade que eu já fiz até hoje. Eu comecei o curso de turismo mas não terminei na faculdade, e aí fiz o curso técnico e credenciei como guia credenciado na EMBRATUR/ cadastur – guia regional, nacional e América do sul - exerci a profissão uns quase 2 anos

mas resolvi ficar mais desapegado mais solto no mundo. Assim, eu aprendo muito mais.

Confúcio em seu relato também demonstra a natureza do aprendizado e o aprendizado pela natureza.

Entrar em contato com a natureza é se permitir conhecer, vivenciar, experimentar um outro ritmo de vida, o ritmo que seria o natural, mas que hoje é muito longe do que a gente vive nessa correria no dia a dia. A natureza tem um ritmo próprio, ela dita as regras que nós também fazemos parte. Mas por causa da arrogância do homem ele acha que pode controlar a natureza. A simplicidade é o elo de contato. Você fica introspectivo, você vê como você precisa de menos coisa para viver. Hoje tem muita coisa que você tem que ter pra viver. Por exemplo celular...eu acho ótimo quando ele não pega na trilha. Não precisa. Você tá curtindo a paisagem...a natureza e aí toca aquele som...alguém querendo saber cadê você... e você tá longe, tá curtindo...Eu gosto mesmo dessa convivência comigo mesmo. A gente vai descobrindo as fraquezas e reconhecendo a força que se tem. Para mim cada vez que eu saio para uma trilha é um momento de encontro comigo mesmo. De fazer assim: uma análise de como tão caminhando as coisas. Uma reflexão. Eu não paro e fico pensando, é natural, é durante o caminho, no mergulho, no risco que eu vou me encontrando comigo mesmo. Isso é muito gratificante. A natureza me permite esse contato.

Segundo Ingold (1993), o conhecimento e a aprendizagem se encontram distribuídos por toda a estrutura complexa de pessoas que agem no cenário e se sustentam nas relações entre elas. A aprendizagem não é um processo separado nem um fim em si mesma. Ao contrário do que pontuam as ciências tradicionais positivistas, o aprender não é um processo contido na mente do aprendiz e ignorado do viver no mundo ratificando a dicotomia mente e corpo. A aprendizagem necessita da experiência, da vivência, do contato, do estar em relação. Se em muitos casos o aprendizado aparece sem esforço [o que as instituições sociais rejeitam] é porque em algum sentido ele é invisível/silencioso, não necessitando de uma organização padronizada para acontecer.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requerem um gesto de interrupção, gesto esse que é quase impossível nos tempos que correm devido às obrigações sociais. Então, essa interrupção, essa quebra de rotina, esse aventurar-se no mundo em busca de experiências, fazem do mochileiro um transgressor

do sistema. Alguém que busca alternativas para viver de modo menos massificado pela prescrição das normas sociais.

Frente a isso, torna-se necessário discutir as imposições do sistema capitalista para se adquirir uma felicidade prevista, as quais os mochileiros transgrediam. Pontuo também como que os mochileiros representam essa busca de felicidade através de suas práticas e a necessidade de transgressão do sistema para que a meta, tão subjetiva, faça sentido para os sujeitos e possa construir um significado mais social relativo ao viajar de mochila.

O sistema capitalista, no qual a sociedade contemporânea está inserida, tem como lógica a relação produção/consumismo. Não a produção/consumo que sempre existiu no desenvolvimento da humanidade como possibilidade de troca e circulação, mas a relação excesso de produção para um aumento do consumo, gerando a necessidade do aumento de produção e, conseqüentemente, uma necessidade no aumento do consumo. Trata-se de um fenômeno circular e linear, uma lógica que se autoalimenta ou como se pode perceber se autoconsome. Segundo Max Weber (1967, p.33), “o homem é dominado pela produção de dinheiro, pela aquisição encarada como a finalidade última de sua vida.” Essa perspectiva da venda da força de trabalho humano por dinheiro ilude o sujeito ao alcance do sonho de consumo que o levaria em direção ao alcance de uma felicidade ditada pelos valores sociais vigentes. “A íntima correlação entre crescimento econômico e maior felicidade é amplamente considerada uma das verdades menos questionáveis” (BAUMAN, 2009, p.8). Essa ditadura do que é ser feliz, composta por bens que se deve possuir ou status que se deve alcançar, afastou o sujeito das coisas que fazem a vida valer a pena e, desse modo, o que vale a pena é aquilo que faz sentido para o sujeito, porque “os bens cruciais para felicidade humana não têm preço de mercado nem podem ser adquiridos em lojas”(ibdem, p.12). Conforme salienta Kant (1981, p.27, *apud* BAUMAN 2009, p.40), o conceito de felicidade “é de tal modo indeterminado que, embora todos desejem atingi-la, não podem, contudo, afirmar de modo definitivo e consistente o que é que realmente desejam e pretendem”. Sendo assim, dedico um item à parte que trata das transgressões produzidas pelos mochileiros, nesse contexto.

### *5.6.1 Transgressões ao sistema: possibilidades de (sobre)vivências*

Como pontuei na metodologia da pesquisa o fator basilar para o sujeito participar desta investigação sobre mochileiros é ele se reconhecer como tal. Não sou eu quem qualifica o sujeito, mas ele próprio segundo sua convicção e seu sentimento de pertencimento a esse grupo.

No percurso de minha pesquisa foi possível distinguir dois tipos de mochileiros que se diferenciavam pela forma como usufruíam da atividade. Há mochileiros que praticam suas viagens de mochilas em tempos programados realizando uma ruptura temporária de seu cotidiano para restabelecer o equilíbrio emocional - férias, fim de semana, feriados, licenças etc. Outros vivem mochilando e, de vez em quando, se fixam temporariamente para restabelecer um equilíbrio econômico.

As duas formas da atividade propiciam uma ruptura com o sistema capitalista vigente. Percebe-se mais uma vez a tensão entre o ser e o ter na vida dos sujeitos.

Na primeira forma descrita, o rompimento parcial representa uma maior segurança porque não desliga o sujeito do sistema, simplesmente o afasta, já que, vencido o tempo da viagem [seja ele qual for], o sujeito se reintegra em sua rotina diária. O sujeito vive uma suspensão de tempo/espço no seu dia-a-dia. Nessa suspensão, ao sair a vagar, encontra com seu eu religando aquilo que o social se incumba de massificar- a expressão do sujeito. Na segunda maneira de fruição, o sujeito já rompeu com a forma e os valores prescritos para ser “bem sucedido” (trabalho, casa, família, bens de consumo etc.), mas como não é um sujeito marginal (apenas escapa do modelo convencional), em determinados momentos, ele precisa reintegrar-se ao sistema para dele não ser banido. Então, ele cria estratégias para (sobre)viver, inclusive, ganhar dinheiro.

Não se pode ocultar a condição socioeconômica desses sujeitos, que pertencem à classe média e à média alta. No entanto, essa condição de classe também revelou questionamentos evidentes de insatisfação com um sistema massificador e produtor de vidas artificiais.

Muitas vezes nos relatos que ouvi, os mochileiros se vangloriavam da astúcia que lhes foi exigida para (sobre)viverem e isso independentemente se mochilavam por um

período determinado ou viviam mochilando. A capacidade para transgredir o prescrito e criar uma forma que possibilitasse a superação da insegurança (fome, frio, medo etc) exigia dos mochileiros atitudes audaciosas e propositivas. Nessa hora o sujeito emerge com a força do herói e a coragem do guerrilheiro. Nas palavras dos mochileiros vêem-se as transgressões e as criações.

#### Leve-leve:

Quando eu trabalhava regularmente eu mochilava nos fins de semana, feriado, férias, qualquer tempo que dava ou então, eu dava um tombo<sup>36</sup> para conseguir o tempo. Até que não aguentei mais. E quando meu avô morreu, aí eu fui pro mundo. Larguei tudo. Não aguentava mais aquela vida igual todos os dias [o entrevistado trabalhava junto com seu avô no comércio relativo a fotografias].

#### Safo:

E todas aquelas história que os pais falam que se você não fizer isso ou aquilo, se você não conseguir isso, você não vai ser ninguém você vai ser um “fudido” [se referia a formação profissional que “garantiria” um futuro promissor]. Então ser mochileiro você defronta com um futuro de incerteza. É isso que dava uma sensação muito bacana. Parece que você tinha que sobreviver em uma situação extrema. Isso dava segurança pro futuro. E naquela pedra eu pensei assim [estava sentado em uma pedra de frente para o mar num acampamento]: se tudo der errado eu volto para cá. Ali eu sobreviveria. É uma sensação muito bacana que eu levei pro resto da minha vida [o entrevistado falou isto porque no lugar em que ele estava, ele tinha organizado uma forma de sobrevivência por meio de trocas. Trocava a força de puxar a rede de pescadores por peixes, estava num lugar que tinha muita árvore frutífera e etc]

#### Banana:

Desde que eu deixei o Brasil [são cinco anos] eu vivo viajando com minha mochila e meu violão. É muito bom saber que eu vivo bem sem precisar ter carteira assinada, salário regular. Músico não combina com escravidão. Músico gosta de criar e de tocar. Quando você assina um contrato parece que você vende a sua alma para seu patrão e não só o seu trabalho. Agora por exemplo eu tô aqui em Rosário tocando nas ruas [aqui o movimento cultural nas ruas é muito grande] e tomando conta deste hostel na parte da tarde. Enquanto tiver fluindo eu vou ficando. Quando ficar ruim eu saio fora. Já tô pensando em ir para Madri, por causa da língua e da cultura. É um plano.

---

<sup>36</sup> “Dar o tombo” é uma expressão coloquial que se refere a conseguir de forma ilícita, mas não declarada, a possibilidade de se ausentar da obrigação, no caso, se ausentar do trabalho.

**Megabit:**

Eu trabalho com análise de sistema. Eu fico confinado numa sala pequena, às vezes em casa também, na frente do computador por horas a fio. Quase não vejo gente, aliás nesse ambiente não me faz falta, pois minhas conversas são virtuais. Resolvo os problemas pela rede. Sou conectado com o mundo. Meu trabalho me dá uma boa remuneração, mas me suga. Tem dias que eu saio que nem sei direito para onde vou. Tenho o mundo na minha tela e não tenho um amigo ao meu lado. Pareço um ciborg. Eu não tenho muitos amigos. Tem época que jogo tudo para cima e saio, simplesmente saio. Meu chefe já sabe que não adianta mandar eu ficar senão eu peço demissão. É meu tempo, sabe? Quando fico assim, eu preciso da natureza. A natureza ditando o ritmo. Preciso da beleza da natureza, do tempo da natureza, do cheiro da natureza. Quero encontrar com pessoas locais e conversar sobre coisas simples como tempo, vento, maré. Quero respirar a simplicidade que eles vivem e são felizes. Quero me sentir humano.

**Safo:**

O princípio era viajar barato. Então pegar trem sem pagar não dava, o controle era forte. Aí no começo eu tinha o europass, mas foi acabando os pass e o dinheiro e nós, não, eu comecei a falsificar europass e isso foi fantástico, deu uma liberdade! Porque basicamente se viajava a Europa de trem. Eu pegava o europass, e tinha um negócio chamado “kit europass” e eu estudei desenho, fiz CEFET, né, e conhecia bastante de grafite, de borracha, de decalque, trabalhava com estilete, comecei a comprar uns lápis de cor super bons para fazer aqueles desenhos em papel moeda, lápis, borracha bom também, e fiz também carimbo de batata com estilete para trabalhar no europass. A partir dali, só viajava de trem no inverno, foi muito bom. A gente não pagava mais. E sempre quando a gente encontrava alguém ia passando o jeito de fazer. Aí virou uma febre, todo mundo viajava de trem. E no verão era ao contrário a gente queria viajar de carro, porque a gente viajava de carona. Tinha um esquema bacana de viajar de carona.

O mesmo sistema que engessa também abre brechas para aqueles que conseguem perceber a oportunidade e não se fixam no convencional. A arte de viver de forma alternativa, às vezes, tensiona e, às vezes, utiliza da mesma lógica do sistema de produção/consumo valendo-se dos mesmos artefatos que a mídia produz e a sociedade valora.

**Leve-leve:**

Nossa eu passei um perrengue muito grande foi na Ilha Grande. Porque eu trabalhei um tempo num lugar e tomei um balão do cara ele não me pagou e eu já tava contando com dinheiro para pagar camping, que lá tinha que pagar camping tinha que pagar comida também. Foi complicado. Foi onde eu conheci um baiano. Era mês de dezembro, festival de forró, a ilha tava bombando. E no camping que eu tava tinha esse baiano que fazia mandala de arame. Ele me ensinou a produzir mandala. A gente produzia durante o dia e vendia a noite na frente do forró. Não sei se você já viu aquelas mandalas de arame que você pega uma garrafa de cerveja e tira o molde dos arames e depois vai trançando. Faz várias posições com ela. A gente vendia lá. Foi o que me salvou legal naquela semana, essa mandala me salvou. Salvou lindo mesmo. Consegui pagar o camping, consegui comer legal, até eu desenrolar outro trabalho. Foi um perrengue comum pra quem tá na estrada mochilando.

Safo:

Então, foram várias ideias [falando do que faziam para sobreviver na Europa] e nenhuma delas era muito simples. Então por exemplo, surgiu uma vez um Baiano, que sabia fazer umas pulseiras, então eram pulseiras de fio e ele ensinou pra gente. E a gente começou a fazer pulseira, ia ganhar muito dinheiro. Só que a gente descobriu que era melhor dar as pulseiras de presente e ganhar alguma coisa em troca, do que vender propriamente dito. E esse esquema da pulseira durou pouco. E aí chegou o verão e com aquelas mesmas linhas nós fomos fazer trança na praia, tererê, e aquilo rendeu muito dinheiro. E depois nós evoluímos, fomos fazer umas ferramentas, um dos brasileiros o Marcelo Otávio, filho de um jornalista da folha de são Paulo, estudou filosofia na USP, ele sempre aplicou muitos livros bons na gente, e a gente tinha muito tempo, né. Ia pros parques, ficava em baixo das árvores, ficava batendo papo e lendo. Foi a época mais linda da minha vida. Deu gosto pela leitura. Viajava de trem e lia. Aí o Marcelo aplicou uma história meio zen, porque tinha uma onda zen. Na verdade éramos oportunistas. Surgiu uma onda exotérica então entramos com uma onda de massagem. Então, você deve conhecer porque hoje é muito popular, eram 4 bolas de fazer massagens nas pessoas e aí nos compramos umas esteirinhas, arrumamos uma roupa branca e íamos fazer a massagem no parque. Era muito engraçado. Todos nós tínhamos 20, 21 anos. Nós tínhamos uma maturidade muito grande. Havia um clima exotérico. E nós cobrávamos pela massagem e vendíamos o massageador. Era muito engraçado. O custo do massageador, numa moeda virtual, seria assim: custava 1 e vendíamos por 18. Então compramos as ferramentas. Era muito fácil o acesso às ferramentas. Compramos a serra tico tico, uma furadeira, as ferramentas para fazer os rolinhos. Aí a gente conhecia uma menina e pegamos o terraço dela para fazer de oficina, e ficamos produzindo lá. Quando caiu de moda o lucro já tinha sido tanto que já tinha pagado tudo e a gente mudava. [Perguntei quanto tempo tinha durado essa atividade] Ah..todo um verão. Ganhamos muito dinheiro nesta época.

Ser mochileiro e enfrentar as incertezas representam uma condição aos que se arriscam nessa aventura. Ser maleável, flexível, capaz de lidar na fluidez da



contemporaneidade é uma alternativa para não se quebrar e nem se perder diante da rigidez. Como pontua Bauman (2010, p.22),

Antes um projeto para a vida toda, a identidade agora se transformou num atributo momentâneo. Uma vez planejada, não é mais “construída para durar eternamente”: precisa ser continuamente montada e desmontada. Cada uma dessas duas operações aparentemente contraditórias tem a mesma importância e tende a ser igualmente absorvente.

Portanto a identidade mochileira já traz embutida em seus sentidos e significados a ausência de contornos rígidos, de atitudes esperadas, de comportamentos regulados. O prazer que identifiquei nos mochileiros em fazer diferente estava ligado à emergência do sujeito que contesta o prescrito, mas também à emergência de um sujeito que precisa do outro para ser reconhecido. Essa identificação, então, se “concentra estritamente na auto-criação, na auto-afirmação e no auto-fortalecimento” (BAUMAN, 2010, p.28).

Como “a descontinuidade e a ruptura são as marcas inconfundíveis da experiência transgressiva” (JODELET, 1998, p.49), pode-se intuir corroborando com Szpacenkopf (2002, p.42) que

A transgressão é um movimento que pode nos aproximar do criativo e do inovador, precisa desamarrar-se do conhecido para fazer surgir o que ainda não pode ser pensado, ou mesmo o que foi pensado e recusado. Transgressão auxilia a avaliar e demarcar novas fronteiras e descobrir novos territórios. Transgressão implica coragem para ultrapassar linhas divisórias, sobretudo quando se tem alguma garantia de volta, ainda que uma volta sempre diferente. Transgressão é a possibilidade de humor, quando se deixa cair o pudor que envolve o proibido.

Enfim, para compreendermos a recursividade complexa que a atividade de mochilar possui na relação da transgressão com a emergência do sujeito, é importante compreender, como pontua Bataille (1980), que a transgressão não é a negação da proibição, ela a ultrapassa e a complementa.

Desse modo, no próximo item, discuto possíveis tensões relativas a mochilagem, lazer e transgressão.

## 5.7 Lazer e Subjetividade: uma perspectiva constituinte para o sujeito

Neste capítulo me propus a discutir a atividade de mochilar como uma constituição pessoal e subjetiva de sujeitos que, ao longo da vida, foram fazendo escolhas para que de alguma forma seu “eu” se tornasse presente e ativo. Essas escolhas mostraram-se tensionadas em uma sociedade fluída e diluída diante de um sistema homogeneizante e globalizado.

Nesse sentido, a discussão sobre representação que o lazer possui na vida dos sujeitos mochileiros revelou uma complexa teia de tensões sobre as quais tentei refletir ao longo deste trabalho. Percebi que Mochilar representa uma dinâmica de lazer que se constitui por uma forma de viajar que tensiona o modelo hegemônico de viagens turísticas. Mochileiros não utilizam pacotes de viagens e procuram organizar seus roteiros de forma mais autônoma. A pesquisa desvelou que para além de uma prática alternativa de viagem ser mochileiro representa um estilo de vida.

Por um lado, a força que a sociedade impinge em estabelecer padrões e parâmetros para a realização do lazer e das viagens de lazer apresentou uma perspectiva linear e prescritiva. Por outro lado, a mesma força pode revela-se como força antagônica, no campo de estudos do lazer que reconhece essa atividade como constituinte de um sujeito ativo, recreativo, que integra a dimensão cultural e a construção de sentidos e significados para os sujeitos que o usufruem, mantendo assim, constante tensão com as outras esferas da vida humana - família, trabalho, religião etc. Sendo assim, a prática da mochilagem possibilita o reconhecimento de uma fruição de lazer que valoriza o sujeito produtor de sentido diante de um contexto histórico-cultural próprio, questionando tentativas que buscam reduzir o conceito de lazer a visões essencialistas.<sup>37</sup>

Corroborando com Boaventura (1980), destaco a impossibilidade de encapsular essa experiência humana como se fosse única, pois a imensa diversidade de experiências sociais revelada por esses processos não pode ser explicada por uma teoria geral. Sendo

---

<sup>37</sup> Doutrina filosófica que confere, contrariamente ao existencialismo, o primado à essência sobre, chegando mesmo, em suas reflexões a fazer total abstração dos existentes concretos. Trata-se de uma filosofia do ser ideal, que prescinde dos seres reais (JAPIASSU, 1993, p.88).

vinculada à subjetividade do sujeito e à sua constituição histórico-cultural, devemos então reconhecer que haverá tantas práticas de lazer quanto pessoas ou grupos sociais existentes.

A interdependência indivíduo-sociedade na constituição da subjetividade demonstra que o processo de recursividade é inerente a essa configuração. Sendo assim, a fruição de lazer não tem um sentido e significado únicos. Essa fruição altera conforme a dinamicidade do sujeito na trajetória de sua história de vida. Esse processo complexo vai sendo desencadeado por dimensões que perpassam pela idade, pela educação, pelas experiências de aprendizagem, pelas relações de poder diante o sistema vigente, pelas condições afetivas, pelas relações mediadas com os outros. Enfim, muda segundo as diferentes condições da cultura e da sociedade que o sujeito vivenciou e vivencia.

Neste ponto estabeleço uma conexão com as relações entre cultura, sujeito e subjetividade que integram e estabelecem processos de recursividade (REY, 2003), necessitando ser compreendidas, no intuito de evidenciar práticas que, de certa forma, transgridem um modelo hegemônico de experienciar o lazer - no caso particular, as viagens. Desse modo, pude constatar durante essa pesquisa que os mochileiros compreendem sua atividade de viajar como uma fruição de lazer para além da perspectiva de autonomia decisória, pois estabelecem com ela (a viagem) um momento pessoal de encontro consigo mesmo e uma possibilidade de expressar seu eu. E esse eu, em alguns momentos, necessita ser transgressivo para se fazer presente.

Quando indagados se mochilar era uma prática de lazer na concepção deles (mochileiros) e o que pensavam sobre o lazer, obtive respostas que me ajudaram muito a compreender a tensão gerada pela experiência de viagens e pela ideia de lazer, como se observa nas palavras dos entrevistados a seguir.

Tac:

É lazer! É lazer e é também adquirir conhecimento. Quando você vivencia, vai para lugares assim, que você vivencia a cultura do lugar, que você tem ali oportunidade de vivenciar o lugar, eu acho também que além de lazer é um pouco também de aprendizado, um pouquinho de educação. Você aprende.[...] Isso não tem muito haver com o tempo que eu tenho para ter lazer. Lazer para

mim é fazer aquilo que eu quero, fazer na hora que eu quero sem ter preocupação com o tempo, sem ter...é fazer alguma coisa que eu gosto, que eu tenho prazer. Fundamentalmente lazer para mim tá relacionado com prazer. Satisfação. Prazer mesmo. Tem mais a ver com isso do que com o tempo que tenho.

Leve-leve:

Eu acho que lazer é a parte mais gostosa da vida da gente, sem dúvida. E quando eu tô mochilando eu vivo praticamente 24 horas de lazer e talvez por isso que eu seja tão feliz mochilando. Lazer, eu sempre valorizei muito esse lado do lazer, entendeu? Quando eu trabalhava com regras e tal dentro da sociedade sempre gostava no final de semana ter minhas horas de lazer, dar meus rolés de bike, desligar do mundo e viver o que pra mim é o lazer. Que é isso. Para algumas outras pessoas pode não ser. Cada um... acredito que tenha sua felicidade de um jeito, um caminho, mas pra mim lazer é igual eu te falei, é a melhor parte do dia, da vida da gente e mochilando é 24 horas de lazer, sem dúvida, da hora que você acorda até a hora que você dorme você tá vivendo momento de lazer.

Flash:

Bem, nunca pensei exatamente sobre isso, mas acho que é lazer sim. Claro que é. Mas não é só lazer, pensar que toda a experiência vivida numa viagem de mochila é puro lazer é reduzir toda uma experiência de vida a momentos de prazer e acho que não é bem assim, a convivência com várias pessoas, o aprendizado pelas situações adversas, em tudo você aprende muita coisa, eu acho que não é só lazer tem muito benefício também. Eu encaro com esses dois lados: que é um lazer mais alguma coisa que me ensina bastante coisa também.

Banana:

Mochilar para mim é um modo de vida. Um modo de vida prazeroso, que me permite ter lazer na medida que a vida vai acontecendo. Eu não paro minha vida para ter momentos de lazer. Eles vão acontecendo na própria vida, no movimento das coisas, das pessoas, do astral que você tá. Sem distinção de tempo. Muitas vezes um trabalho é também um lazer para mim. E às vezes o que é lazer para o outro, tipo quando tô tocando para o público, pode ser trabalho para mim e não lazer. Tudo depende do meu estado de espírito pra fazer acontecer. Mas eu acho que quem é mochileiro deseja estar em contato com o lazer mais tempo. Quer tá fora das regras, entende?

Nesses trechos pontuados e na análise das outras entrevistas, pude perceber que esses mochileiros encaram o *vaiar de mochila* como uma fruição de lazer por possibilitar escolhas pessoais e pelo aspecto “prazeroso” que a atividade possui.

É interessante notar que mesmo denominando como prazerosa a prática da mochilagem, pode-se perceber que esse “prazer” não está vinculado somente a boas emoções experienciadas, mas sim a vivências de emoções distintas como se observou nos relatos das várias situações adversas que os mochileiros vivenciaram em suas aventuras. Sendo assim, procurei compreender em que dimensão da experiência poderia o lazer está vinculado.

Corroborando com Gomes e Elizalde (2012) tem-se na vivência lúdica a capacidade dos sujeitos “de elaborar, aprender e expressar significados [...] sendo marcada pela exaltação dos sentidos e das emoções: mesclando alegria e angústia, prazer e conflito, relaxamento e tensão, satisfação e frustração, liberdade e concessão”. Essas tensões dialéticas e dialógicas foram verificadas como pertencentes às viagens de mochila.

Seria, então, a ludicidade um elemento ontogênico constituinte do lazer? Segundo Gomes e Elizalde (2012, p. 82) “o lazer é constituído na articulação de três elementos fundamentais: a ludicidade, as manifestações culturais e o espaço/tempo social.”

Na atual pesquisa verifiquei que esses elementos se articulam mediados pela interação dos sujeitos no mundo. Cada sujeito a sua maneira, com sua história de vida, pertencentes a diferentes grupos sociais, tem no encantamento da prática da mochilagem a fruição de lazer com todas as tensões e transgressões que nela possam existir.

Todavia, me chamou a atenção o fato de vários mochileiros entrevistados destacarem que mochilar não é exclusivamente lazer necessitando acrescentar alguma “qualidade” nessa prática, como aprendizagem, como experiência de vida, como ampliação da cultura etc.

Desse modo, posso inferir que apesar dos avanços acadêmicos nos estudos do campo do lazer, que permite compreender o lazer como dimensão humana, ainda hoje, muitas pessoas compreendem o lazer por uma visão desprestigiada e reduzida a diversão, a passatempo, a entretenimento e a utilização do tempo livre. Percebe-se desse modo, a existência de uma força coercitiva social que numa escala de valores “desejáveis” para um bom funcionamento da sociedade empurra o lazer para baixo na escala hierárquica. Sendo assim, parece que os mochileiros, fruidores de um lazer constituinte do sujeito pela

subjetividade da sua própria constituição, desejam angariar mais qualidades reconhecidas socialmente em sua prática. Possibilitando assim, valorizar de forma enfática sua atividade.

Nesse ponto da necessidade de ter reconhecimento do valor da prática observo que mesmo sendo sujeitos que procuram romper com o prescrito pelo sistema, em alguns momentos, o sistema acaba por abarcá-los. É nesse sentido que reafirmo o sujeito como complexo, dialético e inacabado, tendo sua vida mediada pelo estar no mundo, ora transgredindo o sistema, ora compactuando com ele.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa realizada com mochileiros produziu uma mudança radical perante o olhar mercantilizado encontrado em outras pesquisas acerca dessas práticas como foi verificado na revisão bibliográfica realizada, para centrar-se na dimensão da experiência humana e das relações estabelecidas pelos que assim viajam.

Trata-se de um estudo situado na contemporaneidade. Para o entendimento deste tempo social utilizei como aporte teórico autores como Giddens, Sahlins e Bauman, entre outros, que em suas obras se propuseram a refletir sobre a tensão que o sujeito contemporâneo vive na relação indivíduo/sociedade.

O sistema capitalista mantém prescrições conferidas ao ser humano por meio da lógica de produção/consumo que explora a força de trabalho, mas acima de tudo impõe metas de felicidade vinculadas ao poder econômico. A felicidade passa a ser comercializada como um produto, um ideal a ser conquistado.

Nesta lógica, tem-se um sistema que busca massificar os seres humanos com propostas homogeneizantes que acabam por anular a singularidade dos sujeitos. Porém, não se pode perder de vista que a edificação das relações sociais não são lineares, pois são mediadas por aspectos históricos-culturais complexos que produzem singularidades. Forças divergentes e antagônicas se tensionam e se complementam na medida em que a vontade individual confronta forças coercitivas de caráter social. Esse tensionamento representa um paradoxo constitutivo do ser humano. Por um lado a liberdade individual, ou seja, a capacidade de cada sujeito escolher arbitrariamente o que lhe é mais útil e interessante, seguindo sua própria preferência, independentemente dos demais; e por outro lado o imperialismo da obrigação coletiva que reflete as normas e valores sociais interiorizados e as repressões psicológicas sofridas (MAUSS, 2003).

O percurso de individuação do sujeito se processa concomitantemente na sua relação com o mundo. Para manter uma sustentação epistemológica para este entendimento, apoiei-me no diálogo entre a Teoria Histórico-cultural e o Pensamento Complexo, que se interligam por compreenderem que a constituição da subjetividade do

sujeito tanto quanto a construção de seus sentidos e significados está atrelada a intrínseca relação indivíduo-sociedade. Desse modo, entendo que essa mediação representa a dinâmica complexa de um processo formador e auto-regulador da subjetividade.

Nesta pesquisa, aponto a atividade de viajar de mochila como um lazer constituinte de um sujeito que procura romper, de certa forma, com o modelo hegemônico socialmente vigente para viagens e principalmente viagens de lazer.

O mochileiro é reconhecido nesta investigação como sujeito de sua atividade, um sujeito ativo. Sendo assim, ele procura a possibilidade de agir, de superar o prescrito, de transgredir, de experimentar suas escolhas em direção à realização de projetos pessoais assumidos, permitindo assim a emergência de um sujeito que é único e irrepetível (REY, 2003; 2004).

Este estudo teve a intenção de desvelar os sentidos e os significados que a prática da viagem de mochila possui para os mochileiros. Para isto, foi preciso investigar a subjetividade constituinte do ser mochileiro. Corroborando com Rey (2004), percebo que a subjetividade representa uma experiência própria do sujeito histórico que é continuamente reconstruída pelas ações dos sujeitos nos diferentes cenários sociais em que atua.

Dessa maneira, adentrei nos campos de estudos da antropologia, da sociologia, da psicologia social, do turismo e do lazer para numa tessitura trans/interdisciplinar no intuito de percorrer caminhos que se entrecruzaram e me conduziram aos indícios apontados por esta pesquisa.

No processo de interpretação e análise dos dados dois eixos norteadores foram desvelados: *o primeiro eixo* se desdobrou na atividade em si revelando quais os significados sociais e pessoais constitutivos da mochilagem; *o segundo eixo* circunscreveu-se no sujeito produtor dessa atividade, com o objetivo de conhecer quais os sentidos e significados construídos pelos mochileiros em suas práticas.

A viagem de mochila compreendida como uma forma alternativa de viagem diante da indústria turística tensiona valores simbólicos que são gestados pela prática turística hegemônica.



Nesse aspecto, no imaginário social viajar representa a possibilidade de quebrar a rotina vivida no dia-a-dia, de conhecer lugares paradisíacos, de vivenciar distintas emoções, de conhecer outras culturas, etc. Os mochileiros comungam com estes desejos, porém os tensionam porque necessitam vivenciar esses valores planejando e realizando suas viagens de forma pessoal e não massificada. Para isso, adicionam a esses valores uma pitada de ousadia. Ou seja, os mochileiros não compactuam com a transformação das viagens em mercadorias a serem consumidas. Eles compreendem esta prática como uma experiência de vida na qual constroem significados que dão sentido à sua existência. De todo modo, reconheço que esses sentidos são produzidos e reproduzidos pela interação dialógica dos sujeitos em suas relações com o mundo.

O estudo desvelou quatro categorias constituintes do significado social e também pessoal das viagens de mochila. Essas categorias se interligam e se complementam constituindo o que Sorensen (2012) denominou de “cultura backpacker”. As categorias analisadas foram: a aventura, a liberdade, a experiência de alteridade e a sede do infinito.

Por meio dessas categorias foi possível compreender que esta forma de viajar suscita em seus praticantes o desejo de ir além do convencional, de transgredir o prescrito, de superar obstáculos, de acordar o herói adormecido que habita cada um, produzindo assim a emergência do sujeito (REY, 2003). Desse modo, a paixão pelo risco encontrado no desejo pela aventura permite ao sujeito, de forma singular, entrar em contato com sua possibilidade de agir, com sua liberdade de escolhas, inclusive, referente ao grau de risco que o mochileiro pretende assumir em sua aventura. Aventurar-se está na ordem do porvir, que como todo futuro, carrega em si muitas incertezas. Essa aparente dicotomia causada entre o planejamento para minimizar os possíveis imprevistos e o desejo de se aventurar, de se arriscar, Giddens (2002) denomina de risco calculado. Notei durante as entrevistas que os mochileiros são sujeitos mais confiantes, que seus medos servem de alimento para suas superações. Então essa capacidade de lançar-se no “mundão de Deus” exigia certa confiança. Essa confiança foi se constituindo à medida que os sujeitos interagiam com o mundo, com os Outros. Então pude inferir, que essas experiências de contato com o Outro, com o diferente, com o diverso proporcionado pela

viagem de mochila, que remete os sujeitos há um tempo-espaço descontínuo acarreta um duplo estranhamento no sujeito: a experiência de ser diferente de si e do Outro; e a experiência de estar diferente de si e do Outro (PEREZ, 2009). Desse modo, viajar, aventurar-se, colocar-se em risco, pode se constituir num momento de encontro consigo mesmo frente ao estranho, um reencontro do sujeito frente a uma sociedade que tenta aniquilar ou confundir a própria identidade pessoal, um processo de autoconhecimento proporcionado pela experiência de alteridade.

Se a viagem no imaginário social é “o símbolo de uma busca sem fim”, então essa pulsão da errância (MAFFESOLI, 2001) que lança o sujeito no vasto mundo em busca do autoconhecimento pressupõe que “a fronteira seja sempre adiada, a fim de que essa aventura possa prosseguir” (MAFFESOLI, 2001, p. 42) marcando a incompletude e o inacabamento do ser humano. Nesse sentido a sede do infinito, a busca por lugares inusitados, de difícil acesso, que tanto permeia cultura mochileira, possui uma significação do alcance de uma motivação pessoal, já que tudo cabe no ir além. Representa o infinito em sua plenitude.

Pode-se perceber a força do imaginário sobre o infinito nas imagens que foram escolhidas e capturadas pelos mochileiros para representar o “eu mochileiro”. Essas significações que foram captadas por fotografias no processo de construção metodológica deste estudo, traduziram e me conduziram a uma análise frente duas possibilidades: a representação social que o sujeito possui ao comprovar seu feito – eu estava lá. E a representação pessoal que é revelada pelo olhar do sujeito que escolhe, na mediação sujeito/mundo ao fotografar - o infinito.

O segundo eixo norteador dessa pesquisa teve como foco o sujeito em sua atividade. Para tanto, procurei investigar quais os sentidos e os significados construídos pelos mochileiros em suas viagens.

É importante compreender que mochilar mais do que uma forma de viajar representa um estilo de vida para os mochileiros. Esse estilo, que é subjetivo, se configura a partir da mediação sujeito-mundo à medida que ele elege para si experienciar atividades que se encontram no mundo das necessidades pessoais, que carregam em si rastros de

elementos que por afinidade ou repulsa vão aproximando ou afastando o sujeito daquilo que lhe convém. Essas necessidades representam suas motivações, seus desejos, seus propósitos desvelando a singularidade que toda atividade humana possui ao escapar de qualquer tentativa de padronização.

Mochilar remete a uma espécie de ruptura do cotidiano. Representa a liberdade de opção feita pelo viajante. Representa ainda a motivação do sujeito que busca a “experiência do ser”. Os experimentos são características elementares da existência humana. Desse modo, colocar uma mochila nas costas e partir rumo ao desconhecido representa para os mochileiros transformar o mundo no cenário para aprendizagens distintas e para a expressão da sua singularidade.

A experiência transgressiva carrega em si uma dimensão de risco. O risco de romper a ordem cria a possibilidade de viver a desordem e assim exerce a capacidade de todo sistema vivo, a autorregulação (MORIN, 1990). No entanto, a busca pela ruptura do cotidiano, antes de tudo, representa a expansão das possibilidades existenciais, é o sujeito reivindicando por sua singularidade.

Desse modo, posso inferir que os mochileiros possuem uma motivação para sua atividade que constitui a busca pelo autoconhecimento. Essa motivação não é específica da atividade, é uma motivação do sujeito, uma configuração única de sentido que participa da produção de sentido de uma atividade concreta, mas que não é alheia aos outros sentidos produzidos de forma simultânea em outras esferas da vida do sujeito. É importante compreender, também, que essas motivações não devem ser entendidas como algo natural e imutável. Ela pode mudar segundo as condições históricas, sociais e culturais do sujeito bem como por alguma acontecimento na vida social, como por exemplo o “casamento”.

Sendo assim, esses sujeitos que se autoidentificam como mochileiros, possuem alguns atributos psicossociais ratificados por esta pesquisa que permeiam a constituição do imaginário social da cultura mochileira. Apresentam uma forma de relacionar com o mundo que parece ser mais aberta e propensa a aprendizagens com a diversidade. Têm prazer em viver à aventura, enfrentando os riscos, as incertezas, os medos de forma

calculada. São sujeitos confiantes, ousados e corajosos. Tensionam o sistema capitalista vigente pela disposição de realizar de forma diferenciada, por suas atitudes menos consumistas e que, em muitos casos, se configuram a base de trocas. Como Bauman (2009) pontua, o aumento da quantidade de bens não é capaz de compensar a falta de outro bem de qualidade e natureza diferentes que só podem florescer em ambientes de relações humanas intensas e íntimas. “A expressão das relações humanas não é calculável por um valor de mercado. Há na ordem inversa desta pressão por precificação, manifestações que apostam em outros laços comunitários, estabelecendo outras formas de intercâmbio e de reciprocidade, esta, sempre localizada entre o individual e o coletivo”(FIGUEIREDO, 2008, p.40).

Essa necessidade de romper com a rotina da vida e com certas imposições sociais que os mochileiros possuem, reflete a angústia que os sujeitos contemporâneos vivem na atual sociedade. Percebe-se que o sujeito hoje tem uma infinidade de opções para qualquer coisa que deseje na vida, mas ao mesmo tempo, todos esses desejos estão vinculados a incertezas de sua satisfação. A força social para que a felicidade almejada seja alcançada mediante conquistas financeiras acentua o risco de ficar insatisfeito permanentemente.

Para os mochileiros pesquisados o fundamental é estar na estrada, pois a metamorfose pela qual o sujeito passa pela experiência e vivência em uma mochilada dá a ele a satisfação de ter realizado algo por conta própria, ter agido conforme seu desejo, ter tomado as suas decisões, possibilitando assim a emergência de seu sujeito ativo (REY, 2003; 2004). Desse modo, os mochileiros, como viajantes alternativos e independentes fazem a circulação de pessoas, de ideias, de culturas, proporcionando continuamente a dinâmica incontrolável do mundo.

Acredito na relevância deste estudo por compreender e relativizar a possibilidade que o ser humano possui de escolher, através de sua relação no mundo, práticas para vivenciar que propiciem a emergência do sujeito. A possibilidade de autoexpressar-se diante uma sociedade capitalista que impõe modelos hegemônicos para ser feliz e para viver, constitui uma rebeldia contra o modelo vigente, uma não aceitação das imposições

sociais, buscando alternativas diversas: seja pela transgressão, seja pela superação ou por outras formas de experimentar a vida em sociedade. Sendo assim, afirmo que a constituição do ser mochileiro está diretamente ligada à subjetivação dos sujeitos que elegem suas práticas mediadas no mundo por meio de uma atividade que produz sentido para sua existência.

Outras tensões e possibilidades foram levantadas por este estudo que, pelo propósito desta pesquisa ou pela falta de tempo, não puderam ser aprofundadas. Sendo assim, aponto como possível perspectiva para novas investigações uma análise mais profunda de como esses sujeitos mochileiros agem no cotidiano. Será que eles seguem tensionando o sistema vigente nas outras esferas da vida também? Suas relações no dia-a-dia são permeadas por outros processos de aprendizagem que divergem dos prescritos cotidianamente?

Espero com este estudo, aqui divulgado, que eu possa ter contribuído para ampliar a visão acerca do fenômeno lazer como uma possibilidade de fruição na qual o sujeito se torna responsável por suas escolhas e o faz tendo como referência sua relação pessoal/social, levando em conta sua história, sua cultura, suas experiências singulares.

## 7. REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução Alfredo Bosi. 21 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALVES, Vânia de Fátima N. **Os festejos do Reinado de Nossa Senhora do Rosário em Belo Horizonte/MG: práticas simbólicas e educativas**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicomaco**. Brasília: Editora UnB, 1985.

BABBIE, Earl. **The practice of social research**. 4th ed. Belmont: Wadsworth Publ., 1986.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **Histórias das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002. (coleção ABC do Turismo).

BIRMAN, Joel. Nas bordas da transgressão. In: PLASTINO, Carlos A. **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

\_\_\_\_\_. **A Arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BOAVENTURA SANTOS. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.2, n.2, May/Aug, 1988.

\_\_\_\_\_. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista crítica de ciências sociais**, v. 63, p.237-280, outubro, 2002.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, 2002.

BRAGA, Humberto F. Narrativas de si e da alteridade: o relato de viagem na obra "O Grande Bazar Ferroviário". In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 8., 2011, Balneário Camboriú. **Anais...** Balneário Camboriú: UNIVALI, 2011.

BUSSOLETTI, Denise; MOLON, Susana I. Diálogos pela alteridade: Bakhtin, Benjamin e Vygotsky. **Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPel**, Pelotas, v.37, p. 69 - 91, set./dez., 2010.

CARVALHO, Edgar. **Coleção Grandes Educadores** – Edgar Morin em DVD. São Paulo: Editora Atta, 2006.

COHEN, Erik. The Sociology of Turism: approaches, issues, and findings. **Ann. Rev. Sociology**, v.10, p.373-392, 1984.

DAWEY, John C. Sismologia da performance: ritual, drama e *play* na teoria antropológica. **Revista De Antropologia**, São Paulo, v. 50, n.2, p. 527-570, 2007. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/ra/v50n2/a02v50n2.pdf>.

DENZIN, N.K, Lincoln, Y.S. **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO ONLINE. Disponível em: <<http://etimologias.dechile.net/?aventura>>.

EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FIGUEIREDO, Silvio Lima. **Viagens e viajantes**. São Paulo: Annablume, 2010.

FIGUEIREDO, Silvio L.; RUSCHMANN, Doris V. de M. Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. **Novos Cadernos NAEA**, v. 7, n. 1, p. 155-188, jun. 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/issue/view/4>>.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, Tatiana F. da C. Particularidades da análise fotográfica. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.5, n.6, p.229-244, jan./jun. 2009.

GUATTARI, Felix. **Micropolíticas: cartografias do desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

GUSMÃO, N. M. M. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. **Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas**, julho, 1999. p. 41-77.

IANNI, Octavio. "A metáfora da viagem". In: \_\_\_\_\_. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 11-31.

JODELET, Denise. A Alteridade como produto e processo psicossocial. In: ARRUDA, Angela (org). **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2001.

LABATE, Beatriz C. A experiência do "viajante-turista" na contemporaneidade. In: SERRANO, C., BRUHNS, H. T. e LUCHIARI, M. T. D. P (orgs.). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Papirus, Coleção Turismo, 2000. p. 55-80.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. 19 reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LE BRETON, D. **Passions du Risque**. Paris: Métailié. 1996.

LEONTIEV, Alex N. Las necesidades y los motivos de la actividad. In: **Psicologis**. México: Grijalbo, 1960.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução e análise**, 2 ed. São Paulo: Atlas, v.2. 1994.

MAYER, A.C. A importância dos quase grupos nos estudos das sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO (org.) **Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p.139-170.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARCONI, M.de A., LAKATOS, E.V. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 1999.

MARQUES, Walter E. U. **Infâncias (pré)ocupadas: trabalho Infantil, família e identidade**. Brasília: Ed. Plano, 2001.

\_\_\_\_\_. Lazer, pesquisa e interdisciplinaridade: algumas reflexões acerca do contexto atual das produções acadêmicas. **Licere.**, Belo Horizonte, v 15, n. 2 , junho 2012.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naif, 2003

MENEZES, José N. C. **História & Turismo cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.



MOLON, Susana Inês. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. São Paulo: Educ, 1999.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Paris: Instituto Piaget, 1990.

\_\_\_\_\_. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

OLIVEIRA, Maria Rosa D. A viagem em Guimarães Rosa: espaços nômades entre alteridade e identidade. **Revista Cerrados**. v. 34, n.21, 2012. Disponível em: [www.revistacerrados.com.br/index.php/revistacerrados/article/.../34](http://www.revistacerrados.com.br/index.php/revistacerrados/article/.../34).

PEARCE, Philip L; LOCKER-MURPHY, Laurie. "Young Buldget Travelers: Backpacker in Austrália". **Annals of Turism Reaserch**, v.22 n. 4. p. 819- 843, 1995.

PEREZ, Lea F. Festas e viajantes nas Minas oitocentistas, segunda aproximação. **Revista De Antropologia**, São Paulo, v. 52 n. 1, p.290- 338, 2009.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. Lisboa: Ática, 1982

PLASTINO, Carlos Alberto org. **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.

PÓLO, Marco. **O livro das maravilhas**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

PORTAL SÃO FRANCISCO. Disponível em: <[www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/mitologia-grega/hermes.php](http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/mitologia-grega/hermes.php)>. Acesso em: agosto 2012.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

REY, Fernando L. G., As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Revista Psicologia da Educação**. São Paulo, v. 24, p. 155-179, 2007.

\_\_\_\_\_. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Pioneira, 2003.

\_\_\_\_\_. **O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito**. Petrópolis: Vozes, 2004.

RICOEUR, Paul. **The Symbolism of Evil**, trans. Emerson Buchanan. New York: Harper and Row, 1967.

\_\_\_\_\_. **Interpretação e ideologia**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

ROBBINS, Lionel. **Teoria da Política Econômica**. São Paulo: Ibrasa, 1972.

SAHLINS, Marshall. D. **Cultura na Prática**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

SERRANO, C. Bruhns, H.; Luchiari, M. (Org.) **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas: Papyrus, 2000. (Coleção Turismo).

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SORENSE, Anders. Backpacker Ethnography. **Annals of Tourism Research**, v. 30, n. 4, p.847-867, 2003.

SZYMANSKI, Heloisa. A entrevista reflexiva. **Revista Psicologia da Educação**, v.10/11, p. 193-215. 2001.

SZPACENKOPF, Maria I. O. Um Espaço para a instituição e para a transgressão. In: PLASTINO, Carlos A. (org.) **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

VIEIRA, C., Lima, E. **Metodologia da Investigação Científica – Caderno de texto de apoio**, 6 ed. Coimbra, 1998.

VYGOTSKY, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. A consciência como problema da psicologia do comportamento. In: **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

**ANEXO 1****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

O(a) Sr(a) foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada: A Experiência de Mochileiros: Sentidos e Significados em uma Dinâmica de Lazer na Sociedade Contemporânea, que tem como objetivos: Investigar os sentidos e significados construídos pelos Mochileiros em suas práticas de viagens. Este é um estudo baseado em uma abordagem histórico-cultural, utilizando como método a pesquisa exploratória.

A pesquisa terá duração de 2 ano, com o término previsto para fevereiro de 2013.

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento o(a) Sr(a) pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador nem com a instituição que fomenta a pesquisa.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevista semi-estruturada. A entrevista será gravada em mídia digital para posterior transcrição – que será guardado por dois (02) anos e deletada após esse período.

O(A) Sr(a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada a sua participação. O benefício relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área interdisciplinar em Lazer.

O(A)Sr(a) receberá uma cópia deste termo onde consta o celular/e-mail da pesquisadora podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento: **e-mail defalcao@terra.com.br.com e/ou telefone (0xx31) 9985-1622** ou através do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP), localizado à Avenida Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2005 – Campus Pampulha - Telefone (0xx31) 3409-4592.

Desde já agradecemos!

---

Prof. Dr. Walter Ude - Orientador da pesquisa

---

Denise Falcão - Mestranda

Belo Horizonte, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Sujeito da Pesquisa: \_\_\_\_\_(assinatura)

## **ANEXO 2**

### **Roteiro das entrevistas**

- 1- Em que época de sua vida você imagina ter começado a mochilar? O que te influenciou para iniciar esta prática?
- 2- O que te motiva a viajar de mochila?
- 3- Como você planeja suas viagens? Como você escolhe seus roteiros? Que tipo de instrumentos e/ ou informações você utiliza para a organização das viagens?
- 4- Você já passou alguma situação difícil durante alguma viagem? Que tipo?
- 5- Você já viajou sozinho? Como você vivência esta opção?
- 6- O que representa mochilar para você?
- 7- Mochilar é uma prática de lazer? O que é lazer para você?
- 8- O que você gostaria de falar sobre mochilar e/ou mochileiro que ainda não conversamos nesta entrevista?